

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa:
Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

A Exclusão Branda do Homossexual no
AMBIENTE ESCOLAR

Autora: Lisete Bertotto Corrêa
Orientadora: Marlene Ribeiro

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em Educação.

Porto Alegre, inverno de 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa:
Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

A Exclusão Branda do Homossexual
no AMBIENTE ESCOLAR

Projeto de Dissertação de Mestrado

Orientadora: Marlene Ribeiro

Autora: Lisete Bertotto Corrêa

Porto Alegre, inverno de 2003.



Dedico esta dissertação para minha amiga e Orientadora Marlene Ribeiro. Para meus pais Rui Hengist Corrêa e Nilda Bertotto Corrêa.

Agradecimentos

Eternamente grata:

Profª Sandra Mara Corazza

Profª Eliane Pardo

Aos queridos professores:

Carmem Craidy

Carmem Machado

Luís Carlos Rigo

Luíz Antonio de Assis Brasil

Ana Maria Peterson

“Povo” de revisão: Érica, Rui, Lucas, Cris, Nana.

Amigos: Adriana Xaplin, Cláudio Paulo, Evandro, Jorge Maltone, Luzia, Daniel, Márcia, Gilnei, Magali, Fausta, Bruno, Daliana, Marquinho, Andréia, Antônio, Hilda, Eduardo, Amélia, Gládis, Guta, Danilo, Renato, Leila, Neuzinha, Lizete, Beta, Inês, Clarice, Irene, Teodoro, Luciane Corte Real, Jack, Raquel, Isabel, Cleber, Carlos, Chico, Eliane, Bonamigo, Giorgina, Carla, Alexandre e Rosalba



Sumário

I – PRELÚDIO DE UMA ESTRADA.....	1
A pesquisadora e seu objeto.....	1
Metodologia da dissertação.....	13
Visitas às escolas.....	27
Histórias de vida.....	34
II – TEMPO, ESPAÇO E TEORIAS.....	39
A escola e seu contexto	39
Como mitos da vida social podem entrar na escola.....	46
Modernidade: uma era de direitos (quase suspeitos).....	51
III – HOMOEROTISMO: VIAJANDO NA HISTÓRIA.....	58
Estrangeirismos, desconhecimento e intimidade	58
A escolha de Nicolau	81
O amor grego e outros amores	84
Terra Brasilis, inquisição e higienismo	86
IV – CARTOGRAFANDO IMPRESSÕES	91
Pós – Scriptum.....	121
Referencial Bibliográfico.....	123
Sites Consultados	132
Bibliografia Consultada	134
V – ANEXOS.....	136



RESUMO

A investigação, inscrita no campo das ciências humanas, problematiza as categorias inclusão/exclusão no que refere ao contexto escolar. Estar incluído é apenas estar matriculado e freqüentar a escola? Mais do que estar no grupo é necessário o sentimento de pertença. Sem este, dificilmente o sujeito se sentirá integrado aos demais. Meu recorte de pesquisa vai focar a Exclusão Branda do Homossexual no Ambiente Escolar nos primeiros anos do século XXI, uma era de muitos direitos, especialmente em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, que já vinha há quatorze anos de uma experiência de administração política de esquerda, naquilo que diz e no modo como opera em relação à educação. Trazemos para as Universidades, as ruas e os parques da cidade o Fórum Mundial da Educação. Povoamos de juventude de todas as partes do mundo, a orla do Guaíba, do Gasômetro ao Portal do Sol no Parque da Harmonia. O mundo esteve em Porto Alegre em janeiro de 2003. Sem dúvida o discurso político neste momento é o da inclusão. É o contexto do "politicamente correto" que chegou até nós, "emergentes", como subproduto cultural dos países "emergidos". Meu objeto de pesquisa é o alcance da operacionalização dos temas transversais (temáticas formadoras de cidadania) referentes aos direitos humanos que deveriam perpassar por todas as matérias do ensino fundamental e do médio, no que se refere à livre orientação sexual. O discurso político das liberdades individuais, a mudança nos costumes, na legislação, a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA –

2000) e os anos de construtivismo baseado na Epistemologia genética de Piaget (1976) e nas teorias de educação libertadora de Paulo Freire ¹, modificaram, no espaço escolar o preconceito contra os jovens que preferem namorar ou “ficar” com pessoas do mesmo sexo?.

Este estudo não tem como foco a identidade homossexual. Porém, será necessário atravessar alguns milênios e invadir o campo da História, da Sociologia, da Filosofia e da Antropologia, para entender porque a Modernidade, uma época de tantos direitos, mantém esse preconceito sobre a questão homossexual. Relacionar este entendimento com a concepção do sujeito “normal” e seus desviantes, a influência do Higienismo e a escola como instituição normatizadora constituem o campo teórico desta investigação. Trata-se de uma pesquisa de caráter histórico, que se serve de uma estratégia analítica inspirada nas proposições de poder/saber, subjetividade de Michel Foucault e na obra filosófica de Gilles Deleuze, embora não exclusivamente, para a mediação das histórias de vida de homossexuais mais velhos fazendo o contraponto com a análise do contexto das escolas visitadas .

¹ Não é meu objetivo aqui aprofundar a crítica às teorias que têm fundamentado o construtivismo para o qual serviram algumas idéias de Paulo Freire, mas trazer elementos que influenciaram o contexto histórico da escola nos últimos anos tais como o construtivismo, a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a adesão do Brasil ao PIDESC (Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais) e o cenário internacional de uma era de direitos.

ABSTRACT

This research, regarded as a part of human sciences, has as a target to confront inclusion/exclusion as categories at school context. To be included is just to be matriculated and attend to school? More than being in a group, it's necessary to have a feeling of belonging. Without this, hardly one would feel as being part of a group. This research specifically is aimed at "soft" exclusion of homosexuals at school environment, in the first years of century XXI, an era of many rights, specially in Porto Alegre that at the time had already an experience of 14 years under a leftist political administration in regards to how to deal with education. World Forum of Education had place at universities, streets and parks of the city. Young people of all over the world could be found at the margins of our Guaiba river, and in places as the "Gasometro" and "Portal do Sol" at "Parque da Harmonia". The world was in Porto Alegre in January of 2003. No doubt, political speech on this moment is "inclusion", that reached us, "emerging countries", as a cultural byproduct. The object of the research is the range of "Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 2000)" (Statute for Children and Adolescent – 2000) and the years of Construtivism, based on Piaget's genetic epistemology (1976), and on Paulo Freire's liberating education theories, all this changed, at school, preconception against young people that choose to have a boy or a girlfriend of same sex?

This research is not aimed at sexual identity. However, it will be necessary to cross over a few thousand years and invade the fields of history,

sociology, philosophy and anthropology, to understand why modernism, a time of so many rights, keeps the preconcept on sexual question.

To make a relation between this understanding and this conception of “normal” people and deviations, the influence of hyegenism, and school, as a normative institution, are the theoretical purposes of this investigation. It’s a research of historical character, that uses an analitic strategy inspired on propositions of power/knowledge of subjectivity of Michel Foucault and on philosophic work of Giles Deleuze, although non exclusively, to make a theoretical mediation of life histories of two older homosexuals, making a contraposition to analyze the context at schools that were visited.

I – PRELÚDIO DE UMA ESTRADA

É doloroso não conseguir ser o centro irradiante de sua geração; de uma geração; não ser um centro irradiante; não ser centro; não irradiar. O que pode vir a ser, e não é. Me deslumbra, mergulho nessa vida, abismado, buscando o que? A mim; negando, para vir a ser. (Brandão, 1988, p.157)

Não há nenhuma dúvida de que é inconcebível uma sociedade sem restrições, mas só posso repetir que essas restrições hão de estar ao alcance daqueles a quem elas afetam. De sorte que estes disponham pelo menos da possibilidade de modificá-las. (Foucault, 2000B, p.27)

1- A pesquisadora e seu objeto

Como a Exclusão Branda da Homossexualidade foi parar na minha vida como objeto de pesquisa da minha dissertação de mestrado? Desde a graduação em Ciências Sociais eu já havia decidido que minha linha de pesquisa no mestrado seria a da exclusão social. Na preparação para as provas de seleção e nas disciplinas que cursei como aluna sem vínculo, tive a oportunidade de constatar o grande volume de literatura sobre a exclusão da escola de alunos pobres, pessoas portadoras de necessidades especiais, dos

negros e os poucos livros referentes às pessoas com orientação sexual diferente da considerada “normal”.

O paradigma da exclusão tornou-se categoria - chave em praticamente todas as ciências humanas, nos discursos políticos, intelectuais, médicos e até jurídicos. O humano só, desvinculado de seus laços amorosos, fica triste, doente, amargo e agressivo. Os postos de saúde da rede municipal oferecem, em seus serviços, grupos de convivência para idosos. Os geriatras “descobriram” que os idosos adoecem menos quando freqüentam algum grupo de seu interesse. O Programa de Redução da Violência (em Porto Alegre o projeto piloto é na Restinga) trabalha com formação de grupos de trabalhos, (artes e convivência), iniciativas que reduziram a criminalidade muito mais do que o policiamento intensivo. Confesso que meu maior desejo neste momento é estar num grupo de pesquisadores cujo objeto de pesquisa seja o dispositivo poder/saber/subjetividade de exclusão branda, no sentido foucaultiano. Cada um empenhado em retirar as máscaras dos mecanismos que atuam na Exclusão Branda.

No campo escolar, o paradigma da exclusão comporta duas categorias. A exclusão da escola é diferente de exclusão na escola. O professor Alceu Ferraro vem utilizando essas categorias há mais de quinze anos em seus estudos sobre analfabetismo e escolarização. Esta diferenciação foi necessária para separar as distintas realidades da categoria. O aluno que ainda não entrou ou já saiu está excluído da escola. Quem é excluído dentro do próprio processo escolar está excluído na escola.

Na realidade esta é uma forma de exclusão, com a diferença que, aqui, os excluídos, ainda estão no processo de escolarização, ainda

não entenderam com clareza que estão no lugar errado. (Ferrari, 1987, p.93)².

A exclusão na escola remete diferentemente à exclusão dentro do próprio processo escolar. Categoria classificada por mim como **exclusão branda** e que será o fio condutor deste estudo. Podemos começar pelas publicações que constituem o referencial teórico sobre a temática da orientação sexual. Um referencial de difícil acesso, raro, perto dos que falam da exclusão social econômica e da exclusão dos valores afro, em detrimento aos valores eurocêntricos (as publicações que, em sua maioria, têm menos de dez anos e demonstram a força da voz do movimento negro).

Se o “silêncio” sobre o tema já é uma forma de exclusão, escrever, também de forma silenciosa, pode ser uma tática eficaz para captar algumas impressões mais fortes.

Foram diversas as reações dos educadores que passaram pelo trajeto da pesquisa até agora! Reações que transitaram entre o mal - estar, o suspiro, o olhar de esperança, a palavra de apoio ou o riso de deboche só ao ouvir uma conversa sobre orientação sexual. Seria esta temática tão excluída que nem a exclusão quer falar dela? Então é desse silêncio de que vou me ocupar, colocando-o como mais um desafio, escrever, silenciosamente, aos berros. “Uma escrita silenciosa produz uma atenção concentrada e algo como um estar voltado para si mesmo, mas tem outra qualidade, não menos importante, fazer com que o mundo pareça aberto”. (Larrosa, 2000, p.49)

1.1 - O roteiro da infância

² O Professor Alceu Ravello Ferraro , brasileiro, ao requerer a cidadania italiana, foi obrigado a trocar o nome de família Ferrari para Ferraro. No texto acima citado o sobrenome ainda era Ferrari.

Segundo o depoimento dos meus pais, avôs e tios, fui, desde que nasci, uma criança atípica. Adorava criar. Minha mãe e avó materna eram excelentes contadoras de histórias. A “Nona” adorava contar a saga dos imigrantes italianos. Suas lutas numa Europa pobre, a coragem de partir para a América, as dificuldades da chegada, a construção de colônias rurais e cidades num outro país.

Essas primeiras impressões de vida foram decisivas para a descoberta de possibilidades de vida. Minha mãe é uma pessoa objetiva (nela predominam os argumentos lógicos) e por isso tinha uma relação de tensão com minha avó (pura emoção). Um conflito que me marcou foi à questão dos ovos. A nona era camponesa e criava galinhas. Um dia alguém foi comprar ovos sem dinheiro e a Nona cedeu os ovos – prática comum na vida dela. Minha mãe tentou argumentar a importância do dinheiro para comprar ração e outros gastos necessários à granja. Não adiantou nada. Para a Nona, as galinhas colocavam muitos ovos e as pessoas precisavam comer. A lógica capitalista não tinha sentido para ela. Como mais tarde passou a não ter para mim. O modo de ser dessas duas mulheres foi o primeiro e, acredito, o meu mais importante referencial feminino.

Antes dos seis anos eu já havia decorado vários livros. Não sabia ler uma palavra isolada, mas sabia de cor e salteado todas as histórias que já haviam passado na minha mão. Um pouco pela paciência dos meus pais de lerem várias vezes as histórias e outro pelo prazer de fazer a minha releitura das histórias. Minha casa era uma casa de muitas crianças, três irmãos e pelos menos dez pequenos visitantes das redondezas que vinham para brincar. Até hoje a família comenta um fato ocorrido em Santos, no estado de São Paulo, onde estávamos a passeio. Era meu aniversário de oito anos, e eu estava triste. Pela primeira vez as minhas amiguinhas não estariam na minha festa de aniversário. Meu tio disse para eu convidar algumas crianças do prédio. E foi o que fiz. Compareceram à festa mais de trinta crianças, num apartamento de um

quarto e sala. Minha família não conseguiu entender como eu, estando há dois dias em uma cidade estranha, já conhecia tanta gente. Foi uma correria nas padarias para conseguir mais bolo e salgadinhos. No fim foi muito bom.

Ganhei um monte de presentes e tive vários amigos até o fim da minha estada em Santos. É mais ou menos assim: o olho bate uma foto e registra a pessoa, o movimento e a situação.

Coloco estes fatos, não como manifestação do ego, mas para situar o leitor em uma “habilidade” minha. A capacidade de fixar nomes, datas, rostos, presenças e ausências. Enfim, registrar na memória o que passou. Peço um pouquinho de paciência, para fazer o relato de como se processam os meus registros, “fotografando” mentalmente as personas e situações que passaram na minha vida.

Anos depois, quando eu era professora da FUNDASUL, já na segunda semana de aula, eu chamava os alunos pelo nome. Impressionados, os alunos quiseram me testar e pediram-me para nomeá-los. Acertei o nome de todos, menos de um, o que não estava na aula no primeiro dia. Os alunos ficaram contentes, sentiram-se valorizados e trabalhamos muito naquele semestre. Naquele dia, ouvi com atenção a queixa de muitos, que na maioria das vezes, nem no fim do semestre o professor sabe o nome dos alunos.

Eu estudava em colégio público e tinha colegas muito pobres. Na primeira série a maioria dos alunos era negra; muitas vezes, dei minha merenda para os que nada tinham para comer. Eu já estava na segunda série quando o governo começou a mandar a merenda escolar. Na terceira série havia poucos famintos e na quarta nenhum mais. Eu achava que eles tinham mudado de colégio. Foi duro entender que eles tinham parado de estudar e haviam sido excluídos do sistema escolar. Na quinta série o público era outro, apesar de ser

a mesma escola. Das 12 turmas que entraram comigo na primeira série³ restavam duas. As crianças eram na sua maioria brancas, compravam sua merenda no bar e usavam o mesmo tipo de roupa que eu. Meus colegas pareciam não se importar muito com a mudança, com o destino de tantos colegas que haviam saído do colégio. Ocasionalmente, alguém falava de um colega que tinha saído da escola, mas era só. Eu não sabia o quê, mas tinha certeza de que havia algo errado. O que eu mais ouvi era que o “filho de pobre” tinha que trabalhar cedo. Naquela época eu já era a roteirista da turma. Escrevia e dirigia os esquetes para o dia dos pais, das mães, da Páscoa, do Natal e outras datas emblemáticas. Fui me aproximando das pessoas mais sensíveis que também gostavam de teatro e poesia.

A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode ser antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro. (Larrosa, 2000, p.53).

Entre a sexta e a oitava série algumas colegas deixaram de estudar para casar e logo ganharam bebê (mais uma forma de exclusão que é escamoteada). Novamente o silêncio sobre os que foram. Quantas ausências, eu criança, registrei na memória. Somente agora, quando faço este projeto, é que entendi a importância deles. A certeza que eu tenho é que eles estão na minha razão e na minha emoção. Posso ver o rosto e o nome de muitos... Eles estiveram na escola e poderiam ter permanecido.

1.2 - O roteiro adulto - Um questionamento de difícil construção

No começo dos anos 80 entrei na UFRGS. Com a dificuldade de conseguir concentrar o horário da faculdade num só turno tive que desistir do

³A quantidade de crianças era tão grande que foram criados três turnos. Das 08h às 11h, das 11h às 14h e das 14h às 17h.

emprego fixo e descobrir uma fonte de renda autônoma. Comecei a trabalhar com Pesquisa de Mercado, pela possibilidade de flexibilizar os horários. Alguns colegas deste segmento de trabalho eram homossexuais. “Optaram” por este tipo de atividade pela dificuldade de conseguirem uma colocação.

Muitos tinham parado de estudar. A maioria morava longe da família (mesmo os que tinham família em Porto Alegre). Era impossível para eles continuar a morar em casa e exercer a sua orientação sexual. As mães “não sabiam” do comportamento homoerótico de seus filhos. Um caso que me marcou foi o de um rapaz que vou chamar de Marcos. Toda vez que os pais dele vinham do interior do estado, as roupas do seu companheiro eram retiradas do quarto e ele tinha que sumir de circulação até que os pais do Marcos fossem embora. A maior queixa dos meninos era a exigência que a família fazia de uma namorada. Com o tempo passei a fazer a supervisão das pesquisas e os meninos começaram a freqüentar a minha casa. Tive que matar um “tigre” por dia para que meus irmãos e amigos respeitassem meus colegas. Um menino que eu gostava muito, o Luisinho, comentou que tinha encontrado meu irmão mais velho em Camboriú, porém ele não o reconheceu, já que não o cumprimentara mesmo tendo cruzado várias vezes por ele. Estranho, pois Luisinho almoçara várias vezes na minha casa. Quando fui cobrar do meu irmão, ele me disse que se cumprimentasse o menino na presença dos colegas do banco aonde trabalhava, estaria desmoralizado para o resto da vida. O pior é que todos os meus amigos, primos, e até o meu namorado, achavam isso certo: mostrar intimidade com um homossexual em público era dar margem a falatórios.

Depois de formada, minhas experiências profissionais e culturais foram bem diversificadas. Sou graduada em Ciências Sociais e fiz o curso de Especialização em Metodologia do Ensino; lectionei em escolas do ensino fundamental, médio, cursos supletivos e em uma instituição de ensino superior. Concomitantemente, fiz cursos na área do teatro, cinema e literatura. Trabalhei

com arte-educação, levando o teatro a várias escolas. Escrevi várias peças teatrais infantis e juvenis; trabalhei com mais de trinta atores (vários homossexuais) e o grupo fez 183 apresentações em Porto Alegre, Grande Porto Alegre e interior do Estado (RS). A maior parte dos (as) educadores (as), mostrava-se amável e atenciosa com os atores homossexuais e completamente confusos (as) em sua relação com os alunos com essa tendência (manifesta ou latente.)

A experiência de gerenciar um grupo de teatro despertou em mim um outro saber, uma sensibilidade diferente ao olhar o humano e para aspectos específicos que provém de sua humanidade. O convívio entre diretor e ator exige confiança, entrega e troca de sentimentos. A composição de um personagem exige por parte do ator um trabalho de pesquisa para montar um perfil emocional. Pesquisa realizada na observação do outro (laboratório) e nos exercícios de psicodrama e sensibilização, onde são manipulados sentimentos e emoções. Depois de algumas catarses, um pouco dramáticas, no processo grupal de construção da personagem, optei por entrevistas individuais com os atores durante e após o seu período de laboratório. E foi a riqueza dos detalhes que fluíram naquelas entrevistas, com recortes de vida cheios de dor, lamentos e tristezas, o desencadeador que permitiu um olhar mais atento sobre a orientação sexual. Ou seja, ela passou a fazer parte da **pasta dos meus registros emocionais** sobre exclusão social.

Realizei várias oficinas de capacitação para professores, desde a pré-escola, até educadores que atuam no ensino superior. Os momentos de sensibilização deram-me acesso a outro tipo de informação que o cotidiano escolar dificilmente deixa transparecer.⁴ A grande dificuldade de manejo das temáticas formadoras de cidadania, por parte dos educadores, como

⁴ Com certeza são dois momentos de atuação no ambiente escolar. O primeiro como professora sempre foi muito mais formal do que o segundo. Em arte-educação consegui resultados mais positivos. Os educadores falavam de seus medos e suas ansiedades de uma maneira bem mais solta e tranqüila.

intolerância, preconceito, sexualidade, orientação sexual (de colegas e alunos), acaba excluindo muitos alunos (as), de uma maneira sutil, quase imperceptível, (por isso branda) do sistema escolar.

São situações constrangedoras, cheias de sofrimento e mágoa que poderiam ser evitadas, desde que os educadores tivessem a capacidade de manejo da situação e a sensibilidade apropriada para apaziguar este tipo de conflito. Os contatos, mesmo os breves, proporcionaram-me um quadro muito selvagem, de preconceito e intolerância nas demonstrações de comportamentos que pudessem ser interpretados como homossexuais. E, geralmente, envolvendo casos de meninos.

Ao optar pelo recorte de pesquisa da exclusão de homossexual pensei, inicialmente, em abordar o feminino e o masculino. A escassez da bibliografia sobre o assunto e a percepção de que se tratavam de dois mundos diferentes me fizeram mudar de idéia. E foi a necessidade de delimitação do foco de pesquisa, aliada a já familiaridade que vinte anos de convívio com homossexuais masculinos me proporcionara, que me permitiu optar por este foco específico. Como pesquisadora posso, em outra ocasião, estudar as práticas homoeróticas femininas. Seria outra dissertação ou tese. As demonstrações de carinho de duas meninas não são vistas da maneira pejorativa como entre dois meninos. A sexualidade feminina vai ser abordada novamente nas mudanças da modernidade, no item gramáticas do erotismo em uma sociedade analfabeta.

Trabalhei na área técnica da FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania), onde assessorei a Coordenação da Rede Básica da Fundação e fui supervisora do CESMAPA (Centro Comunitário da Vila Mapa). Integrei a equipe de SASE (Serviço Sócio Educativo em Meio Aberto). Trabalhamos com crianças e adolescentes entre 07 e 18 anos em alto risco de vulnerabilidade social. Faço parte do GTAA (Grupo de Trabalho de Ações Anti-

Racistas). Esse trabalho é um desafio permanente, pois há muitos projetos e poucos recursos materiais e humanos, muitos usuários dos programas e serviços e uma demanda reprimida enorme para ser atendida. Formada em Ciências Sociais transitei na área da educação e da cultura e acabei na Assistência Social. É diferente de tudo que eu já tinha feito até então.⁵ A Área Técnica planeja e coordena ações de inclusão social. Precisamos de muitas respostas para inúmeras questões. Coragem, garra, competência e articulação com as outras políticas para minimizar os efeitos perversos do neoliberalismo que joga milhares de pessoas na exclusão. É necessário resistência à frustração. Trabalhamos com processos de resgate complicados e muito lentos. Às vezes tenho a impressão de que sopramos uma brisa, às vezes um vento mais forte, contra um furacão que continua jogando muitos fora dos diferentes círculos de relações sociais, que permitem às pessoas estabelecerem seus pertencimentos grupais, afetivos e intelectuais.

A Fundação tem programas como o SASE (Serviço de Apoio Sócio-Educativo em Meio-Aberto) e o NASF (Núcleo de Apoio Sócio Familiar). Em 2001 criamos o GTA (Grupo de Trabalho de Ações Anti –Racistas.) Este deveria ser o primeiro de três grupos de trabalho juntamente com O GTG (Grupo de Trabalho de Gênero) e o GTLOS (Grupo de Trabalho de Livre Orientação Sexual). A coordenação do GTLOS achou melhor integrá-lo ao GTG, pois um Grupo de Trabalho tão “explícito” poderia inibir as pessoas. Enfim, o grupo não foi constituído, apesar de todos os problemas sérios que enfrentamos na Fundação, como crianças e adolescentes “acusados” de homossexuais, fora da escola, expulsos de casa, em situação de rua e até albergados nos abrigos da FASC. Finalizo a apresentação da pesquisadora e seu objeto, retomando a pergunta inicial, ou seja, como a questão da exclusão branda do homossexual virou o enfoque principal da minha dissertação de mestrado. Todo ato criativo pressupõe o trabalho de quem o fez, a doação

⁵ Atualmente estou trabalhando na Descentralização da Cultura – Secretaria Municipal de Cultura.

necessária para que esta criação possa existir. Muitas pessoas, amigos e colegas do Mestrado perguntaram-me porque escolhi o recorte da Exclusão Branda do Homossexual no Ambiente Escolar. Posso responder, em primeiro lugar, que dedico grande parte da minha vida à luta contra a exclusão, seja ela de gênero, etnia, classe social e orientação sexual. Já mencionei neste capítulo (ver um roteiro de difícil construção)

O mundo não existe anteriormente a uma forma que lhe dê o seu perfil. Ou existe como algo amorfo, desordenado e sem delimitações e, portanto, sem sentido. Não há experiência humana não mediada pela forma e cultura é justamente um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de forma que delimitam e dão perfil às coisas, às pessoas e a nós mesmos. (Larrosa, 2000, p.49).

Alguns colegas do Mestrado ficaram fascinados, outros me aconselharam a escolher algum corte menos complicado. Já houve quem argumentasse que não ficava bem para mim este tipo de recorte. Por personalidade e formação, enigmas funcionam para mim como forte estímulo à pesquisa. Sou curiosa e estou curiosa para entender porque os educadores pensam que o recorte da exclusão do homossexual possa ser menos “digno” de que outras categorias de pesquisa.

A hierarquia dos objetos legítimos, legitimáveis ou indignos é uma das mediações através das quais se impõe a censura específica de um campo cuja independência está mal afirmada com relação às demandas da classe dominante, pode ser ela própria a máscara de uma censura puramente política. (Bourdieu, 1998, p.35).

Uma das experiências mais marcantes do Mestrado até agora foi ouvir um grupo de pessoas conversando sobre a exclusão branda numa mesa do bar próxima a minha (na Faculdade de Educação). Elas estariam falando sobre a minha dissertação? Quando ouvi o nome da minha orientadora, fui

conversar com elas. Era da minha pesquisa que elas estavam falando. Estavam afetadas pelo recorte escolhido, eram professoras e sabiam como a exclusão poderia ser tão branda e educada que só restava ao agredido calar ou sair. Foi alentador saber que outras pessoas compartilhavam do meu “olhar de vida”. Receita de produção de conhecimento não existe, mas sim a possibilidade de buscá-lo nas experiências que a vida nos oferece.

A cultura e especialmente a linguagem é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma converte-se em fórmula, e, bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado, tudo parece de tal modo despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida. (Larrosa, 2000, p.49).

É preciso uma dose de coragem para perceber as crueldades da falsa inclusão, gritar aos insensíveis que se pensam cômicos ao fazer rir alguns menos esclarecidos com piadas sobre negros, pessoas portadoras de necessidades especiais, judeus, mulheres e homossexuais. Novamente me reporto ao silêncio: não rir de piadas infames pode ser um poderoso instrumento contra o agressor. Silenciar também é gritar.

A definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que muitas coisas boas de se dizer não sejam ditas e com que temas não dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vicioso. (Bourdieu, 1998, p.35).

Preconceitos e tabus refletem valores sociais, não há dúvida. Porém, ao acontecerem no espaço escolar, eles deverão ser trabalhados. Os educadores não podem ignorar este tipo de agressão, pois ela faz parte da repressão ao próprio direito de decidir a sua orientação sexual e a sua vida. O direito a escolha de ter ou não uma religião, uma filosofia e um modo de vida

faz parte daquela pessoa. Pode ser uma categoria de valor. Mas valores fazem parte do indivíduo. Viver a experiência do Mestrado e da Dissertação fez com que esses valores emergissem, só que numa outra linguagem. O pesquisador jamais poderá estar totalmente imune à carga de conceitos e preconceitos que possui. Assim o tema escolhido reflete também uma História de Vida, a da própria pesquisadora.

2 - Metodologia da dissertação

Qualificado o projeto da dissertação, fizeram-se necessárias algumas mudanças relacionadas às minhas intenções iniciais de estudo, alguns fios soltos necessitavam de costura. Um dos grandes desafios a vencer, no que se refere à metodologia, é o uso da história oral como metodologia e como esta pode ser mediada pelo olhar de Foucault e de Deleuze. A intermediação de Deleuze não estava prevista no começo dessa investigação. Não tenho explicação no momento para isto, estou em fase do conhecimento da filosofia de Deleuze e estou fascinada por ela. Simplesmente aconteceu.

2.1 - histórias de vida

Como ferramenta, as histórias de vida de Dorian e Nicolau problematizaram sentimentos e comoções que impulsionaram minha entrada no labirinto da obra de Foucault. Durante meses pensei nas teias da intolerância que promovem os movimentos da exclusão branda no ambiente da escola. Tentáculos afiados que cortam e expulsam, apesar da garantia constitucional dessas crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Este foi o principal desafio da dissertação, que procurei alicerçar neste trabalho de pesquisa.

Nessa investigação o conceito **homossexual** refere-se ao adjetivo dos sujeitos que sentem desejo por pessoas do mesmo sexo. Independentemente de como estes ou a sociedade os concebe ou percebe. O conceito **homoerotismo** refere-se às práticas sexuais envolvendo pessoas do mesmo sexo para obter satisfação erótica.

2.2 - História oral

A rota principal desta viagem é trabalhar com a história oral através dos depoimentos de dois sujeitos, Dorian e Nicolau, que sofreram na pele o processo de Exclusão Branda, em função de sua orientação sexual. A tarefa de mexer em lembranças, às vezes doloridas, requer tato, tempo e uma infinita paciência. O pesquisador não vai encontrar imagens de cera virgem, prontinhas para serem encaixadas em suas necessidades de pesquisa. Bem ao contrário, no depoimento dos sujeitos entrevistados, ao “puxar o arquivo”, a memória traz, junto com as recordações, um profundo abalo emocional, muitas vezes sendo necessário um tempo para voltar a um assunto tão delicado. As primeiras entrevistas foram quase uma conversa informal; aos poucos, a questão da escolarização foi sendo introduzida. Por vezes foi necessário um recuo, para depois retornar ao que realmente me interessava. Enfim há um ônus e um bônus na adoção da história oral como método.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa. A história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões; formula as questões, porém não pode oferecer as respostas. (Ferreira & Moraes, 2001, p. XIV)

A história oral foi à metodologia adotada nessa investigação para recolher os depoimentos de Dorian e Nicolau. Este método não se esgota nele mesmo. Ou seja, não é capaz de gerar, no seu interior, soluções teóricas para as questões surgidas no processo de investigação. O uso da história oral neste trabalho estabeleceu e ordenou os procedimentos de trabalho no que se refere à fase inicial de coleta de dados e as entrevistas com Dorian e Nicolau.

Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo: isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação. (Ferreira & Moraes, 2001, p XIV).

Adotando integralmente essa metodologia deixo de lado as discussões sobre o uso da história oral como método. Por considerá-las estéreis e sem sentido. Como também me parece inútil saber as razões porque alguns consideram Foucault um assassino da história. A história oral não é a história oficial, contada pelos vencedores, ouvida pelos vencidos e esquecida pelos rebeldes. A história oral é capaz de construir uma espécie de território comum para dar voz a categorias que hoje chamamos de excluídos. Uma voz que pode ser legitimada como história através desta metodologia.

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que as vezes não tem como ser entendidos de uma outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos. (idem, p. XIV).

Dentre as categorias citadas acima, tranqüilamente poderíamos incluir a categoria dos homossexuais. Não é preciso maiores explicações para o entendimento desta inclusão. A história oral gera a possibilidade de dialogar

com essas vozes, raramente presentes nas páginas dos livros de história. O historiador pode ir direto aos arquivos. Resumindo, trazer à tona os acontecimentos do momento histórico. Fazer um outro uso da história. A dissociação sistemática de nossa identidade. Utilizar a pluralidade histórica de que fala Foucault.

Pois essa identidade, bastante fraca, contudo, que nós tentamos assegurar e reunir sob uma máscara é apenas uma paródia: o plural a habita. Almas inumeráveis nela disputam; os sistemas se entrecruzam e se dominam uns aos outros. (Foucault, 2002, p.34).

2.3 - Decodificando histórias de vida

Meu projeto de decodificação teve várias “entradas” na obra de Foucault. Tais “mergulhos” no pensamento do autor foram acompanhados da filosofia de Deleuze, uma necessidade apresentada quase espontaneamente neste processo de investigação. Encontrei em Deleuze o suporte necessário para viver o meu devir-Foucault e assim recortar os pedaços mais afiados de um olhar e de uma risada que perpassou por toda a sua obra. No artigo *Rachar as Coisas, Rachar as Palavras*, em *Conversações*, Deleuze explica a Roberto Maggiori, que, no seu livro sobre Foucault, procura o conjunto do pensamento do autor. Como conjunto Deleuze entende aquilo que o forçava a passar de um nível para o outro. O que o forçava a descobrir o poder sobre o saber, e o que o forçava a descobrir os “modos de subjetivação” fora das malhas do poder. Este estudo de Deleuze sobre Foucault foi precioso neste processo de investigação. Deleuze conheceu Foucault, trabalhou com ele no Grupo de Informação sobre as prisões, encontrava-o com frequência, recorda fascinado de sua risada e de seu modo de pensar, mais assemelhado a uma cadeia vulcânica do que a uma

tranquila planície. E sentiu necessidade de escrever o livro sobre Foucault pelas impressões que esses saltos no pensamento de Foucault tinham sido interpretados de uma maneira equivocada. Um vulcão assolando outro. Foucault viveu as diferenças, Deleuze teorizou sobre elas. Este maremoto dele-foucaultiano só poderia mesmo rachar as palavras. E é por essas rachaduras que comecei a descortinar a possibilidade de construção de um solo teórico para decodificação das histórias de vida. Aproveitando as linhas cartografadas por Deleuze na análise dos arquivos de Foucault, fui mapeando os meus próprios arquivos. Com o solo preparado pude usar a descontinuidade do pensamento de Foucault para mediar os meus entendimentos sobre os processos de subjetivação dos sujeitos entrevistados. Além de Foucault e Deleuze, utilizei outros autores que citarei por assuntos trabalhados.

2.4 - Entradas sem bandeiras

Minha primeira “entrada” na obra foucaultiana foi o uso da arqueologia para cavar um solo epistemológico, livre das imagens dogmáticas de pensamento, olhando a heteronormatividade como uma, entre outras formas possíveis de pensar a sexualidade humana. Foi um árduo trabalho diferenciar o hetero no que estava tão cristalizado como homo na minha memória paisagística sobre a sexualidade humana. Entender que o senso comum chama de homossexualidade abre um leque enorme de comportamentos sexuais: transexuais, transgênicos, travesti feminino, travesti masculino, homossexuais, bissexuais. Através da leitura de *as Palavras e as Coisas* (Foucault, 1999) e da *Arqueologia do Saber* (Foucault, 2000^A) foi possível traçar o contorno das imagens costuradas nas bordas inquietas da Modernidade. Nessa inquietude pulsava a diferença pura.

Nesta entrada utilizei como apoio os estudos de Roberto Grãna, Joel Birman, Gerald Ramsey, James Green, Silvério Trevisan e Colin Spencer no sentido de entender e de ampliar o meu entendimento sobre sexualidade, homo, bi e heterossexualidade humana.

Olhar Foucault como um escritor-pensador-mutante é um desafio para pesquisadores indiscretos. Se foi possível pensar tais mutações, é porque ele deixou aberta uma fresta. Por esta abertura é possível ver como seu labirinto foi percorrido com a alegria dos curiosos que conhecem a magia da metamorfose.

Uma das imagens trabalhadas por Foucault, na *Arqueologia do Saber* (2000), data de um século e meio. Ali foi inventado um outro ser humano, fruto da morte de Deus, ocupando um lugar central entre todas as formas possíveis. A *Arqueologia* respondia a como os saberes se pareciam e se transformavam. Na etapa seguinte de sua obra o autor vai procurar o *Porquê dos Saberes*. Próxima entrada na obra Foucaultiana: a *Genealogia do Saber*.

A genealogia é cinza, meticulosa e infinitamente paciente. Influenciado pelo seu diálogo com Nietzsche o genealogista Foucault investiga criteriosamente mecanismos e técnicas de poder que estão intimamente relacionados com a produção de determinados saberes sobre a criminalidade, a doença, a loucura e a sexualidade. Com as análises geneológicas do poder, pude fazer um link com minhas leituras de Marx sob a ótica foucaultiana, ou seja, **recodificando o dispositivo da sexualidade, o Estado e o poder**.

Através da leitura de *Vigiar e Punir* (1999), *Microfísica do Poder* (2002) e *História da Sexualidade* (1998,1999), fui desconstituindo alguns postulados e pensando com Foucault o significado atual do dispositivo do poder e da sexualidade. Foi fundamental entender o poder, não como apropriação de

uma classe, mas como um conjunto de estratégias materializadas em práticas, técnicas e disciplinas diversas. Entender o que estava em jogo com o dispositivo da sexualidade em todos os campos do social.

Na última parte do seu trabalho, Foucault prossegue com seus estudos sobre a sexualidade. O que é normal? Foucault faz incursões até outros momentos da história, onde a sexualidade era vista de uma maneira diferente envolvendo os prazeres e não necessariamente o gênero dos amantes. Ou seja, onde o casal homem/mulher não era o lugar privilegiado no ambiente sexual.

Minha última entrada na obra foucaultiana busca as fontes teóricas estudadas pelo autor que problematizam os indivíduos perigosos, anormais e monstruosos que burlam as normas da sociedade. Aqui utilizei *Microfísica do Poder* (2002), *Os Anormais* (2001) e *Em Defesa da Sociedade* (1999B).

As Histórias de Vida de Dorian e Nicolau mostram as mesmas preocupações da Estética da Existência. Como é possível dois homens estarem juntos fora das relações institucionais? Já que a heteronormatividade transformou as imagens de carinho, afeto e coleguismo entre pessoas do mesmo sexo em anormalidade. Ser homossexual é estar fora-da-lei e dentro do armário. Investigo neste trabalho o “criminoso” e seu esconderijo.

2.5 - Crime e castigo

Para localizar o “crime” de Dorian e Nicolau, foi preciso um retrocesso até os primeiros séculos do cristianismo, entender movimentos de “correntes” que divergiam das palavras do Evangelho. Acompanhar pelos séculos a eterna briga entre o bem e mal. Aqui utilizei a obra de Elaine Pagels: *as Origens de Satanás* (1996). Para entender o estrangeirismo do homossexual

foi importante o livro de Júlia Kristeva: *Estrangeiros para Nós Mesmos* (1994). Se o homossexual é julgado é porque existiu e existem seus julgadores. Assim precisei de uma pausa para entender o Inferno dos Homossexuais. Destaco aqui a bela obra de Dante Alighieri, *A Divina Comédia* (2001) onde os homoeróticos figuram entre os danados, como peça-chave desse juízo. O entendimento da Doutrina Social da Igreja Católica foi possível com as leituras dos livros: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II* (1997), Vaticano II: *Mensagens, Discursos e Documentos e Encíclicas de João Paulo II.* (1998). Para entender a escolha de Nicolau pelo Candomblé, as angústias e dúvidas dos homossexuais católicos, foi bastante útil a obra de Rita Laura Segato: *Santos e Daimones: o Politeísmo Afro-Brasileiro e a Tradição Arquetipal* (1995).

Minha incursão até a Grécia e Outros Povos Antigos foi acompanhada por Dover na sua obra *a Homossexualidade na Grécia Antiga* (1994); Colin Spencer, *Homossexualidade: uma História* (1999) e Bruno Shell: *A Cultura Grega e as origens do Pensamento* (2001), sempre acompanhada do olhar da História da Sexualidade de Foucault.

Com o objetivo de olhar mais detalhadamente para o Brasil e como este olha para a homossexualidade precisei das obras de Maria Stephanou: *Tratar e Educar: Discursos Médicos nas Primeiras Décadas do Século XX* (1999), *Devassos no Paraíso: a Homossexualidade no Brasil Colônia*, (2000). Do artigo de Leandro Sarmatz: *Tudo OK no Mundo Gay* (2001), dos periódicos do Nuances (publicação GLS do Porto Alegre) e da visita a sites especializados. No que se refere ao cumprimento dos direitos sociais, jurídicos e humanos dos homossexuais, utilizei a leitura de Roger Raupp Rios: *A Homossexualidade no Direito* (2001), *Os Homoeróticos*, de Décio Monteiro Lima (1983) *os Cadernos Abong* (1991), *o Relatório da Sociedade Civil sobre o cumprimento pelo Brasil do PIDESC* (Pacto Internacional De Direitos Econômicos e Culturais) (2000).

No que se refere à modernidade, fui apoiada por várias obras de Foucault, e de Deleuze, de Sandra Corazza. E de Boaventura de Souza Santos utilizei *As Tensões da Modernidade* (2000). Na questão dos direitos humanos, na atualidade, minha ferramenta foi *a Era dos Direitos* (1992) de Norberto Bobbio, *Alienação e Humanismo* (1981) de Leôncio Basbaum e outros textos de relato de atividades sobre o cumprimento ou não dos direitos.

Para pensar a Educação, na sua pluralidade, tive como apoio a obra dos educadores: Sandra Corazza, Alceu Ferraro, Tomaz Tadeu da Silva, Pierre Bourdieu, Miguel Arroyo, Pablo Gentili, Deborah Britzman, Jacques Delors, Edgar Morin e Cláudio Picazio.

2.6 - Exclusão branda

Talvez pelo seu sentido de doçura, ternura e mansidão seja difícil num primeiro momento o adjetivo brando ser associado à violência, à raiva e à perversidade. Poderíamos criar, como figura de linguagem, homossexuais na escola descobrindo a sua sexualidade como grãos de areia em uma duna. E os educadores de **belas almas**, sempre com as melhores intenções, como um vento cortante e frio a impor um padrão de heteronormatividade.

O dicionário Novo Aurélio nos traz cinco definições para o adjetivo brando:

- 1) Mole, terno, macio, flexível.
- 2) Meigo e manso.

- 3) Suave, doce e ameno.
- 4) Que não tem energia ou não há energia.
- 5) Lento e vagaroso.

O que nos interessa aqui são os últimos sentidos da palavra. Ao adjetivar o substantivo exclusão pretendo trabalhar a brandura como lentidão perversa, comparando a exclusão à figura de linguagem do vento. Imaginemos o vento soprando brandamente a areia na praia. Ao final de algumas horas as dunas terão mudado de lugar. Só resta-me recorrer a Nietzsche e denunciar o engano do intelecto, quando o pensador nos fala sobre verdade e mentira no sentido extramoral. (1991, p.31) Diante da inferioridade humana face a outros seres da natureza, o músculo maior passa a ser a imaginação. Séculos e séculos de intensiva malhação desse músculo permitiram ao homem a construção de um reino onde ele mesmo será um rei. De presa fácil dos animais mais selvagens, o frágil humano passa a ser no mundo criado por ele mesmo, senhor máximo e razão suprema deste universo criado. Nietzsche entende o intelecto humano como uma lamentável exceção, vaga, fugitiva, disfarçada, mesquinha, ilusória e fugaz experiência do homem.

Trabalhando com o ser inventado nas bordas da Modernidade inquieta, encontramos os educadores tentando cumprir integralmente o que chamamos de direitos do homem, entre os quais está a escolarização. A evasão está sempre colocando o dedo na ferida da exclusão. Quando falo de Exclusão Branda do Homossexual estou me referindo àquela ação constante de mostrar para a pessoa que ela está no lugar errado. Falo do vento cortante que sopra as dunas e arranca seus grãos de areia para longe de onde estavam. São as “Belas Almas”, mandando para bem longe tudo e todos que nas suas imagens dogmáticas de pensamento não mereciam estar na escola.

Quando falo de Exclusão Branda não estou aqui empregando o mesmo sentido de Bourdieu (1998), que o usa para adjetivar os efeitos da diversificação dos ramos de ensino. Embora a leitura do autor tenha me inspirado a batizar o tipo de exclusão que há tempos campeia em meus pensamentos como Exclusão Branda.

2.7 - Por que Foucault na metodologia das histórias de vida?

Os criativos - Foucault foi um homem, um pensador que nos deixou uma obra atípica. Sua obra concretiza a problemática vivida no seu imaginário. Foucault não parecia muito preocupado com a massa e sim com o tempero. Os anormais, os anômalos, os irregulares. A viagem pela história demonstra que os seres esquisitos, os que de alguma maneira conseguiram fugir à normalização são normais em outro tipo de organização social. Assim Foucault puxa de seus arquivos a normalidade e a anormalidade em seu sentido nômade e mutante. Quem tempera a vida concreta e o imaginário? Podemos começar com os criativos. Eu, eu mesma, tenho uma profunda relação com a estética. No meu cotidiano, profundamente dividido, convivo com escritores, pintores, escultores, grafiteiros, músicos, atores, dramaturgos e outros. O Foucault dos anos 60 escreveu seus mais importantes textos sobre literatura e artes. O humano criativo, estupidamente chamado de artista, dominou uma linguagem e comunica-se com ela. Com certeza Foucault não estava perdendo tempo quando participava de colóquios consagrados ao romance e à poesia. Aprende-se com a criatividade a dominar os códigos de pensamento de qualquer área do conhecimento. Não é por nada que Foucault transitou entre tantas áreas do conhecimento.

A militância – O que é necessário para mudança? São tantos os planos como os fracassos. Somente querer mudar a forma não foi o suficiente para concretizar as mudanças no sentido de garantia dos Direitos das gentes. Não basta somente o gosto pela estética da multiplicidade. É preciso um tempero diferenciado nesta mistura. É e preciso o fogo da paixão pela mudança para vivenciar outro tipo de experimento da vivência humana; o devir-mutante. A militância política e seus desdobramentos podem ser motivadores para entender esse devir e garimpar os caminhos para mudanças de rumo e de rota, também pode ser uma severa decepção com os companheiros e com a vida, capaz de revolucionar não o mundo mas o próprio pensamento. Experiência trágica vivida por Foucault nos anos cinquenta no Partido Comunista Francês, para onde fora levado pelas mãos de Althusser. Assim como Foucault, também fui (continuo sendo) uma militante política com a atenção voltada para os mais diversos campos de saber. E na militância prática, quando não existe mais manual para consulta, quando supostos bons camaradas se comportam como selvagens inimigos, quando a solidariedade e o respeito com o outro parecem ficção da nossa mente, a nossa criação pode ser a única linha de fuga possível. Imagino quão grande deve ter sido sua dor com as constantes intervenções em sua vida particular a ponto de um grande pensador como ele tentar o suicídio.

Os pecadores - Foucault, sua obra, seus saltos, sua crises e as pesquisas levadas adiante pelas reflexões e criação de conceitos sobre a loucura, limites e transgressões... É preciso ler Foucault para pensar a questão do saber e do poder: poder disciplinar, poder de normalização. Quem são os anormais? Segundo o autor, alguns elementos começam a existir desde o século XVIII, uma campanha perpassa pelo campo social tendo o objetivo de disciplinar a família moderna. Tais elementos articulam-se nos século XIX e chegam até os dias de hoje. Um olhar mais atento para os que atualmente são chamados de anormais nos aproxima do olhar do autor. O primeiro tipo é o que ele chama de monstro, o fora-da-lei; o segundo tipo é o individuo a ser corrigido

e o terceiro é o masturbador (uma figura nova no século XIX e cujo ponto de aparecimento é a família) “a masturbação é o segredo universal, o segredo compartilhado por todo mundo mas que ninguém comunica a ninguém. (Foucault,2001, p.74)

A herança do homossexual - Tais figuras permanecem distintas até o início do século XIX. A terceira figura (ovelha indesejada da família) vai se sobrepor às outras até o fim- do- século XIX. Vejamos quem vem junto com o comportamento homoerótico. Ele traz consigo a figura do monstro, ele é misto de homem e mulher, transgride a classificação da lei “natural” homem e mulher. Enfim ele é um fora da lei. “É a instauração no interior dos mecanismos religiosos desse imenso total da existência que constitui ao meu ver, de certo modo, o pano de fundo de todas as técnicas tanto de exame como de medicalização a que vamos assistir em seguida. (Idem, p.233) o pensador nos fala do momento em que começa os internamentos nos asilos e da disposição de curar o” desvio sexual”. A sexualidade começa a ser considerada doença e como tal tratada com medicamentos e terapias

Doença e direitos - O sexo e a sexualidade como instrumento de poder adquire uma importância única na história humana. Anseios, vontades, aspirações, apetites, cobiças, enfim desejos fora da normatização sexual hetero foram e ainda são considerados doença, moléstia, mal, mania ou defeito de caráter. E como todo mal sexual, deve ser vivido bem longe das “instituições normais” Se toda e qualquer manifestação de homossexualidade é vista como libertinagem e a escola, por garantia constitucional, não pode recusar matrícula por orientação sexual, como ficam séculos de preconceito e intolerância com a homossexualidade? Vamos ver como estão atuando os nossos educadores neste sentido. Primeiro vamos olhar o que nos dizem os PCNs.

2.8 - Parâmetros curriculares nacionais

Parâmetros Côm de Amêndoa - Falar dos PCNs é primeiro falar de leis municipais, estaduais, federais, constitucionais e de pactos internacionais. Países cômscios de seus deveres dão à Educação prioridade absoluta, as crianças e os jovens deverão ser formados em estabelecimentos oficiais de ensino. Além do conteúdo formal curricular os Temas Transversais, que não são novas matérias, deverão perpassar as áreas do currículo como diretrizes nas oito séries do Ensino Fundamental e nas três séries do Ensino Médio. Um espírito? Um vapor? Uma idéia? (Deleuze diz que é tão raro ter uma). Como será a mentora da operacionalidade deste link? E como o Ministério da Educação vai operar com as temáticas formadoras de cidadania que abordam temas como Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual? Dando uma espécie de liberdade facultativa-obrigatória para os estados e os municípios no cumprimento destas temáticas.

Brasil civilizado - Compromissos internacionais como os assumidos pelo Brasil, na Conferência Mundial de Educação, na Tailândia, em 1990, perante o PIDESC-Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, a UNESCO e a UNICEF fazem da Educação um “Direito humano a ser cumprido num país civilizado”. Assim, a partir da Constituição de 1988, a lei passa a exigir conteúdos mínimos para o ensino fundamental e para o ensino médio. Todos oriundos da Declaração de Nova Delhi. “Que reconheceu a educação como instrumento proeminente da promoção dos valores humanos universais, da qualidade dos recursos humanos e do respeito pela diversidade cultural”(Corazza, 2001, p. 105). Afinal, o que está adiantando tantos pactos e vontades? Qual o espaço para a multiciplidade no espaço escolar? E os educadores, como estão conseguindo acolher esses alunos?

Uma Guilhotina para Foucault – Diz um ditado da fronteira do Rio Grande do Sul que cachorro que tem muitos donos morre de fome. É da competência dos estados e dos municípios orientar de que forma os Temas Transversais atravessarão as áreas do currículo. As temáticas são “ensinadas” como temas transversais, conforme surja oportunidade durante a explanação das diversas matérias. É o que dispõe a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN). As dúvidas são muitas. Segundo o parecer da Faculdade de Educação da UFRGS (Dossiê, Educação e Realidade, nº 21, pp. 234) “os PCS vêm sendo implantados, como se fossem obrigatórios. Através, sobretudo das secretarias estaduais da educação”. Vejamos o oitavo PCN: o aluno deverá “Ser capaz de identificar e analisar criticamente os usos da língua como instrumento de divulgação de valores e preconceitos de raça, etnia, gênero, credo ou raça”⁶ (Revista Nova Escola, 1998, p.5) Na prática que educador ou escola vai se opor a trabalhar com temáticas que refletem preconceitos que deveriam ser combatidos com a força da lei? O problema concreto é: qual a preparação e o apoio que o educador tem para trabalhar com essas temáticas. Foucault nos fala que depusemos o rei, mas permanecemos fiéis à sua soberania, sementeira de compulsoriedade e não compulsoriedade.

“Pela insistência dos PCN em vincular o estabelecimento de parâmetros curriculares nacionais, achamos que esta discussão deveria ser mais aprofundada” (Dossiê, p 236) O que deveríamos penetrar com mais fundura ligados à qualidade da educação? Nem precisaremos escavar muito para visualizarmos os fatores ligados à qualidade educacional: remuneração digna para os professores, acomodações adequadas, equipamentos atualizados para a escola do momento.⁷

⁶ 5ª a 8ª série

⁷ Sobre as Pesquisas pós-críticas em educação ver o excelente livro de Sandra Corazza sobre o dispositivo de cidadaniedade operado pelos currículos nacionais: *O Que Quer um currículo- Pesquisas pós-críticas em Educação* - ed. Vozes, Petrópolis, 2001.

É evidente que a única base” retórica “sobre a qual repousa o documento introdutório é a Psicologia e a Psicopedagogia, sendo totalmente ignoradas as importantes contribuições da Sociologia da Educação, da Sociologia do Currículo, da Filosofia da Educação, dos estudos culturais e de outras áreas de pesquisa e estudo que têm examinado e analisado o currículo e a educação sob uma perspectiva mais ampla. (Dossiê, 1996, p. 238).

Num seminário realizado na Faculdade de Educação (UFRGS), em 2003, em educador, que atuava como orientador sexual, relatou ao grupo sua surpresa e sua paralisia durante um encontro com adolescentes de 12 a 14 anos. Neste dia, foram abordados os métodos contraceptivos; no final da exposição à palavra ficou aberta para os adolescentes. Uma menina de 13 anos perguntou se sempre havia a possibilidade de gravidez. O educador respondeu que a mulher, estando no período fértil e havendo relações sexuais sem nenhum método de prevenção à gravidez, ela poderia engravidar. A menina perguntou então se o parceiro sexual fosse o tio também haveria essa necessidade de prevenir a gravidez. Precisamos das contribuições citadas acima no dossiê e um sério programa de escuta e apoio para educadores que trabalham com temática tão delicadas. Como encaminhar os “nós” que forem surgindo? Como disse Dorian, um deslize e pode ser o fim da linha naquele colégio. E, em muitos casos, o fim do processo de escolarização.

3 - Visitas às escolas

O estudo realizou-se em quatro grupos de escolas de Porto Alegre, na Secretaria Municipal de Educação, na Secretaria Estadual da Educação, de janeiro a junho de 2002. Conversei com educadores (professores (8) e orientadores educacionais (4). Entrevistei assessores das secretaria

municipal e estadual da educação, nas coordenações e durante as oficinas do Fórum Social Mundial. Também foram visitados os sites das secretarias. As escolas federais pertencem ao grupo A, as municipais ao grupo B, as estaduais ao grupo C e as particulares ao grupo D.

Escola federal. (grupo A)

A Escola é a única entre as pesquisadas que tem carga horária determinada para trabalhar os temas transversais (duas horas quinzenais); as oficinas de sexualidade não abordam diretamente a questão da orientação sexual. Adolescentes e educadores com orientação sexual homossexual e heterossexual são considerados da mesma forma.

A orientação pedagógica é clara neste sentido: a escola não deverá interferir na orientação sexual (homo, bi ou hetero) de ninguém. Se a homossexualidade (manifesta ou latente) não causar tensão no grupo ou sofrimento no aluno/a, aqueles sujeitos serão olhados normalmente. A orientação pedagógica só vai interferir nos casos em que houver desrespeito e deboche com posturas homossexuais. O respeito ao outro e o direito à diferença será trabalhado como um todo na turma ou grupo onde ocorreu a agressão.

As famílias serão chamadas e aconselhadas a buscar apoio terapêutico somente em casos mais graves, quando o sofrimento do aluno for visível a ponto de impedir o fluxo de sua vida. Mesmo assim, a coordenação vai trabalhar a inclusão do aluno junto ao seu grupo escolar e não junto à família, que não é mais uma questão escolar.

Escolas municipais (Grupo B)

A política educacional do município diverge da proposta de direcionamento do MEC, naquilo que orienta o modo de trabalhar temáticas tão importantes e com reflexos para o indivíduo e para a sociedade. Temas transversais trabalhados como “link”, perpassando as áreas de conhecimento, através da orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não constam deste desafio. O Núcleo de Articulação das Temáticas Contemporâneas procura trabalhar com a totalidade⁸. O Núcleo entende que trabalhar essas temáticas desarticuladas das outras políticas públicas e da comunidade não atinge o objetivo proposto. A Secretaria trabalha com três grandes temas.⁹ Educação antidiscriminatória trabalha com temáticas como sexualidade, gênero, etnia, deficiência, drogadição, DST/AIDS¹⁰, direitos humanos e cidadania. Os projetos são desenvolvidos por região e envolvem a comunidade, escolas estaduais, particulares, postos de saúde, centros comunitários de assistência e outros parceiros eventuais, dando ênfase ao protagonismo juvenil.¹¹

Cada escola deverá ter um professor-referência para o projeto. A condição para a participação da escola é que, de alguma forma, todos os educadores deverão estar envolvidos no projeto. O planejamento dos fóruns internos da escola é feito com os educadores, oficinairos e alunos e dos demais Fóruns com a comunidade e todas as secretarias envolvidas. No final de cada projeto um grande encontro com todos os envolvidos é realizado. Se a temática trabalhada for sexualidade, haverá oficinas como DST/AIDS, gravidez e métodos contraceptivos, orientação sexual etc. Um projeto pode ter uma temática casada como, por exemplo, sexualidade e gravidez na adolescência.

⁸ Com as outras políticas públicas que envolvam a temática e o entorno que envolve a comunidade daquela escola.

⁹ Educação ambiental, educação antidiscriminatória e educação para a paz se constituem de forma articulada, como partes de uma totalidade denominada Temática Contemporânea.

¹⁰ DST-Doenças sexualmente transmissíveis. AIDS – Síndrome da Insuficiência Imunológica.

¹¹ Esse trabalho é considerado de fundamental importância para o projeto. A formação de multiplicadores juvenis através das ações regionalizadas.

Escolas estaduais (grupo C)

A Constituinte Escolar foi a base dos projetos desenvolvidos pela Secretaria de Educação do Estado (RS) no governo estadual anterior. Ela é constituída de quatro temáticas: Democracia e Participação, Construção Social do Conhecimento, Políticas Públicas e Educação e Concepção de Educação e Desenvolvimento.¹²

As temáticas têm princípios e diretrizes. A prioridade das temáticas trabalhadas será definida no regimento da escola. O quinto princípio da temática Democracia e Participação é o seguinte: Respeito à diversidade cultural, étnica, de gênero e opção sexual, religiosa e política. A Secretaria elabora projetos que busquem a participação e trocas de conhecimentos entre as escolas das redes estadual, municipal e particular. Em Porto Alegre os assessores regionais da SMED (Secretaria Municipal da Educação) encontram-se com os coordenadores regionais da SE (Secretaria de Educação) nas reuniões da rede regionais da rede.¹³ Promovidas pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre visando a articulação dos serviços nas regiões.

A Escola Estadual pesquisada deverá ser vista com cautela, pois pode ser uma exceção entre as escolas do Estado. A Diretora entende que a carga horária é insuficiente e não libera professor de sala de aula para envolver-se com os projetos da região. Por “obrigação”, a escola elegeu a temática da Democracia e Participação como eixo prioritário. As reuniões pedagógicas são feitas para resolver as questões objetivas do momento (festas,

¹² A pesquisa foi feita no período de 2000-2002, quando a Secretaria de Educação, no Governo Olívio Dutra realizou a Constituinte Escolar.

¹³ As escolas estaduais, como as municipais também dependem de outras articulações para participarem dos projetos. Um perfil autoritário, policial (cumprimento de carga horária) e conservador na direção exclui a escola e a comunidade das articulações regionais .

arrecadação de brindes etc.) A sexualidade é reprimida e as meninas mais “atiradas” são convidadas a se retirarem da escola, muitas vezes com a ajuda de outros pais. Para a Diretora, deve-se cortar o mal pela raiz e a melhor maneira de proteger as crianças é evitar o convívio com as frutas podres. Ela considera-se liberal e evoluída. Uma das pessoas mais próximas à Diretora é uma educadora que tem como companheira uma mulher.

Escolas particulares (grupo D)

A Escola particular escolhida para a pesquisa é de orientação metodista. Ela trabalha com os Parâmetros Curriculares Nacionais, envolvendo as várias áreas de conhecimento. O Serviço de Orientação e Psicologia Escolar (SOPE) coordena os projetos que serão selecionados e escolhidos de acordo com o plano global da escola. Cada área será responsável por um projeto, como por exemplo, a área dois (Estudos Sociais, Língua Inglesa, Português e Produção Textual) coordena o Projeto Socialização.

Trabalham temas como ética, interação do homem consigo, com os outros e com o ambiente natural e cultural. O projeto Ambiental Ecológico é coordenado pela área três (Ciências, Ensino Religioso, e Educação Artística.) São programadas atividades decorrentes desses projetos. Como por exemplo, a semana ecológica, que faz parte do Projeto Ambiental Ecológico, é uma atividade pontual que envolve, além da comunidade escolar, a família. Os Defensores da Vida são um grupo de crianças e adolescentes que realizam encontros sistemáticos de estudos ambientais (os encontros são em horário extraclasse e a participação é pelo desejo do aluno). Os participantes do grupo Defensores da Vida promovem passeios e atividades como oficina de reciclagem no colégio e em outras comunidades. No Projeto Estatuto,, Verde as crianças da pré-escola e os alunos, até a terceira série do ensino fundamental, cuidam das plantas do colégio. Os educadores deverão selecionar textos pertinentes ao projeto trabalhado na sua área. O Museu de Ciências do Colégio

faz um registro constante das atividades dos projetos. O SOPE (Serviços de Orientação e Psicologia Escolar) tem horas de estudos dos temas em todas as disciplinas para a construção da linha pedagógica do projeto e o acompanhamento deste no que se refere aos textos e atividades trabalhadas.

O Projeto Valores, Ética, Cidadania e Sexualidade fazem parte do plano global da escola, orientado pelas metas e diretrizes da educação metodista. O projeto é coordenado pela área dois (Português e Produção Textual, Estudos Sociais e Língua Inglesa e pelo eixo do movimento, arte e expressão (Educação Artística e Educação Física). Este projeto trabalha o contexto social e o ser cidadão que está ligado ao respeito a si e ao outro. A aceitação da diferença faz parte deste respeito. A coordenação entende que a melhor maneira de trabalhar é aos poucos com o grupo e com a professora no setor onde ocorreu a agressão.

Na maioria dos casos em que a escola precisou intervir junto à família (Quando as agressões são freqüentes e causam sofrimento ao aluno) o educador é jogado em grave conflito familiar, tanto com a família do agredido quanto com a do agressor. A família do agredido não aceita, nega e se incomoda com a possibilidade do filho ser homossexual. Junto com o conflito vem a culpa, o medo e a expectativa de não saber lidar com a situação. Situação pior se encontra o educador quando a família do agressor é estimuladora do deboche aos “trejeitos afeminados” dos meninos “. Assim, a coordenação entende que a melhor maneira de trabalho é a afinação da equipe que, com tranqüilidade, pode ajudar a criança no seu processo de opção e aceitação de um processo que pode ser passageiro ou não e que cabe somente a ela a decisão de seu comportamento no futuro”.

A escola católica não foi visitada nesta etapa do projeto. Por agora, coloco algumas orientações gerais repassadas aos educadores católicos

em 1965 no compêndio do Vaticano II, no Pontificado de Paulo VI e reafirmado durante todo o papado de João Paulo II. Sendo declarada “Gravissimum Educationis” a formação dos valores morais de crianças e adultos.

Declara, da mesma forma o Santo Sínodo, que é direito das crianças e jovem verem-se estimulados a apreciar os valores morais com consciência reta a assumi-los por adesão pessoal, como também a amar a Deus de modo mais perfeito. (Paulo VI, 1968, p.584).

O corpo da Igreja Católica considera, portanto, um direito e uma liberdade da pessoa em formação, o conhecimento dos verdadeiros valores que conduziram a alma humana ao caminho do bem, da moral, da iluminação etc. Os educadores católicos têm como missão preservar este direito.

Roga por isto insistentemente a todos os que governam os povos e os que se responsabilizam pela educação cuidem que jamais se prive a juventude deste sagrado direito. Aos filhos da Igreja, porém exorta a trabalharem com generosidade em todo o campo da educação e instrução convenientes possam estender-se o mais depressa possível a todos e ao mundo inteiro. (Ibidem, pp.585-586).

As implicações da orientação católica e as contradições entre a Declaração dos Direitos do Homem, e da inserção do Brasil como membro no PIDESC (Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais) vão ser exploradas mais adiante.

Em linhas gerais, os temas transversais do MEC, as Temáticas da Secretaria do Estado (SE) e as Temáticas de Articulação da Secretaria Municipal da Educação (SMED) trabalham com os mesmos conteúdos. O que é diferente é a maneira como os projetos são construídos. O MEC orienta professores a trabalhar temáticas em suas disciplinas. A política educacional do estado (RS) e do município (POA), procura escolher, junto com os educadores e a comunidade, as prioridades a serem trabalhadas nos projetos. De qualquer

modo, mostra a intenção de trabalhar com a orientação sexual se ela aparecer como prioridade. Como ela dificilmente aparece, raramente é trabalhada. A orientação sexual, como mito, vai ser trabalhada mais adiante no referencial teórico “sujeiras e mitos” na vida escolar.

4 - Histórias de vida

“Para libertar a diferença precisamos de um pensamento sem contradição, sem dialética, sem negação: um pensamento que diga sim à divergência, afirmativo e múltiplo” (Foucault, 2000B p.102). Dorian e Nicolau¹⁴ são dois homossexuais que refletem o exercício de sua sexualidade de modo completamente diferente. Um escancarando e o outro escamoteando.

Ao optar pela metodologia das Histórias de Vida eu não imaginava a tarefa que teria pela frente. Vinte horas de entrevistas projetadas inicialmente, transformaram-se em mais de quarenta, que correspondem a um bloco de notas e apontamentos. O método biográfico permite ao pesquisador uma relação muito próxima com seu sujeito/objeto de pesquisa. Mesmo que muitas das informações não sejam usadas na sistematização dos dados, a compreensão do universo pesquisado aumenta com o conhecimento da atuação de seus protagonistas. “É certamente um trabalho árduo: o próprio processo de construção do objeto científico implica a transformação de um conjunto de técnicas em teoria materializada (Marre, 1991, p.90). Assim, os relatos orais, as entrevistas abertas e direcionadas, as cartas, textos escritos por Dorian e Nicolau e outras fontes visuais (como as entrevistas de Nicolau para a TV) tornaram-se fragmentos que foram trabalhados por meses para servirem como método biográfico.

¹⁴ Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

O método biográfico aqui discutido, na sua condição de método em constituição, busca contribuir para esse objetivo, isto é auxiliar a reconstituir o conteúdo de uma memória coletiva, pondo em relevo a atuação humana dos indivíduos que atuaram e colaboraram na expansão dessa memória. (Marre,1991, p.90).

Mãos à obra. Semanas tornaram-se meses. Priorizar o que deve ser relacionado com a pesquisa é um grande desafio. Afinal, dependendo do enfoque, o resultado pode ser outro. É difícil garimpar em terra de tanta fecundidade. As Histórias de Vida de Dorian e Nicolau mostraram um universo a ser desencantado. O devir-recordação é delicado e o pesquisador não pode ter pressa. Mesmo com os prazos da universidade a cobrar resultados. Desterritorializamos suas lembranças escolares e a territorializamos de novo nesta investigação. Cada entrevista trazia novos preciosos elementos. Por fim deixei de lado coisas interessantes, mas que não tinham a ver com a investigação, e, de acordo com a Orientadora, selecionei alguns dados da biografia de Dorian e Nicolau para a identificação destes como sujeitos de pesquisa. A escolha de Dorian e Nicolau têm em comum uma complicada história de conflitos na vida escolar. Examinando as queixas, as ansiedades e os dramas coletados nas entrevistas, pretendo apresentar a questão poder-saber-subjetividade da vida escolar de Dorian e Nicolau, relacionando-as com o pensamento de Foucault e Deleuze.

4.1 - Apresentando sujeitos e histórias

Dorian - Ator, 25 anos, duas irmãs, filho de dois professores da rede estadual de ensino. Passou a infância numa cidade do interior. Atualmente vive fora do Brasil. A família, católica praticante, desconhece suas

práticas homoeróticas. Ele tem um histórico complicado de troca de colégios e exclusão dos grupos de colegas. Tem pouca tolerância com grupos, inclusive com seus relacionamentos mais próximos. Define-se como homossexual assumido e nem pensa em ter outros relacionamentos com mulheres; embora, na adolescência, tenha namorado meninas. Terminou o ensino médio no supletivo. Não suportava o padrão de heterossexualidade, nem as constantes cobranças de “onde está sua gatinha”. Vivencia seus romances longe da família. Embora desejasse gritar ao mundo que é homossexual. Sonha em encontrar um grande amor que seja bonito, inteligente e o mais parecido fisicamente possível com ele.

Nicolau – 40 anos, ator há 25. Nascido e criado em Porto Alegre. Pai, funcionário público e mãe dona- de- casa. Ele foi criado pela avó, professora e diretora aposentada da rede municipal de ensino. Nicolau foi uma criança agitada no ensino fundamental; largou o colégio no começo do primeiro ano do ensino médio. Ex-funcionário do Banco do Brasil, atualmente é pai-de-santo do Candomblé, apesar da rígida formação católica. Já foi casado com três mulheres (a primeira vez no civil e no religioso) e vários homens. A estética das pessoas não interfere nas suas escolhas pessoais e está aberto para viver intensamente a cada momento. É um “surfista sexual”. As pessoas o atraem independente do sexo. Ele diz que não namora, casa. As lembranças de Nicolau desvelam uma pessoa em fuga contra a Máquina de Guerra Social que busca classificá-lo de alguma maneira. É apaixonado por humanos: carismáticos, inteligentes e interessantes.

Identificados os atores das histórias de vida, (foram selecionados pela riqueza de detalhes de sua trajetória pessoal), passei a reler, organizar e trabalhar sobre este material e encontrar nele pontos de analogia com os depoimentos de educadores coletados e nas entrevistas das visitas por ocasião das visita as escolas. Foucault foi grande pensador, há luz em sua obra. Esta

luminosidade me atraia como foco teórico (não um método) para as descontinuidades construídas nessa investigação.

É através do sofrimento da culpa carregada por Dorian, pela maneira como esconde a sua sexualidade diante da família, que foi possível retroceder na História até chegar às raízes de um conflito íntimo, que expôs a fragilidade e as feridas da sociedade ocidental. Uma civilização que se considera “evoluída e liberada”, o progresso e o ápice da história humana. E classifica pessoas de acordo com seu comportamento e direção sexual.

Interrogar-se-á sobre o que pôde tornar-nos tão presunçosos: por que nos atribuímos o mérito de termos, primeiro que todos, emprestado ao sexo, contra toda moral milenar, a importância que dizemos ter e como podemos glorificar-nos por nos termos liberado enfim no século XX, de um longo tempo de longa e dura repressão. (Foucault, 1999B, p.148)

Nicolau, enquanto sujeito de sua trajetória pessoal, avaliou as suas culpas e o medo do inferno. Afastou-se dos dogmas cristãos e reconstruiu a sua espiritualidade junto à religião afro (Batuque e Candomblé), tornando-se um Babarolixá respeitado. Hoje dá palestras, oficinas, escreve para revistas e jornais, é entrevistado em programas de rádio e televisão. O acompanhamento das atividades de Nicolau faz parte do objeto de pesquisa deste estudo.

II – TEMPO, ESPAÇO E TEORIAS

1 - A escola e seu contexto

1.1 - Mitos sociais e “sujeiras da vida escolar”

Os mitos que os educadores reproduzem, ao manifestar suas dúvidas em relação à identidade homossexual, mostram o próprio desconhecimento que os educadores têm em relação à construção da própria identidade. A categoria mito será usada neste trabalho, bem como os conceitos de profano e sagrado em relação à sexualidade, à orientação sexual e ao “papel da escola”. O exame, mesmo que superficial, de outras culturas, demonstra que os comportamentos homoeróticos e a androginia eram vistos como apenas um comportamento sexual. E a liberação sexual da modernidade? Será ela também um mito?

Antes de denunciar o grande esquecimento que o ocidente inaugurou, Deleuze, com uma paciência de genealogista Nietzscheano assinala toda uma multiplicidade de pequenas impurezas, de mesquinhos compromissos. Acusa as minúsculas, as repetitivas covardias, todos esses alinhamentos de tontice, de vaidade, de complacência que não cessam de alimentar o cogumelo filosófico. (Foucault, 2000B, p.97)

Falar da identidade sexual parece profanar a própria identidade. O esquecimento da questão, o silêncio, dará uma trégua até a próxima atitude transgressora trazida por uma

manifestação qualquer de sexualidade. Um beijo, um abraço, uma gravidez, um menino fazendo carinho em outro, uma menina fazendo programa sexual. Nesses casos quase sempre o silêncio ou o escândalo são as soluções encontradas ou, pior, a exclusão do transgressor. Se, para os educadores, a sexualidade ainda é estranha, imaginar desejos diferentes é um verdadeiro enigma. Vejamos um depoimento de Nicolau em relação a um fato que aconteceu no começo da década de 70.

Eu e minha irmã estávamos sempre juntos, a gente andava de mãos dadas e se fazendo carinho, eu gostava muito dela, Um dia uma professora chamou a minha mãe e disse para ela cuidar porque poderia acontecer um incesto. Se não tivessem me segurado eu teria quebrado o colégio. O que passava na cabeça desta mulher? Imundície. Carinho para ela tinha que acabar em putaria? (Nicolau).

Nicolau é o mais velho de sete irmãos que literalmente criou. Como a mãe estava sempre ausente, ele limpava a casa e fazia comida para os outros seis¹⁵. O cuidado com a irmã era quase maternal, foi como se o estivesse acusando de seduzir a filha. Eu e Nicolau temos a mesma idade e muitas vezes eu ouvi na escola que a menina era como cristal. Depois que quebrasse...

Nenhuma identidade – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida, nenhuma identidade sexual existe sem uma negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora pronta esperando para ser assumida, e de outro uma identidade homossexual instável, que deve vir sozinha. Em vez disso, toda relação, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil. (Britzman, 1996, p.74).

¹⁵ Dos sete irmãos, cinco são homens sendo quatro homossexuais. A irmã acima mencionada casou com um bissexual, teve dois filhos e hoje vive com uma mulher que tem netos de outros casamentos.

A própria idéia da sexualidade é muitas vezes uma incógnita para os educadores. A diretora do colégio visitado no grupo C não admite “frutas podres”, meninas que tenham uma vida sexual ativa. De um jeito ou de outro ela consegue excluir a aluna do colégio. E, o que é lamentável, envolve outros pais no conflito para a ajudarem na agressão. Esta escola foi visitada em fevereiro de 2002 e a diretora está na faixa dos 40 anos. Quando ela fala de proteção contra a fruta estragada é porque acredita piamente que a sexualidade corrompe e é um mal a ser combatido. Aqui temos o cuidado da sexualidade como um aspecto higiênico a ser resolvido. Teorias tão em voga no século XIX e que persistem, apesar do nosso “liberalismo” sexual do terceiro milênio.

E este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo de monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinqüentes. A eliminação pelo suplício é assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados. (Foucault, 2000A, p.145).

Elemento surpresa para a pesquisadora. Além do preconceito e da discriminação das práticas homoeróticas, a própria sexualidade, como categoria é negada, sendo considerada um mal a ser erradicado. Tanto na orientadora educacional dos anos 70, que se sentiu na obrigação de avisar a mãe de Nicolau, como na diretora do grupo C, encontramos a guardiã, sempre alerta. “Ninguém passa a perna nelas”.

Todos os detentores de uma parcela de autoridade se colocam num estado de alerta perpétuo: reafirmado sem trégua pelas disposições tomadas e pelo jogo de punições e responsabilidades. (Foucault, 1999^A, p.30).

E agora? O empírico trazido pelas entrevistas com os educadores mostrou uma realidade um pouco diferente do imaginário da discriminação de Dorian e Nicolau. Pelos depoimentos dos educadores nas oficinas de sensibilização e nas entrevistas com Dorian e Nicolau, formei uma imagem um pouco distanciada do real. Parti do pressuposto de que havia preconceito em torno da idéia de uma identidade sexual flexível, diferente da heteronormatividade dentro da escola. É claro que isto incomoda também. O problema maior é que os guardiões têm medo de perder o poder.

Com respeito ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, barragem, ou ainda, ocultação e mascaramento. O poder “não pode nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não, se produz alguma coisa são ausências e falas; elide elementos, introduz descontinuidade, separa o que está junto, marca fronteiras”. (Foucault, 1999^A, p.81)

Acreditei que a desorientação de grande parte dos educadores (que mal conseguiam elaborar uma idéia de sexualidade) era pensar a identidade heterossexual como a normal e a identidade homossexual como a desviante.

Entrevistas com educadores do grupo B e C colocaram em evidência a figura da guardiã. Na citação acima podemos repensar com Foucault o saber/poder/subjetividade encontrado na escola. Na Lomba do Pinheiro, outro caso de “fruta podre” ¹⁶ chama a atenção. Uma adolescente de 15 anos é expulsa da escola sob acusação de estar fazendo programas. Mesmo com a mediação do Conselho Tutelar, o caso não foi resolvido e a adolescente foi transferida para uma escola noturna. O que faz alguém assumir o papel de “faxineira moral?” De cuidar da vida sexual de a ou b. De se achar com direito de dizer quem deve ou não permanecer no ambiente escolar, em função de ter a orientação sexual correta. Como se

¹⁶ Palavras textuais da diretora do colégio segundo relato da orientadora educacional que tentou mediar o caso e impedir que a menina saísse do colégio.

alguém tivesse o poder de saber o que é melhor para os outros. É o “general fascista” do cotidiano, que, segundo Deleuze, devemos nos esforçar para não ser.

Assim, a “sombra” vagueia no mundo escolar furungando sexo. E não admitirá nenhuma manifestação de sexualidade (ou que seja interpretada como tal). Esta constatação me fez repensar alguns pressupostos. Poderá haver preconceito parcial contra um tipo de sexualidade? Nas memórias de Dorian, ele registrou professores de educação física mandando-lhe que agisse “como homem”, o que me pareceu homofobia ou algo mais complexo.

Nicolau, ao descrever a orientadora que chamara a sua mãe, para alertar da possibilidade de ocorrer incesto entre ele e a irmã, faz uma interessante observação sobre ela. Este comentário estava nas notas, eu realmente não tinha dado a devida importância na hora da entrevista ou mesmo depois, nas primeiras leituras dos apontamentos. Foi preciso percorrer outro caminho e depois retornar para a paisagem das sombras guardiãs, faxineiras da moral e regentes da doxa que habitavam e habitam o mundo da educação.

Aquela lá não prestava, segurava a franga com as duas mãos. Era muito ódio por qualquer demonstração de carinho era insuportável para ela. Imaginar incesto porque duas crianças caminham de mãos dadas. Depois que ela se largou”, passou de um extremo para o outro. Não tenho nada a ver com a vida sexual de ninguém, mais a malícia dela era o tudo que ela tinha vontade fazer. Por isso eu disse que ela segurava a franga com as duas mãos. (Nicolau)

O mundo escolar parece ter muitas linguagens, um desafio para o pesquisador decifrá-las. A linguagem que não é dominada por esses deseducadores não é a linguagem da formação da identidade homossexual, é, antes, o não-domínio da linguagem da sexualidade. Não dominada nem a

linguagem da sexualidade, que continua a ser vista como sujeira, as outras línguas parecem enigmas impossíveis de descodificação.

No início dos anos 70, quando comecei a trabalhar como professora da rede estadual em escolas da periferia de Porto Alegre, bastava entender, ver e falar de uma aluna apenas como um membro explorado da sociedade. Hoje isto não basta. Hoje é preciso compreender uma aluna de escola pública também, como uma menina, da geração infantil, branca, negra, heterossexual, homossexual, migrante da zona rural, somente filha, filha e catadora de lixo, católica, espírita, evangélica etc. Ou seja, é preciso considerá-la como uma 'linguajadora' de muitas linguagens e linguajada por várias outras. (Corazza, 2001, p.27)

Como entender outras linguagens? Atravessar as brumas e decodificar outras linguagens? Nós educadores somos capaz de ouvir língua do desejo dos nossos alunos? Aqui parece existir um caminho, o aprendizado da linguagem do outro. Compreender o caráter cosmogômico do mito que Mircea Eliade (1999) nos apresenta, o mito da filiação de três espécies de seres; o masculino como filho do sol, o feminino como filha da terra e os andróginos descendendo da lua, meio caminho entre o céu e a terra. Ou seja, entender que o desejo e as descobertas podem ser diferentes.

Sempre tenho raiva quando me lembro desta infeliz. Eu tinha quatorze ou quinze anos. Adorava me pintar, descobrir as cores, Ver que tonalidade de pó sentava com a minha pele. Eu não sou claro nem moreno e por isso é difícil achar maquiagem que combine comigo. Por esta época eu já fazia teatro. Imagine eu, uma criança, sendo um profissional responsável, procurando estar bonito para o público. Ela (a educadora) me ameaçou, ou eu tirava a pintura ou não voltava mais para a sala de aula. (Nicolau)

Nicolau não tirou a pintura e, apesar de ser um aluno brilhante, não voltou mais para a sala de aula. Assim a escolarização de Nicolau foi interrompida e o teatro gaúcho ganhou um grande talento. Nicolau, além de trabalhar no teatro, onde eu o encontraria 25 anos mais tarde, passou a fazer

cursos de balé, canto e maquiagem. As fotos me revelam um artista talentoso capaz de transformar em minutos um cauboi numa delicada mocinha. Tive a oportunidade de ver a platéia delirar na sua dublagem de Nei Matogrosso. Nicolau tinha certeza de uma coisa: se tirasse a pintura colocaria uma máscara que, com certeza, o acabaria sufocando. Não se arrepende de ter abandonado a escola.

O professor e psicólogo Cláudio Picazio trabalha com grupos de adultos e adolescentes de orientação homo, bi e heterossexual em oficinas de sexualidade. Ele relata em “Diferentes Desejos” (Picazio,1998, p.p 124-129) pensamentos de adolescentes relacionadas a sua orientação sexual. Entre os embaraços e as dificuldades dos educadores e a sexualidade adolescente ele vai narrando várias dúvidas referentes à orientação sexual. Cito alguns exemplos.

“Tenho um aluno de 13 anos que é muito sensível, meio afeminado. Fica só com as meninas e os meninos vivem chamando-o de bichinha e veadinho. O que devo fazer? Chamar os pais?” (Antônia – Professora)

Um aluno me disse que gostava de meninos. Ele me fez jurar que eu não contaria para os pais dele porque tem medo de apanhar muito e ser uma grande decepção para a família dele. Não estou agüentando guardar isso comigo, conto ou não para os pais dele? (Maria Odete, professora)

Sou professora do colegial e uma vez os alunos quiseram debater sobre homossexualidade, mas a direção do colégio disse que não, porque estimularia os meninos e as meninas isso é verdade? (Antônia, professora)

De que maneira a educação pode contribuir para o surgimento da homossexualidade? (Maria Aparecida, professora)¹⁷

As perguntas mostram o despreparo dos educadores em relação à formação da identidade homossexual e da sexualidade em si... O medo de falar do amor que não ousa dizer o nome, de incentivar as práticas homoeróticas faz nascer uma angústia maior: o pânico de não estar fazendo a “coisa certa”, como mostra a angústia das professoras Antônia e Maria Odete. Algum ruído está interferindo nessa comunicação entre pais, alunos e professores. Afinal, o que estamos fazendo nas escolas? Alguém tem dúvida, que, se conversar, se falar, corre o risco de ficar marcado a “ferro e a fogo” como o anormal, aquele que tem a orientação sexual “torta”.

A recuperação do sentido de nosso ofício de mestre não passará por desprezar a função de ensinar, mas reinterpretá-la na tradição mais secular, no ofício de ensinar a ser humano. Podemos aprender a ler, escrever sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém não aprendemos a ser humanos sem a relação e o convívio com humanos que tenham aprendido essa difícil tarefa. Que nos ensinem essas artes, que se proponham e planejem didaticamente essas artes. Que sejam pedagogos, mestres deste difícil ofício humano. (Arroyo, 2000, p.54)

Sabemos da multiplicidade das forças históricas, geográficas, culturais e sociais que lutam para manter tais preconceitos e discriminação. A escola, no entanto, pode ser um portal para a informação. É próprio da linguagem simbólica os dois sentidos (do grego sim, junto – bolo, jogado) Sim sabemos da brandura como lentidão perversa que leva a exclusão. O que define a permanência do aluno na escola e como jogamos com tais elementos.

2 - Como mitos da vida social podem entrar na escola?

¹⁷ As professoras citadas são oriundas das oficinas de sexualidade do professor Cláudio Picazio.

Temos que sujar a escola de vida social. Sua pretensiosa profilaxia apenas expressa nossa irresponsável miopia perante a injustiça, a discriminação e a violência da exclusão. Injustiça, discriminação e violência presentes naqueles que estão nas nossas instituições e naqueles que a sociedade condena ao exílio da escola. Não sujar a escola de vida social é condenar – nos, nós mesmos, ao exílio do silêncio. E o exílio do silêncio é a linguagem das sociedades derrotadas e sem esperança. (Gentili, 1997, p.198)

Aceitar o silêncio é aceitar a derrota. É o momento da “sujeira”, da superação de dogmas e mitos. A escola do começo do terceiro milênio pode ser aberta, democratizante e universalista. Só que não basta o acesso à educação, é preciso permanecer na escola. É verdade que escola não pode negar matrícula a indivíduos por sua religião, etnia, condição econômica ou orientação sexual. No entanto, o negro, o pobre e o homossexual continuam sendo categorias expulsas da escola sem motivo aparente.

A diversificação dos ramos de ensino, associada a procedimentos de orientação e seleção cada vez mais precoces, tende a instaurar práticas de exclusão brandas, ou melhor, insensíveis, no duplo sentido de contínuas, graduais e imperceptíveis, tanto por aqueles que as exercem como aqueles que são suas vítimas. (Bourdieu, 1998, p.222)

Repito, para reforçar a idéia: a expulsão não se dá somente pela rejeição simples do indivíduo, ela também pode ser educada e muito perversa. Contínua, gradual e imperceptível como coloca Bourdieu. Aceitar a exclusão lenta e assistir ao massacre gradual de ser humano.

A escolarização realiza uma mediação entre os espaços privados e públicos, a fim de que possa fazer algo mais: oferecer representações de versões socialmente normatizadoras do adulto e da criança. A “criança” de qualquer pedagogia já está ao mesmo tempo, codificada

como uma criança generificada, sexuada e racionalizada. (Britzman, 1996, p.78)

Quem não está nas normas e no padrão já entra excluído no processo escolar. O modelo sexual oferecido na maioria das vezes é o que eu vou chamar de “heteronormatividade casta”. Ela é transmitida pelo professor “cozinheiro” como coloca Leôncio Basbaum (1981) no seu livro *Alienação e Humanismo*. O autor começa o livro comentando uma propaganda da Sadia (fabricante de embutidos) onde um porquinho cantava feliz por que iria virar lingüiça e ser comida. Fala que na nossa sociedade as pessoas estão divididas em três categorias: as salsichas, os cozinheiros e os comedores das salsichas. A categoria que nos interessa aqui são os cozinheiros aqueles, que transformam a matéria prima (os alunos) em salsichas (padronizados).

Bourdieu fala do professor pequeno burguês, uma categoria historicamente construída, muito parecida com a do professor cozinheiro de Basbaum. O professor pequeno burguês é “pretensioso, limitado, tacanho, constrangido, pequeno, mesquinho, pão-duro, parcimonioso, estrito, formalista, severo, rígido, tenso, forçado e preciso”. Ele tem como “missão” corrigir o aluno que é modesto, pesadão, embaraçado, tímido e desajeitado. Este professor não é um educador, é um “vigia da moral e dos bons costumes”.

Dorian, quando estava na escola fundamental, tinha verdadeiro pânico das aulas de educação física, inventava doenças e machucava-se de propósito. Qualquer coisa para não freqüentar as aulas. Pela dinâmica da educação física, a postura corporal fica mais exposta, facilitando alguma atitude mais solta e “reveladora”. Sendo possivelmente o fim- da- linha naquele colégio.

Sem espaço na escola, na família e sendo motivo de piada, chacota e deboche, o adolescente não identificado, desestrutura-se, perdendo o prumo, a meta e o sentido de continuar num sistema educacional que o deixa mais triste e confuso. “Quando chega a ser tratado o conhecimento em sala de aula sobre sexualidade é tipicamente sinônimo de reprodução heterossexual, embora até mesmo esse conhecimento seja banalizado”.(Britzman, 1996, p.78).

Como sujeito de direito, a criança e o adolescente devem estar freqüentando a escola (será outro mito?). As políticas públicas estão orientadas neste sentido. O Plano Nacional de Educação estabelece objetivos e metas para a permanência ou retorno (quando estiverem fora da escola) de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Existe programa específico do Governo Federal que visa ao retorno à escola de crianças e de adolescentes que abandonaram os estudos por problemas econômicos¹⁸. Até parece que a exclusão é apenas econômica. .

Em particular precisamos, fazer as seguintes questões: o que se sabe sobre as relações entre escolarização, currículo, cultura popular e representações particulares de heterossexualidade e homossexualidade? Como se procura compreender essas representações dentro e fora da escola? (Britzman, 1996, p.74)

Imaginar que a exclusão vai até porta da escola e que no campo dos educadores estão todos em paz e incluídos pode ser um alento. Deveremos buscar suficientemente a criatividade para descobrir o caminho de mudança e para a inclusão de todos. Ao escolher o que pode e o que não pode

¹⁸ O PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil- é um programa de Governo Federal que tem por objetivo retirar as crianças e adolescentes de 7 a 14 anos do trabalho considerado perigoso. Possibilita o acesso e a permanência de adolescentes e crianças na escola. Oferece uma bolsa à família que, em troca, mantém os filhos na escola num turno e no outro a criança e o/ou o adolescente deverão complementar a jornada ampliada em alguma entidade que ofereça serviços educativos.

ser trabalhado, dentro das temáticas formadoras da cidadania, o educador seleciona aquilo que conhece ou acha importante.

Romper os padrões da heteronormatividade é um começo para que a escola possa funcionar como elemento integrador social e transmissor dos valores formadores da cidadania plena.

Vejamos o que diz o artigo 205 da Constituição Federal:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Acquaviva, Constituição Federal, 1988).

É difícil imaginar alguém educado por uma escola inspirada em princípios de liberdade e solidariedade humana, sendo reprimido e massacrado pela constante heteronormatividade dos padrões escolares. Os afetos não serão compartilhados e o namorado/a ficará no armário. Nas palavras de Dorian:

A primeira vez que entrei num bar gay foi como renascer. Tinha pessoas iguais a mim que pensavam também em namorar meninos. Nunca mais me senti um bicho estranho. Eu namorava uma menina desde os treze anos e pensava: tem que ser assim. Depois vi que podia ser livre até para amar. (Dorian)

Dorian tinha dezesseis anos quando começou a aproximar-se de ambientes gays. Quanto mais ele avançava nas excursões ao “outro mundo”, mais ele se afastava da escola e da família. E não era uma questão de gostar

ou não gostar dos colegas. Mas uma recusa a viver um estranho padrão de heteronormatividade imposta a cada instante.

Não tenho mais condições de sobrevivência fora do mundo gay, a última vez que fui no Planeta Atlântida, jogaram um monte de latas num cara que entrou no palco com a bandeira gay¹⁹. Não tem mais lugar pra mim. (Dorian)

Excluído da escola e da família, Dorian finalmente foi excluído de sua geração. Centenas de Dorian flutuam por aí. Esperando ansiosos seu momento de pegarem “sua nave” e voltar para o seu mundo. É consenso entre os homossexuais mais jovens que correm perigo (muitos já foram agredidos até por um olhar) se paquerarem fora do mundo gay. O ciclo da exclusão finalmente encurrala o indivíduo no seu mundo. Num grau de solidão muitas vezes insuportável.

Adolescentes gays e lésbicas estão de duas a seis vezes mais sujeitos a tentarem o suicídio do que adolescentes heterossexuais, e somam 30% de todos os suicídios de menores de idade, apesar de provavelmente constituírem 10% da população. (Picazio, 1998, p.138).

As orientadoras das escolas do grupo A e do D relataram casos em que é preciso terapia de ajuda às famílias para enfrentar “a decepção” com a descoberta. Os parentes sentem-se humilhados, feridos e insultados.

A educadora do grupo D coloca que, na maioria das vezes, a família do agressor estimula o comportamento de deboche e até a agressão física, classificando o comportamento (dos que acham ser) homossexual de vergonhoso e pecador. Sendo que, em casos mais graves, após todas as

¹⁹ A chamada bandeira gay é a bandeira dos direitos humanos. Identificada por muitos simplesmente como a bandeira gay. Ela tem as cores do arco-íris. Significando que toda a pessoa tem direito a um lugar **dentro** da sociedade, independente da sua etnia, religião ou orientação sexual.

tentativas possíveis para a resolução do conflito, a escola retira-se da mediação, deixando as famílias entenderem-se entre si. Casos mais drásticos já acabaram na constituição de advogado para processar a família do agressor (outra surpresa para a pesquisadora), tendo o Ministério Público aceitado a denúncia por entender ter ocorrido violação de direitos, baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente.

3 - Modernidade: uma era de direitos (quase suspeitos)

Nicolau e Dorian representam duas faces de religiosidade e de uma mesma época. Para decodificar suas histórias de vida o sentimento dos dois será necessário uma viagem pela história de várias civilizações, antigas, medievais e modernas, orientais e ocidentais. Examinar o nascimento da sociedade cristã, as culturas, e os mitos de outros momentos da história humana. Começaremos pela Sociedade Moderna.

3.1 - O terceiro milênio d.C.

Século XXI. O mundo é globalizado. As mudanças são rápidas em todos os campos das Ciências. As promessas de uma modernidade que traria uma sociedade mais justa, harmoniosa, pacífica e próspera foram desmascaradas uma a uma. As promessas econômicas resultaram em catástrofes para os mais pobres.

A desigualdade trazida pelo capitalismo ainda é a mesma, ou piora a cada dia. As opções de modelos de crescimento tentadas pelos países emergentes fracassaram. A miséria, passada e presente, denuncia o fracasso desses planos “de desenvolvimento” econômicos, políticos e sociais. As Ciências Sociais e Jurídicas aliadas aos movimentos sociais de direitos humanos têm produzido muitos trabalhos teóricos.

Nos últimos tempos tenho observado, com alguma perplexidade, a forma como os direitos humanos se transformaram em linguagem da política progressista. De fato, durante muitos anos, após a Segunda Guerra Mundial, os direitos humanos foram parte integrante da Guerra Fria, e como tal foi considerado pela esquerda. Duplos critérios de avaliação dos direitos humanos. Complacência para com os ditadores amigos. Defesa do sacrifício dos direitos humanos em nome dos objetivos do desenvolvimento. Tudo isso tornou os direitos humanos suspeitos enquanto guião emancipatório (Santos, 2000, p.1).

O cenário do começo do terceiro milênio é de o uma era de acolhimento, escuta, abrigo, reconhecimento e proteção dos direitos humanos, de valorização das minorias, de provas científicas (Genoma) de igualdade das etnias, de cuidados com a ecologia e o meio ambiente. O desempenho dos atores, porém é contraditório, cru, frio, duro e perverso. O país “civilizado” tem em suas constituições o reconhecimento dos direitos individuais baseado na Declaração Universal dos Direitos do Homem. A civilização ocidental reconhece esses direitos como um processo de democratização e o único caminho para a paz, que só será possível com a desconstituição dos motivos de ódio e intolerância que levam à guerra, Aqui vou abrir um parêntese para falar de acontecimentos que, de alguma maneira, mexeram com as estruturas das relações internacionais.

A partir de 11 de setembro de 2001, com o ataque aos EUA, outro elemento entrou em cena no cenário mundial: uma Guerra sem um inimigo externo definido, chamado pelos americanos e seus aliados de guerra contra o terrorismo.

O termo mais apropriado seria “crime“, talvez “crime contra a Humanidade“, como destacou Robert Fisk. Mas há leis para punir crimes: deveríamos identificar os autores e responsabilizá-los pelo que fizeram, justamente o caminho que vem sendo enfaticamente recomendado pelo Oriente Médio, Vaticano e muitos outros. Ocorre

que isso exige provas muito concretas e abre as portas para um perigoso questionamento: por exemplo, quem foram os autores do crime de terrorismo internacional condenados pela Corte Mundial há dez anos atrás. (Chomsky, 2002, p.16).

Ainda estamos vivendo sob o impacto dos acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001. Assistimos (como telespectadores) a nação mais poderosa do planeta massacrar um pequeno país do Oriente, já empobrecido por guerras anteriores. O relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI fala em “Educar a Aldeia Global”. Todos são chamados a cooperar e a buscar respostas para a grave situação que nos coloca em risco como espécie. A educação para o convívio com o diferente começa no miúdo da sala (uma sala de professores, de aula, de estar, de oficina, de conferência) ou de uma roda (roda de alunos, de professores, de amigos, de diferentes) uma arma poderosa para evitar a intolerância.

A educação constitui inegavelmente uma dessas respostas e, sem dúvida, a mais fundamental. É preciso inscrever a cooperação em matéria de educação no contexto mais geral de esforços a serem levados a cabo pela comunidade internacional, para suscitar uma tomada de consciência do conjunto dos problemas a resolver e procurar consensos sobre questões que exigem uma ação combinada. (Delors, 2000, p 195).

A educação assim é chamada como parceira de um grande pacto para entender o direito das gentes. Ou seja, crianças, adolescentes, terceira idade, índios, negros, judeus, mulheres, pessoas portadoras de necessidades especiais e homossexuais. Nosso desafio é encontrar maneiras de acolher e trabalhar para que estes sujeitos, mesmo diferentes, possam conviver em grupo. As palavras, além de belas, devem ter uma significação e um significado dentro de um plano de ensino, ou ele estará destinado a fracassar como tantos outros. A Declaração dos Direitos do Homem é uma das obras mais

significativas para a literatura universal. Inspira desejos de paz, solidariedade, fraternidade, justiça e solidariedade.

Num discurso geral sobre os direitos do homem, deve-se ter a preocupação inicial de manter a distinção entre teoria e prática, ou melhor, deve-se ter em mente, antes de mais nada, que teoria e prática percorrem duas estradas diversas e a velocidades muito desiguais. Quero dizer que, nestes últimos anos, falou-se e continuava-se a falar de direitos do homem... Muito mais do que se conseguiu fazer até agora para que estes sejam reconhecidos e protegidos efetivamente, ou seja, para se transformar aspirações (nobres, mas vagas) exigências (justas, mas débeis) em direitos propriamente ditos. (Bobbio, 1999, p.67).

Nossa busca pela igualdade tem limites bem determinados. Assim proclamamos os Direitos do Homem, da Democracia, do aprimoramento da relação indivíduo/sociedade, como o reconhecimento do sujeito, liberdade de religião e a de orientação sexual. No entanto, a escola continua operando em todos os espaços da psicologia escolar, num nível de heteronormatividade e eurocêntrismo insuportável para grande parte dos alunos e até de professores.

A pedagogia escolar não estabelece espaços para uma abordagem positiva e respeitosa, capaz de conviver com a diferença. De acordo com a organização de defesa dos homossexuais no Brasil, existem inúmeros exemplos de gays, lésbicas e travestis expulsos da escola sem motivo aparente. (Relatório do PIDESC da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, 2000, p.58)

4 - Leis, homoerotismo e esperança.

No seu artigo 3º, inciso IV, a Constituição Federal dispõe que um dos objetivos fundamentais do Brasil é promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. No Brasil, vivemos uma grande contradição. Não há nenhuma lei que criminalize a homossexualidade. Por outro lado, não contamos com

nenhuma legislação que, de fato, estabeleça diretriz concreta e proteja os direitos dos homossexuais. Apesar de a homossexualidade não ser crime, os homoeróticos são tratados como delinqüentes e discriminados como perigosos marginais. Tramita no Congresso Nacional uma proposta de emenda à Constituição que explicita a igualdade entre os cidadãos, independente da orientação sexual.

A lista de crimes contra a cidadania destas minorias sexuais está muito aquém da realidade, pois apesar de milhares de gays, lésbicas e travestis serem vítimas diárias de graves violências e tiranias, a maior parte das vítimas deixa de denunciar e reivindicar seus direitos devido à auto-repressão e por serem obrigados a esconder sua homossexualidade, pois caso a assumissem seriam ainda mais vitimados. (Assembléia Legislativa/RS, 1996, p.153)

Muitos homoeróticos esperam que leis claras sobre o direito à homossexualidade possam reverter esta situação. Os que participam de grupos organizados, mesmo casualmente, tem esta convicção mais acentuada. De uma certa maneira, lembra-me o debate há onze anos na criação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. As pessoas acreditavam piamente que, após a promulgação do Estatuto, as crianças e os adolescentes estariam mais protegidos. Da mesma forma existe a esperança de proteção e por isto muitos lutam por leis que defendam os direitos dos homossexuais. É um sentimento profundo, arraigado e radicalizado em muitos sujeitos humanos.

No fundo, apesar das diferenças de época e objetivos, a representação do poder permaneceu marcada pela monarquia. No pensamento e na análise política ainda não cortaram a cabeça do rei. Daí a importância que ainda se dá, na teoria do poder, ao problema do direito e da violência, da lei e da ilegalidade, da vontade e da liberdade e, sobretudo do Estado e da soberania (mesmo se esta é refletida, não mais na pessoa do soberano, mas num ser coletivo). (Foucault, 1999A, pp. 85 e 86)

O pano de fundo que perpassa essa análise política é o mesmo que orienta muitas discussões sobre a proteção das minorias. Tenho sérias dúvidas se leis podem proteger contra a discriminação, o preconceito e o endemoninhamento de que são vítimas os homoeróticos. A aprovação dessas leis, contudo será um alento para muitos.

O Brasil é campeão mundial de assassinatos de homoeróticos, denunciado, inclusive, pelos últimos relatórios da Anistia Internacional. Entre 1980 e 1987 foram assassinados 1.597 homoeróticos, vítimas do machismo e da homofobia (ódio à homossexualidade) Essa violência foi parcialmente agravada pela epidemia da AIDS.

A visibilidade da peste gay através da mídia, em contraposição à criação de um diálogo e do esforço pela visibilidade gay, ganha uma conotação de marginalização e recria amarras para os indivíduos e o movimento organizado. (ABONG, 2000, p.33).

A nova conjuntura introduzida pela pandemia da AIDS foi socialmente construída. O próprio desconhecimento da doença ajudou nesse sentido. Assim foi fortalecido o preconceito contra os chamados “grupos de risco”, aumentando o estigma contra os homoeróticos. Cito apenas este fato como agravante do preconceito. Não pretendo aprofundar-me neste cenário.

III-HOMOEROTISMO: Viajando na História

Desde o alvorecer da história, portanto, transmitido sob a forma de mitos, de relatos épicos, de encenações dramáticas, de narrativas religiosas, etc., o homoerotismo encontrou sempre alguma forma de representação imagístico-discursiva nas mais diversas culturas e civilizações. Se um breve repasse de olhos sobre a antropologia, a história e a sociologia é suficiente para corroborar esta afirmação porque "eles", os homossexuais, são descritos como instigantes

anomalias a serem descritas, explicadas e solucionadas. (Graña, 1996, p.p.2).

Como foi visto, vivemos uma época de direitos onde ainda não conseguimos conviver com o diferente. Pior: o diferente é tratado como um demônio estrangeiro. Será preciso um olhar mais demorado nas raízes do cristianismo, no plano terrestre transformado em eterna luta entre o bem e o mal, nas contradições do casal “íntimo da idade moderna” e seus paradoxos em busca de um relacionamento de iguais.

1 - O estrangeirismo e a intimidade

1.1 - A construção da intimidade

As mudanças nas últimas décadas transformaram radicalmente os conceitos de amor, casamento, romantismo e prazer, afetando o comportamento sexual e afetivo dos indivíduos, independente de sua orientação sexual. Por um lado, os casais heterossexuais buscam laços menos rígidos em seus relacionamentos. Por outro, os casais homossexuais lutam de todas as formas pelo direito ao “casamento”, civil, religioso e até à adoção de filhos. Anthony Giddens trabalha em A Transformação da Intimidade a “história emocional secreta” que possuem as sociedades modernas. Segredos suscetíveis de serem desmascarados a qualquer momento. “É uma história das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades públicas. (Giddens, 1993, p.11). O autor identifica, na época atual, um conflito cada vez mais acentuado entre o amor romântico e o amor confluyente. Em algum ponto entre a modernidade e pós-modernidade (ou talvez por causa dela), a emancipação feminina sacudiu muitos séculos de patriarcado. A mulher, enquanto categoria não emancipada, era considerada um objeto sensível, fonte de prazer e preocupações para o homem.

Na época atual, os ideais do amor romântico tendem a fragmentar-se sob a pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina. O conflito entre a idéia do amor romântico e o relacionamento puro assume várias formas, cada uma delas tendendo a tornar-se mais revelada à visão geral como um resultado da crescente reflexividade institucional. (Giddens, 1993, p.72).

O amor romântico, que dependia de um modelo feminino socializado como antagônico ao masculino, aos poucos vai cedendo lugar para um outro tipo de relação, o amor confluyente. Este presume igualdade no doar e receber amor para os dois lados. A “rainha do lar” parece estar com os dias contados. E, mesmo ela, exige seus direitos eróticos. Uma mudança significativa, se usarmos como parâmetro a mulher “libertina e perdida” de tão pouco tempo atrás. A realização da sexualidade feminina faz parte do novo contrato sexual do amor confluyente. O casamento de Nicolau com Mônada demonstra a força deste novo tipo de relação. Ela sabia que esta união tinha um tempo determinado. Casou e ficou com o companheiro enquanto foi prazeroso. Em algum momento, decidiu partir sem mágoas e iniciou uma sólida relação de amizade que já tem 20 anos.

Ela sempre soube da minha atração por homens. E quis casar comigo. Ela queria um marido, mas não um machão que a impedisse de estudar, de seguir seus planos.²⁰ De alguma maneira seremos sempre marido e mulher. Somos amigos e eu adoro quando ela vem aqui me visitar. (Nicolau)

1.2 - Gramáticas do erotismo em uma sociedade analfabeta

Nas culturas não ocidentais... A arte erótica era em geral uma especialidade feminina, quase sempre limitada a grupos específicos: as artes eróticas eram cultivadas por concubinas, prostitutas ou pelos

²⁰ A moça na época do casamento era estudante de Direito, hoje é Juíza e a carreira já está quase no auge. Nicolau orgulha-se do crescimento de Mônada e quando fala dela provoca o ciúme do companheiro.

membros de comunidades religiosas minoritárias. O amor confluyente desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos têm a oportunidade de tornarem-se sexualmente realizados. (Giddens, 1993. P.74).

Aqui temos um problema delicado. A saúde sexual da mulher é hoje um direito reconhecido por todos os povos “civilizados”. Com certeza foi estendido o direito do prazer para todas as mulheres. Os movimentos feministas gritam e as revistas “femininas” ocupam sempre muitas páginas sobre prazer e orgasmo. Uma conhecida revista de informações, ao descobrir (em uma pesquisa da editora) que o perfil do seu público tinha agora uma significativa parcela feminina, resolveu mudar sua linha editorial. Primeira edição pós-mudança, uma mulher e um homem brancos abraçados e seminus. A manchete, como não poderia deixar de ser, falava em prazer e orgasmo. A distinção entre mulheres “respeitáveis” e as “outras” começa a desaparecer. Sendo a mulher co-dependente do homem tratada como viciada e a figura do marido “estrangeiro” que vinha do outro mundo para o mundo doméstico como um criminoso que impediu o crescimento de outro ser humano.

Eu formulo os conceitos em questão da seguinte forma. Uma pessoa co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir suas carências: ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. (Giddens, p.102).

A liberdade de escolher e permanecer com o companheiro (a) num contexto mais flexível desencadeou uma verdadeira guerra dos sexos. Tendo muitas vezes como exemplo masculino figuras de estrangeiros, alguns homens conseguiram construir intimidade conjugal com as companheiras

emancipadas. Outros persistem na procura da mulher submissa. Outros choram, infelizes, a perda da sua “Amélia”.

Desde o início das transformações que afetam o casamento e a vida pessoal, os homens em geral excluíram-se do desenvolvimento do domínio da intimidade. As ligações entre o amor romântico e a intimidade foram suprimidas, e o apaixonar-se permaneceu intimamente vinculado a idéia de acesso: acesso a mulheres cuja virtude ou reputação era protegida. (Ibidem, p.p.70 e 71)

A mulher liberada transformou a outrora “outra” submissa em muleta emocional do homem incapaz de manter intimidade e fidelidade. Num passado próximo, características como ousadia, determinação, liderança e escolhas afetivas, que eram motivos suficientes até para a internação feminina, hoje são qualidades. O amor confluyente pressupõe a continuidade dos laços afetivos enquanto houver benefício para ambos os lados, independendo da constituição sexual do casal.

Deveria ser observado mais um contraste muito importante entre o amor romântico e o amor confluyente: assim como o relacionamento puro em geral, o amor confluyente não tem ligação específica com a heterossexualidade. As idéias de romance têm se estendido ao amor homossexual, demonstrando também certa influência sobre as distinções de feminilidade e masculinidade desenvolvidas entre parceiros do mesmo sexo. (Giddens, 1993, p.74)

Homens e mulheres têm o desafio de construir os novos conceitos de masculino e feminino que parece amedrontar tanto as antigas gerações. Nada parece confundir tanto quanto um homem querendo casar com outro, pessoas da terceira idade ficantes e adultos recomeçando e começando muitos outros relacionamentos. A intimidade proporcionou conhecimento mútuo aos casais, quem reconheceu e não pode suportar a diferença do outro se afastou (de corpo ou de espírito). Acredito que por aí a tão falada grave crise existencial masculina neste começo de milênio.

Já observei que o amor romântico apresenta características que tendem a sobrepujar a diferença sexual. Apesar disso, a idéia do amor romântico tem se orientado, sobretudo, pelo casal heterossexual. O amor confluyente, embora não necessariamente andrógino, e ainda talvez estruturado em torno da diferenças, presume um modelo de relacionamento puro em que é fundamental o conhecimento das peculiaridades do outro. (Ibidem p.74)

As últimas décadas sacudiram o modelo de sociedade falocêntrica que prevaleceu na tradição oriental desde a Antigüidade. O novo paradigma da diferença dos sexos surgiu na modernidade. De sem gênero, o feminino foi transformado em segundo sexo. Gerada a feminilidade, o humano feminino passa a existir no imaginário da Sociedade Moderna.

Apenas no final do século XVIII e no início do século XIX teria se forjado um discurso sistemático sobre essa diferença, pois até então, os sexos eram concebidos de maneira hierárquica, sendo sempre regulados pelo modelo masculino. Este era figurado de maneira indiscutível como sexo perfeito. (Birman,2001, p.33)

Foucault nos fala, na História da Sexualidade (1999^A) na implantação da sexualidade tendo como base um dispositivo, a partir do século XVIII. O poder estará no sexo e no controle desta sexualidade. Fazendo uma analogia com Giddens (que escreveu a transformação da intimidade sob o olhar foucaltiano). O amor romântico pressupõe a mulher como a esposa do homem que ela escolheu. Seu lar e seus filhos, frutos do seu amor, dedicação e fidelidade. O amor confluyente não excluiu a idéia de casa-lar e filhos, embora limite o número de crianças e as horas de afastamento do lar para realização profissional de ambos os sexos, como ponto de partida para a felicidade do casal. Para o amor romântico o que é pertinente é o vínculo e o compromisso entre os parceiros. Para o amor confluyente, são as sensações de corpo, de pele e de qualidade dos prazeres. Em ambos o sistema está presente, através do

controle de poder. No primeiro através dos laços e no segundo através do controle da ampliação das “técnicas sexuais”.

O casamento de Mônada com Nicolau rompe, de alguma maneira, os dispositivos de saber e poder a respeito do sexo. Vejamos, um dispositivo de controle feminino. Figura patética da socialização feminina, a mulher nervosa, fragilizada pela maternidade, que tem responsabilidade biológica e moral com a educação da criança e responsabilidades com o lar. O corpo feminino, analisado, classificado e desclassificado nos últimos séculos, como objeto de estudo saturado de sexualidade e exorcizado por Mônada. Esta resolve dar um novo destino a seu corpo. Renunciou à maternidade e optou por trabalhar um intelecto cheio de desejos e potencialidades. Fazendo do Direito e da carreira de Juíza um projeto de vida.

Mônada queria ser juíza, desde que entrou para a faculdade, os homens que ela conheceu queriam dedicação ao relacionamento. Aquele blábláblá de homem querendo conquistar. Se o barato dela era estudar era isto que ela tinha que fazer. A gente se divertia juntos. Quando ela tinha que estudar, estudava. Imagina se tivesse casado com machista. (Nicolau)

Mônada não exigiu dele a função de procriador de seus filhos como no amor romântico, nem se colocou como objeto de prazer ou exigiu dele a postura de homem heterossexual, fonte de permanente satisfação sexual. A idéia de filhos foi rejeitada pelos dois. Mônada queria estudar a fundo a Ciência Jurídica. Nicolau pensava em aproveitar com profundidade os relacionamentos que aparecessem em sua vida.

Criança precisa de atenção, eu sou muito preocupado, ia virar um escravo atrás do filho. Já criei algumas pestinhas, prefiro assim, viver com liberdade. De repente, mais tarde, me dedico a alguma instituição que trabalhe com crianças. Filhos não precisam ser de sangue, embora eu sonhe com uma menininha atrevida e respondona

e penso (nos sonhos) não posso condenar ela por ser assim, porque eu sou assim e ela é a minha filha. Sempre fica a possibilidade de como eles (os filhos) poderiam ser. (Nicolau)

Enfim, depois de algum tempo eles decidiram que não precisavam nem de casamento, nem de filhos e que a história deles era diferente daquele casal heterossexual que estava no imaginário desde a infância. O desejo de cada um deles era a plenitude. E cada um foi buscar o seu sonho. Vejamos agora como Dorian pensa o casamento.

Tive um grande amor, não tive como ficar com ele, a gente não se entendia. Às vezes fico um tempo com alguém, mas as pessoas me descartam logo. Às vezes uma menina dá em cima de mim, acho estranho. Elas querem compromisso antes de transar. Não admitem que estão a fim e é só isso. Para mim é cinismo ou preconceito. Imagina namorar ou casar só porque tem tesão. Isso dura pouco tempo, poucos anos no máximo. É trombada na certa. Se eu digo para um homem não tenho mais tesão ele entende, se eu digo para uma mulher, é caso de suicídio, não tenho mais paciência para isso. Dá para ficar amigo do cara depois de terminar. Tente ser amigo de mulher que se sente rejeitada. (Dorian)

É interessante esta fala de Dorian, ela deixa bem claro os códigos de amor romântico e confluyente misturando-se num samba doido de amor e de relacionamento. Depois de uma terapia com uma psicóloga yunguiana, Dorian chegou a conclusão que seu “grande amor” queria imprimir um padrão machista entre eles. Ela levou Dorian a pensar: o “Grande amor” desvalorizava tudo que vinha dele, suas idéias, seus textos, sua atuação profissional. Só que do outro lado não estava uma mulher submissa a esta desvalorização, mas sim um macho fálico que tinha certeza de suas potencialidades. Dorian achava que deveria tentar ficar com o homem de sua vida (amor romântico) e, ao mesmo tempo, permanecer com ele enquanto fosse prazeroso para os dois (amor confluyente). Depois de anos de idas e vindas finalmente terminou, “Grande amor” admitiu que não tinha mais tesão por ele. Agora ele espera encontrar

outro grande amor. Ficaram amigos, apesar de tudo. Dorian tem certeza que “rebenta” a estrutura emocional de uma mulher se disser para ela que tesão acabou. Ela pode achar-se a última das criaturas e imagina que não significa nada na vida de um homem. As mulheres são estrangeiras para Dorian.

1.3 - O estrangeirismo de Dorian

Dorian é o protagonista de uma dessas histórias secretas da modernidade de que nos fala Giddens. A mãe, ex-postulante à freira “não sabe” da orientação sexual do filho. Irmãos, alguns parentes e amigos mais “liberais” foram escolhidos por Dorian para compartilhar sua escolha de orientação sexual, formando um estranho binarismo familiar entre os sabedores e não sabedores do “segredo”. Nas palavras de Dorian:

Faço questão de desmunhecar na frente dela e não adianta, ela parece não querer ver, já me disse várias vezes que acha dois homens na cama uma coisa animalesca, um absurdo da natureza, pecado sem perdão, pessoas que não deveriam existir, já chorei muito por isso. (Dorian)

As relações escolares, acadêmicas e profissionais de Dorian vão reproduzir a mesma relação de duplicidade mantida com a família. Aqui é importante precisar o conceito de estrangeiro. O sentido usado neste trabalho é o da estranheza em relação aos outros membros da família. Um medo da outridade que o diferente traz ao senso comum.

Mas talvez seja a partir da subversão desse individualismo moderno, a partir do momento em que o cidadão-indivíduo cessa de se considerar unido e glorioso para descobrir as suas incoerências e seus abismos, em suma, as suas “estranhezas”, que a questão volta a se colocar: não mais de acolhida do estrangeiro no interior de um sistema que o anula, mas a da coabitação desses estrangeiros que todos nós reconhecemos ser. (Kristeva, 1994, p.10)

Em sociedades mais primitivas, o estrangeiro era um inimigo a ser abatido, atos de selvageria para os atuais padrões de comportamento. No entanto, o diferente ainda é agredido, humilhado, discriminado e excluído. Dorian sempre foi o estrangeiro, tinha medo que descobrissem sua outra linguagem. Ao tentar “confessar” sua orientação sexual ficava mais distante de todos. Os “sabedores do segredo” querem poupar a mãe de Dorian da grande desilusão.

Se voltarmos no tempo e nas estruturas sociais, o estrangeiro é o outro da família, do clã, da tribo. Inicialmente, ele se confunde com inimigo. Exterior a minha religião, também ele pode ser o infiel, o herético. Não tendo prestado fidelidade ao meu senhor, ele é nativo de outra terra, estranho ao meu reino e ao meu império. (Ibidem, p.102)

Dorian é o inimigo da família perfeita, um estranho para a família, um estrangeiro para os valores cristãos, não compartilha suas experiências, afetos, descobertas, enfim vive com medo que sua história secreta seja descoberta. Quanto mais o tempo passa, mais estrangeiro ele se torna para a família e para ele mesmo. Recuaremos um pouco para as raízes do cristianismo.

1.4 - Cristãos, hereges e endemoninhados

Embora as palavras de Cristo tenham sido de paz, as sociedades cristãs não foram exatamente agentes de pacificação. A própria figura do Cristo exorcizando os fariseus, introduz nos evangelhos a idéia do mal a ser erradicado. Nos primeiros séculos após a morte de Cristo, vários grupos de adoradores de Jesus colocavam-se como fonte de bem em oposição aos dissidentes do movimento, outros grupos que divergiam das palavras do evangelho, os malignos, os hereges, enfim, os outros.

Essa visão de luta cósmica, de forças do bem se chocando com forças do mal, teve origem em fontes apocalípticas judaicas e foi desenvolvida por grupos sectários, como os essênios, quando reagiam a forças que consideravam mobilizadas contra eles. Essa cosmologia fraturada, revisando de modo drástico o monoteísmo anterior, implicou ao mesmo tempo uma sociedade cindida, dividida entre os “filhos da luz”, aliados dos anjos, e os “filhos das trevas”, associados às potências do mal. (Pagels, 1996, p.p226)

Entramos no terceiro milênio e a satanização do outro continua atuando em nossas relações sociais. Nossa moderna sociedade continua presa à eterna briga entre o bem e o mal. Chego aqui a um ponto crucial para as perguntas elaboradas no começo deste trabalho, que me fizeram recuar no tempo e no espaço até chegar aqui. Tal como os primeiros adoradores de Jesus, os modernos educadores do terceiro milênio reagem como exorcistas, ao condenar, pelo silêncio, o fantasma da homossexualidade? Vejamos os primeiros séculos do cristianismo.

Enquanto o movimento cristão permaneceu como uma minoria perseguida e suspeita nas comunidades judaicas e no império romano, seus membros, tais como os essênios, encontraram sem dúvida uma sensação de segurança e solidariedade na crença que seus inimigos eram... filhos do inferno. (Pagels, 1996, p.231).

Não é difícil imaginar por que cristãos escondidos em catacumbas para adorar sua fé, com medo de serem atirados aos leões, acreditassem que seus perseguidores realmente eram filhos do demônio. Fontes cristãs do século I mostram as diferentes maneiras de perceber os outros grupos (também do cristianismo). As palavras de Cristo ²¹ já demonstravam a sua expectativa em relação ao comportamento de seus seguidores. Após a sua morte, vários segmentos de crentes passaram a disputar o seu espólio de fé.

²¹ “Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, mãe, mulher, filhos, irmãos a ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. (Lucas 14:26).

Às vezes, na mesma cidade, havia grupos, cada um deles” interpretando o evangelho de forma diferente e, que era comum, discutindo entre si com a veemência que costuma ser reservada às brigas de família. O próprio apóstolo Paulo, a braços com duas gerações de mestres rivais, tentou lhes cortar a palavra, chamando-os de servos de Satanás. (Ibidem, p.194)

Certamente que este binarismo amigo/inimigo não foi compartilhado por todos os pensadores na história das sociedades²² depois de Cristo. É possível uma outra postura como estar ao lado de Deus sem endemoninhar seus inimigos. Mas, segundo Pagels, grande parte dos cristãos agiram na crença de que seus inimigos eram do mal e estavam além da redenção.²³

Tão irresistível é essa visão de guerra cósmica que ela satura a imaginação de milhões de seres humanos há dois mil anos atrás. Os cristãos, desde os tempos romanos, passando pelas Cruzadas e pela Reforma Protestante, até o presente, invocaram-na para interpretar a oposição em milhares de contextos. (Pagels,1996 p.231).

Das raízes do cristianismo até os nossos dias, muitos séculos, povos e nações proferiram a fé cristã e sempre esteve presente a luta do bem contra o mal, representado pelo inimigo/estrangeiro, ou seja, o outro. Aquele que não sou eu. Esse sentimento não é exclusivamente cristão. As tribos africanas e americanas também guerreavam entre si. O sentimento de nós e eles é universal. Do cuidado com a diferença e com o estrangeirismo. Ao longo dos anos o imaginário popular construiu teorias de vida pós-morte e juntos

²² Já no século I aC o apóstolo Mateus escreveu: Ouvistes o que foi dito, amarás o teu próximo e odiarás a teu inimigo. “Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso pai celeste. (Mateus 5:43-44)”.

²³ De maneira nenhuma estou dizendo que Cristo incitou os grupos a brigarem. Estou fazendo uma análise do espólio de fé do Jesus histórico. Da mesma maneira, sabemos que muitos cristãos lutaram pela paz, basta olhar a oração de São Francisco ou os discursos de Martin Luther King Jr.

destas um lugar privilegiado para os seus valores e um lugar ao lado de Satanás para os inimigos estrangeiros.

1.5 - Dante, pecado, virtude e homossexualidade.

Saltando para os limiões da Modernidade, encontraremos a obra de Dante. Exilado de Florença ²⁴ e enlutado pela morte do seu grande amor Beatriz, ele escreve a Divina Comédia, onde vai visitar o outro mundo. Vamos examinar os mundos percorridos por Dante, e nos deter onde moram as almas dos homossexuais após a morte do corpo físico. No paraíso elas não estão, com certeza.

Em Dante, a privação de um local onde se fixar parece ter liberado toda a imaginação, de forma que, sem dívida com nenhuma tribo, mas escorado pelo universalismo cristão que abraça com sua plena fé, ele constrói em poema o universo mais complexo possível, a própria infinitude tornando-se mundo. (Kristeva, 1996, p.113).

O Paraíso, o Inferno e o Purgatório. Eis os mundos visitados por Dante. Nos dois últimos habitam almas que em vida foram pessoas de orientação homossexual. Para entender porque estas almas vão para o “Inferno”, é necessária a compreensão dos motivos que não as levam ao paraíso e que o primeiro está em oposição ao outro. O inferno em contraponto ao paraíso, como a virtude está em oposição ao pecado. É o bem como o contrário do mal.

²⁴ Na Florença, do século XIV, os Guelfos, fiéis à autoridade do Papa, opunham-se aos Gibelinos partidários do imperador. Vencedores, os Guelfos subdividem-se em brancos e negros. Dante abraça a causa dos Brancos. Em 1301 ele parte para Roma, junto com o Papa Bonifácio VIII (favorável aos Negros) para advogar a causa dos Brancos. Nesse meio tempo os negros tomam Florença e o banem da cidade, sendo condenado à fogueira caso voltasse à Florença.

O Inferno é o reino das trevas, o vale doloroso onde termina o ser humano a partir do momento em que ele se recusa a seguir a verdadeira “via da razão e da virtude. A natureza humana se afunda cada vez mais na matéria sem, entretanto, escapar a lei de sua própria natureza. (Mauro, 1998, contra capa da Divina Comédia).

Embora qualquer alma tenha passado pela experiência final de vida, elas não estão no mesmo plano pós-morte. No julgamento de decisão da futura morada, os critérios serão os atos de bondade/maldade, vício/virtude praticados em vida. Para a Igreja católica, a orientação homossexual constitui-se em um crime contra a natureza (que os fez homens) e, portanto, contra Deus.

No sétimo círculo, Dante colocou aqueles que por violência atentaram contra as outras pessoas (tiranos e assaltantes); contra si mesmo ou contra seus bens (suicidas e perdulários); contra Deus (blasfemadores, sodomitas e usurários). (Mauro, 1998, contra capa da Divina Comédia).

É a deidade ofendida pelas escolhas humanas e angelicais²⁵, o homem julgando como Deus os vícios e virtudes humanas. O “self” magoado busca a virtude na esperança do perdão divino, da injúria cometida contra a natureza. No mundo dos vivos, a personagem exerce o direito do livre arbítrio. Sua alma, porém, acatará na eternidade a recompensa ou o castigo que lhe será imposto, sem direito à revisão. Exceto no caso dos que forem julgados e condenados a expiar seus pecados no purgatório. Vamos passar rapidamente pelo paraíso, a morada dos virtuosos, de Deus e dos bons.

Segundo Dante, existem oito céus de estrelas. São habitados por almas de acordo com a ordem crescente de seus merecimentos. Chega-se então ao céu das estrelas fixas. Para além deste encontramos um novo céu. É

²⁵ Afinal, Deus expulsa o anjo que quis brilhar como ele. É desta queda que surge o Inferno.

o primum móbile ou céu cristalino. Este céu ordena o movimento dos céus inferiores. No centro deste céu há um ponto luminoso. À volta, giram as nove inteligências angélicas que circundam a Deus.²⁶ Vejamos agora o seu oposto.

O inferno, onde estão os pecadores, é o reino das trevas. O vale doloroso, sofrido e cheio de penas e castigos, onde termina o ser humano a partir do momento que ele se recusa a seguir a “verdadeira via” da razão e da virtude. Este lugar é constituído por uma imensa cratera escavada nas profundezas do globo terrestre na queda de um anjo rebelde expulso do paraíso. Começa nas proximidades da “selva selvagem” essa ampla cratera e vai se afinando até o centro da terra onde se encontra o próprio Lúcifer (o anjo que ofendeu a Deus) que aí tem o encargo de rei do inferno.

Ao longo dessas paredes, em ressaltos concêntricos, estão recolhidas as almas dos penitentes do castigo eterno. São quatro seções afastadas entre si, nas quais lhe são aplicadas diversas penas cujo rigor se agrava com sua aproximação ao reinado de Lúcifer e que correspondem às quatro transgressões de crescente gravidade catalogadas com base na relativa doutrina aristotélica. São elas: incontinência, violência, fraude e traição. (Mauro, 1998, Contra Capa da Divina Comédia).

Segundo a doutrina aristotélica o objetivo final de nossas vidas é alcançar a felicidade. Para tanto, precisamos viver racionalmente no caminho que nos leva a Deus; isso implica viver segundo a virtude. O que é ser virtuoso? Ser íntegro, reto, justo, casto, puro, honesto e pudico. A própria virtude poderia ser uma personagem, tal a preocupação humana com ela. A virtude é aquela que muitos estão à procura, para se livrar do mal. Afinal, é pela virtude ou pela falta dela que uma alma vai para o inferno, faz um estágio no purgatório ou ruma para o paraíso. Assim, não é por acaso que muitos homossexuais procuram ser “virtuosos” e assumir a sua orientação sexual. O

²⁶ O ordenamento deste Céu foi trabalhado por Dante na Divina Comédia no Volume “O Paraíso”.

não assumir a opção sexual em vida pode trazer “graves” conseqüências pós-morte, pior do que o deboche dos amigos, o desprezo da família e a exclusão da sociedade são o pesadelo de ser uma alma penada para o resto da eternidade.

Reconfortado por Virgílio, entra no átrio do inferno (Dante), onde são punidos os ignavos, os que não praticaram o mal, mas também foram relaxados na escolha do bem. Estes são picados por nuvens de vespas e obrigados a correr sem parada atrás de uma insígnia. É no primeiro castigo que já vemos a correspondência, que se repetirá nas ocasiões seguintes, entre o pecado e a pena. Os que foram tíbios e frouxos carregam sem descanso uma bandeira. (Alighieri, 1998, p 37).

Antes de atravessar o rio Aqueronte existe a entrada, o vestíbulo, a ante-sala do inferno dantesco. Ouvem-se várias línguas, são as infelizes almas dos medíocres, dos covardes e dos indecisos. Enfim, dos que não tiveram coragem. Ninguém os quer. Nem a misericórdia divina nem a justiça infernal, visto que nem no inferno entraram. O que eles fizeram de tão grave? Por que entre tantos crimes, a covardia é considerada tão sórdida, indigna, poltrona, ignóbil e infame. Vejamos o que diz Aristóteles:

Com efeito, ninguém chamaria de feliz um homem que não tivesse sequer uma partícula de coragem, nem de moderação, nem de sentimento de justiça, nem de inteligência e que tremesse diante das moscas que voam em volta dele, que não se contivesse ante qualquer excesso, por mais vergonhoso que fosse, para satisfazer a ânsia de comer e beber, que arruinasse seus amigos mais queridos por um quarto de óbolo, e que em termos de inteligência fosse tão insensato e sujeito a erros quanto uma criancinha ou um louco. (Aristóteles, 2001, p.118)

Justiça, integridade, retidão, coragem e franqueza são elementos que compõem a virtude de uma criatura humana, afastando-a do mal e a convertendo para o bem. Se forem indecisos, incapazes de assumir a sua

condição serão medrosos, derrotistas, covardes e medíocres. Candidatos em potencial para a ante-sala do inferno. Pior que pertencer ao reino de Lúcifer é não pertencer a reino algum, o que significa ser uma alma penada, desprezada e rejeitada para o resto da eternidade. Talvez por isso muitas pessoas famosas resolvam assumir publicamente que sua orientação sexual é homossexual. Mesmo que o público não tenha nada a ver com isso, pelo menos eles assumiram. Uma chance para o purgatório ou para o inferno.

1.7 - Deuses, exemplos e homossexualidade

Há um personagem de Borges – um estudante de medicina chamado Baltazar Espinosa - a quem um dia ocorreu que os homens, ao longo do tempo, repetiram sempre duas histórias: a de um navio perdido que busca pelos mares mediterrâneos uma ilha querida, e a de deus que se faz crucificar no Gólgota. A história de uma viagem e de um sacrifício. (Larrosa, 2000, p.21)

A imaginação ocidental tentou construir uma história moderna, nova, atual e presente. A humanidade parece ainda estar presa à apatia das repetições. A modernidade zombou da saúde de Deus e chegou a declarar a sua morte. No entanto, ainda reflete o exemplo daquele que, para a religião católica, é o filho de Deus. A história individual de cada um parece sempre a repetição de um exemplo anterior. Um tormento a carregar na passagem transgeracional. Poderá o intelecto nutrido de notícias, informes e instrução defender-se de reiterar sempre os mesmos modelos?

Trata-se, sem dúvida, de contos- coisas que se contam e que só se contam porque se segue contando- e de lendas- coisas para serem lidas...cujas reiteraões e variaões se poderia traçar, em parte, a história da alma européia: a história, definitivamente, de todos e de cada um de nós. Todos somos um pouco Ulisses, um pouco Cristo, um pouco Sócrates, um pouco Rousseau. (Larrosa,2000, p.22)

A conduta “pecaminosa” dos homoeróticos os faz candidatos ao Inferno dantesco, pois cometeram o pecado da violência e da bestialidade. Se condenados, irão habitar o terceiro giro do inferno, junto com os gastadores, blasfêmios e usurários. Seu destino pós-morte já é conhecido em vida, imaginam-se entre os danados, guardados por demônios e monstros, ardendo e sofrendo na eternidade das chamas infernais. O crime cometido por essas criaturas condenadas à tamanha danação é sentir-se atraído e/ou ter relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo. Para azar dessas almas, elas não eram grandes espíritos da Antigüidade. Assim, segundo Dante, quase todos os homossexuais estão condenados a arder no inferno.

Já que o sacerdócio do matrimônio da Igreja católica é bem claro: “casamento é a união de um moço e de uma moça que se querem bem e por isso fazem a aliança de viverem juntos até o fim da vida”. (Jesus e Nós na Eucaristia, 1999, p.60).

A fé cristã não previu o amor a Jesus dos que tem desejo e a paixão pelo próprio sexo. E os rapazes que querem casar com rapazes e as moças que querem casar com moças? E, ao mesmo tempo, continuar pertencendo à fé que acreditam? Complicando mais. Ser homossexual e seguir o sacerdócio da fé cristã. A união civil entre gays já acontece em seis países europeus: Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia, Groenlândia e Islândia. A parceria civil está em projeto no Brasil,²⁷ México, Canadá, Finlândia e República Tcheca. Já existe registro do casal em cartório em algumas cidades ou estados da Bélgica, Canadá, Espanha, Estados Unidos e França. O casamento legal só acontece na Holanda.²⁸ É uma civilização que caminha

²⁷ De autoria da atual prefeita de São Paulo Marta Suplicy ele muitas vezes serviu de chacota parlamentar. Uma verdadeira novela que tem um site de mais de 200 páginas na internet. Porém conseguiu que avançasse a questão da discussão sobre a união de pessoas do mesmo sexo.

²⁸ Dados retirados da Revista Super Interessante – nº 168. Setembro de 2001.

para a regularização dos bens adquiridos durante a união. Porém, ainda estamos muito longe do reconhecimento legítimo deste tipo de união pela Igreja católica. E qual a importância deste reconhecimento para os homossexuais? A resposta para esta questão talvez possa ser buscada no sacramento da penitência. Na repetição sem fim do exemplo de Cristo e talvez no de Sócrates.²⁹ O perdão de Deus chega até nós através da Igreja. “Herdeira”, e porta-voz da palavra de Jesus.

É verdade que Deus está sempre pronto a perdoar e pode perdoar de muitas maneiras. É verdade também que o padre é um homem como os outros. Mas sabemos que Jesus Cristo deu à sua igreja, na pessoa dos apóstolos, o poder de perdoar pecados. (Jesus e Nós na Eucaristia, 1999.p.65).

1.8 - Catolicismo, homossexualidade e danação.

Ainda nos dias de hoje, os homoeróticos afirmam que são alvo da hostilidade das igrejas cristãs, quando não impedidos de assistir cultos e ritos dessas igrejas. Será que algum Daimon particular aconselha os homossexuais a se dedicarem à fé cristã? Outra doutrina tem dogmas bem mais flexíveis em relação a essa questão. Parece óbvio que eles não são bem-vindos à Igreja católica, Vejamos o que diz o Decreto Presbyterorum do Concílio Vaticano II.

Os fiéis, resgatando o tempo presente e distinguido o que é eterno de suas formas mutáveis, sejam promotores diligentes dos bens do matrimônio e da família, tanto pelo testemunho de sua própria vida com todos os homens de boa vontade. (Paulo VI, 1968, p.512)

²⁹ Os movimentos gays lutam ativamente para que a “Justiça” reconheça seus direitos.

É visível a importância das famílias, do homem à semelhança de Deus³⁰, da mulher obediente e dócil, que deverá ter como objetivo prioritário à função de mãe e esposa. Para os católicos, a liberdade está na sua “aproximação” com Deus. E esta proximidade só acontece com a fidelidade às normas da Igreja. E nestas orientações não estão os direitos ao prazer fora do sacramento do casamento. A atração deverá ser de homem para mulher e vice-versa. “Noivos e cônjuges são muitas vezes convidados pela palavra divina a alimentar e fomentar um amor casto durante o noivado e fiel durante o casamento”. (Paulo VI, 1968, 509). Assim o povo se renova, formando novas famílias e criando os filhos dentro da fé cristã. Somente um casal formado por um homem e uma mulher pode gerar um filho e assim recomeçar a família. A doutrina social da Igreja não deixa dúvidas em relação a esta orientação.

Deus não criou só o homem. Desde o início os fez homem e mulher (Gn 1, 27), cuja união é a base da comunhão entre as pessoas. Por sua íntima natureza o ser humano é, pois, um ser social, não pode viver nem crescer senão em relação com os outros. (Paulo VI, 1968, p.483)

Assim faz parte dos sacramentos da Igreja³¹ o matrimônio como uma das obrigações do povo católico. Militar como um fiel da Igreja católica implica em aceitar a sua doutrina que prega obediência aos seus mandamentos. Na verdade, a Igreja não é contra a homossexualidade em particular e sim contra toda e qualquer forma de sexualidade fora do matrimônio. Até a viuvez exige fidelidade ao cônjuge falecido. Sendo exigidas novas núpcias para o exercício da sexualidade.

A moralidade da ação quando se trata de compor o amor conjugal ou a transmissão responsável da vida, não depende unicamente da

³⁰ E o Deus que a Igreja católica acredita é um Deus masculino, o pai.

³¹ São sete os sacramentos: Batismo, Confirmação, Penitência, Eucaristia, Unção dos Enfermos, Sacerdócio e Matrimônio.

intenção ou dos motivos de agir, mas também de critérios objetivos, baseados no que a pessoa e no que da natureza da ação que executa, respondendo-se sempre as exigências da doação recíprocas integrais e da procriação humana no contexto do verdadeiro amor. Nestas circunstâncias somente uma castidade bem cultivada permite agir corretamente. (Paulo VI, 1968 p.512)

Muitas vezes o Papa³² já declarou que não existe nada contra os homossexuais e sim contra a homossexualidade como escolha de vida, já que eles vivem em pecado, exercendo sua sexualidade fora do casamento. Mesmo assim, cresce em São Paulo um movimento para organizar um centro de formação de teólogos gays e lésbicas de formação cristã. É de perguntar ao Daimon de Sócrates o porquê. Será o medo das penas do inferno?

A insistência na efetivação do projeto já assusta a maioria dos homossexuais, incapazes de compreender por que ainda existem companheiros empenhados em conciliar a sexualidade com o transcendental. Atribuem essa obsessão a um complexo de culpa não superado muito comum entre ex-sacerdotes e ex-seminaristas gays afastados da igreja devido à sua conduta homoerótica. (Lima, 1983, p.180)

Repetir o exemplo de Cristo é garantir, de alguma maneira, depois de sofrimento terreno, um lugar ao lado de Deus, juiz infalível do bem e do mal. A personagem Morgana (da trilogia as Brumas de Avalon – 1989 - de Marion Zimmer Bradley) depois de escutar um comentário de duas senhoras cristãs que faziam um julgamento moral sobre a conduta sexual de uma jovem pensou:: será que elas pensam que Deus é alguma velha fofoqueira que vive fiscalizando a vida íntima humana? As personagens senhoras moralistas acreditavam que a moça deveria prestar contas à Deus por seus atos e escolhas sexuais. Ser fiel à castidade e à moralidade da Igreja significa vencer

³² As declarações do Santo Padre estão sempre em foco. O Papa seria representante do poder de Jesus pela autoridade que lhe foi conferida pelo apóstolo Pedro. Ou seja, o Papa é o próprio representante de Cristo na terra e portanto de Deus (para os que acreditam que Jesus é o filho de Deus).

as tentações, para os católicos. Dizer a verdade e viver com quem se ama representa a fidelidade a Jesus para os homossexuais cristãos.

E o sacerdote homossexual? Exigir castidade na carreira religiosa é uma prerrogativa da Igreja católica. O que parece absurdo é exigir primeiro uma orientação sexual para depois permitir o sacerdócio.

Ser cristão e ser homossexual, na América Latina, é sinônimo de luta, sofrimento, ansiedade e insegurança, particularmente, quando se reivindica um lugar dentro dos quadros eclesiais institucionais.³³ (Lima, 1983, p.178).

Se o futuro sacerdote declarar sua orientação sexual, em verdade estará declarando o exercício de sua sexualidade. O que é para a Igreja é falta de domínio de si para receber Jesus Cristo como Esposo, condições essenciais à futura vida sacerdotal. Quando uma revelação destas vem à tona, os seminaristas são excluídos e muitas vezes nem entendem o porquê. Atualmente, após os escândalos de pedofilia, denunciados nestes últimos anos, em relação a sacerdotes da Igreja católica, o Vaticano tem endurecido no sentido de julgar os homossexuais como anormais. Vejamos o que deve conhecer o futuro religioso em relação aos seus deveres com o futuro esposo:

Visto que a observância da castidade perfeita atinge intimamente as inclinações mais profundas da natureza, humana, os candidatos não abracem tal estado nem sequer sejam admitidos à profissão da castidade, senão depois de provação verdadeiramente suficiente. (Paulo VI, 1968, p.286).

³³ Desabafo de um recém graduado pela instituição luterana de São Leopoldo que apesar de ter concluído toda a formação teológica e filosófica exigida para o ministério, não conseguiu ordenar-se por ser um gay assumido.

Para a família católica sempre é mais difícil aceitar um filho homossexual (na maior parte dos casos existe sofrimento com a revelação e geralmente ela descobre por acaso. E na maioria das vezes guarda como “segredo”) A coragem é muito importante. O destino de quem não se assume é ser rotulado como covarde e medroso, condenado à ante-sala do inferno, lá onde vivem as almas que valem menos do que as moscas.

Na visita do papa João Paulo II ao Brasil em 1980, um grupo de gays e lésbicas, na maioria jovens, avançou, quase correndo, até onde permitia o esquema de segurança.

Apesar das agressões, J.D, um jovem seminarista de Goiânia conseguiu entregar à Sua Santidade um memorial em que os movimentos homossexuais brasileiros manifestavam estranheza pelas posições pontifícias em relação às minorias eróticas³⁴ Reivindicavam, ainda, que a Igreja reformulasse sua postura teológica e pastoral em face da homossexualidade. Passados dois anos do episódio, RS, jornalista profissional e um dos redatores do memorial descobriram que o Papa havia respondido a todos os documentos recebidos durante sua permanência no Brasil, menos ao que havia lhe sido foi entregue pelo seminarista de Goiânia.

Nunca nos dizem nada, não temos uma palavra de esperança de ninguém. Vivemos esquecidos de todos. Somos como órfãos dos homens, órfãos de Deus-comentou RS, desalentado, sucumbindo. Duas lágrimas faziam brilhar seus olhos castanhos no lusco-fusco do fim de tarde cinzenta, do céu ameaçador de setembro. Dava a impressão de perdido, sem forças até para subir a escadaria que levava à redação. Parecia extremamente infeliz. (Lima, 1983, p.150).

³⁴ Notadamente este protesto se referia ao pronunciamento feito em Chigago, em 1979, quando João Paulo II afirmou que os homossexuais são moralmente indignos perante à Igreja, e que motivou irado protesto da International Gay Association.

RS com certeza pensa na danação eterna. Afinal, a Igreja, representante legítima dos apóstolos, através do perdão de seus padres e bispos, poderia tornar bem mais suportável a culpa dos homossexuais. Ingenuidade? Talvez. Mas é a mesma fé em Cristo, e nos seus ensinamentos, (que também foi perseguido e até crucificado) que os faz prosseguir na luta pelo reconhecimento de um lugar impossível na fé cristã da Igreja católica. RS não imaginava que em 1993 (13 anos depois) o Santo Padre responderia a sua questão editando uma Encíclica Papal abordando o Manifesto como forma de resposta à sociedade e não ao grupo que tinha redigido o documento.

A firmeza da Igreja em defender as normas morais universais e imutáveis, nada tem de humilhante. Fáz-lo apenas a serviço da verdadeira liberdade do homem: dado que não há liberdade fora ou contra a verdade, a defesa categórica, ou seja, sem concessões nem compromissos, das exigências absolutamente irrenunciáveis da dignidade pessoal do homem. (João Paulo II, 1997. P.856)

Para a Igreja, certas verdades não mudam. O bem está ligado ao cumprimento de alguns preceitos e a verdade só poderá estar na aceitação desta crença. O que não se enquadrar nestas normas está fora de sintonia com os compromissos relativos à dignidade da pessoa humana. O Papa já pediu perdão aos negros, aos índios e às mulheres pela maneira como foram tratados pela Igreja no passado. A orientação sexual e a sexualidade fora do casamento continuam sendo consideradas pecado.

Mas as tentações podem ser vencidas, os pecados podem ser evitados, por que com os mandamentos, o Senhor nos dá a possibilidade de evitá-los. Os olhos do Senhor estão sobre os que o temem, ele conhece a ação de cada um. Ele a ninguém deu ordem para fazer o mal e a ninguém deu permissão para pecar. (João Paulo II, 1997, p.862)

A Igreja coloca para o homem que a liberdade de pecar tem um preço alto, o afastamento da deidade. Por isso os olhos dos católicos deverão estar sempre à procura do pecado. “Para não se afastar de Deus”. São os guardiões da moral e dos bons costumes, já apresentados neste trabalho, nas memórias de Dorian e Nicolau e relatados nas visitas às escolas. São moralistas que têm certeza que as outras pessoas estão cegas e não enxergam a luz que vem de Deus.

2- A escolha de Nicolau

De formação católica, Nicolau optou pelo culto aos orixás como religião. “De acordo com a visão popular dos membros do culto, todo ser humano tem um orixá associado a sua vida por nascimento. (Segato, 1995, p.106). O Batuque é uma religião monoteísta, amoral e transcendental. Ser batuqueiro para Nicolau é uma questão de qualidade de vida. Quando perguntei para ele o porquê da aproximação com o Batuque, ele me respondeu:

Eu não sou hipócrita, e não entendo o que essas bichas fazem no catolicismo. Aliás, Judaísmo, Islamismo, Cristianismo, Catolicismo, Protestantismo é tudo a mesma coisa com Deuses frios, repressores, maniqueístas e genocidas, me cansam. (Nicolau).

Nicolau, além de pai-de-santo, também joga búzios³⁵ para as pessoas em geral, independente de serem ou não da religião. O oráculo tem um papel fundamental na religião, é um canal com os orixás para que estes possam conversar com seus filhos. Muitas pessoas procuram a casa por

³⁵ Os búzios são um canal de comunicação com os Orixás. É através da leitura deles que o pai (mãe-de-santo) avalia os sinais recebidos de manifestação do Orixá. Pode ser em relação a uma situação que o cliente ou filho-de-santo esteja atravessando, conselhos para o seu futuro, descobrir “o dono do ori” ou da cabeça de santo de uma pessoa.

problemas de saúde, falta de emprego, problemas de relacionamentos amorosos e no trabalho.

Ele legitima todas as decisões tomadas sob sua orientação, pois elas são consideradas como se originando da vontade do santo e tendo o seu endosso. Utilizando-o sacerdotes e sacerdotisas exercem seus papéis de intermediários entre o ser humano e a divindade. (Segato, 1995, p.106).

Nicolau atende a consultas há mais de 10 anos e tem muita raiva da culpa imposta pela Igreja católica. Já na infância, brigou com o padre durante a aula de catecismo, para desespero da avó, católica fervorosa. O padre queria que ele confessasse suas culpas. Como ele não sentia nenhuma, não confessou, não fez a comunhão e deu um adeus definitivo para a Igreja e suas culpas.

Não dá para entender o que um homossexual vai fazer na Igreja. Só sendo masoca mesmo. Bicha que vai à Igreja tá pedindo, depois se queixa quando é discriminado. Para o católico homem tem que casar com mulher. Cada um tem que procurar a sua turma. Tenho raiva de gente burra. A professora vai achar que sou doido. (Nicolau)

Para Nicolau, somente um indivíduo fraco, masoquista, sem personalidade e amor próprio, pode ficar em silêncio, ouvindo um sermão de um padre que fala que é pecado amar outro homem, e sentir-se culpado por isso.

O desligamento da religião católica e a aproximação com o Batuque estão ligados para ele a uma vida sem falsidade. Ou seja, a possibilidade de ter encontros com o fluxo da vida. Para ele impossível num lugar cheio de pecados e pecadores.

Olha bem mana, quando num lugar tudo que tu fizer é ruim, pecado e obra de Satanás, aquele lugar é que está cheio de demônios. Me diz o que vai fazer um homossexual sendo padre? Além do mais, Cristo não mandou fazer frescuras de Igrejas e templos, muito menos perseguir alguém pela sua orientação sexual, ou por qualquer outro motivo. Ele pregou paz entre os homens. (Nicolau).

As horas passam depressa durante as nossas entrevistas e às vezes viramos as noites conversando. Quando chega algum cliente, eu espero ele atender e depois voltamos à entrevista.guardo no salão enquanto ele atende e neste espera vim a conhecer vários dos seus ex-casos, hoje amigos e consulentes. Até um padre está entre seus consulentes. Nicolau acha que o padre o consulta para ser xingado.

Faz parte do jogo cristão, pecar e ser perdoado. Por isso é que eu gosto do Batuque. Filho-de-Santo meu apanha na cara se sair da linha. Nem esse enheemhem de ficar a vida inteira se penitenciando. Sou pai e tenho que corrigir. Não tenho paciência para muita conversa e trololós. Muitas vezes um bofetão resolve. (Nicolau)

É grande o movimento na casa de Nicolau, o telefone toca a todo instante. São pessoas pedindo conselhos sobre romance, separação, saúde, empregos. Ele é uma espécie de juiz, assistente social e sacerdote. Assistimos juntos a uma entrevista que ele concedeu para a TV COM, sobre as previsões dos Orixás para 2002. Nicolau salienta que não adianta colocar a culpa no feitiço e nos orixás se a pessoa não fizer a parte dela e procurar lutar para conseguir a sua prosperidade.

Nas tradições africanas, a pessoa humana é concebida como um agregado - a pluralidade das almas - em estado de participação com o ambiente e seu passado. A unidade da pessoa, então, é ali um momento transitório de equilíbrio de todos esses componentes. (Segato,1995,24)

Para Nicolau, a aceitação dos homossexuais no Candomblé deverá ser vista com cuidado. Ele já presenciou muitas histórias de pais e mães de santo amigas (os) de homossexuais que reagiram com violência (inclusive física) quando a homossexualidade foi descoberta com os seus filhos de sangue. Cito a seguir a opinião de Dorian e Nicolau sobre as mudanças religiosas e culturais e a aceitação do homossexualismo.

Dentro do batuque todos são amigos das bichas, até por ali. Imagine pai ou mãe-de-santo com preconceito contra homossexual. Aceitam tudo numa boa, recebem os namorados com beijinhos e tudo, mesmo com todas essas “modernidades” quando aparece um caso na família é que o preconceito se revela. Já vi uma mãe-de-santo liberal, com vários homossexuais freqüentando a casa, bater até sangrar a cara do seu filho, um homão de mais de um metro e oitenta. E pessoas católicas aceitarem de uma maneira mais tranqüila o homossexualismo dos filhos. Acho difícil prever a reação da família. Não gosto desses movimentos modernos, de orgulho gay. Imagine ter orgulho de uma prática sexual! Tenho orgulho de ser uma pessoa solidária, de ter amigos, de ajudar os que chegam em dificuldades na minha casa, mas não de ser homo. E se eu fosse hetero também não teria. Simplesmente porque acho que não existe motivo para se orgulhar desta ou daquela direção sexual. Na verdade acho um abuso esta exposição e banalização da sexualidade. (Nicolau)

Acredito que os tempos mudaram e de um lado as pessoas também estão tentando acompanhar as inovações. Por outro lado existem freios dentro da Igreja que tentam estancar os novos costumes. São aquelas senhoras, que devem estar de joelho roxo de tanto rezar ajoelhadas. Pessoas que estão apavoradas com o que assistem na televisão e no cotidiano. Acreditam que o caos está acontecendo. Essa mesma calha tenta manter uma imagem de moralidade. Estão com medo do novo, de ficarem sozinhos com suas idéias. Então reagem assim. Como se o mundo fosse acabar porque dois homens estão juntos. Na Igreja católica o homossexual não consegue alimento espiritual, os muros estão erguidos para ele. Só que todo homem precisa de alimento espiritual, então é necessário máscara de aço para conseguir se manter na Igreja. E cristãos precisam seguir Cristo, por isso procuram a Igreja crista que infelizmente é a católica. Só que o cristianismo vai bem além do catolicismo. A vocação é a vontade de servir o próximo vem primeiro que o dogma. A batina significa mais do que os dogmas católicos, pois ela representa a

vocação e a vontade de buscar a Cristo. Por isso um homem pode ser padre e homossexual. (Dorian)

3- O amor grego e outros amores

Um grande número de antigos mitos gira em torno da sedução e quase todas essas histórias tratam de sua iniciação. Esses mitos podem ser descrições de uma prática autêntica ou ritual, e sobreviveram, embora a prática inicial haja desaparecido. (Spencer, 1995, p.28).

O amor grego chegou até a modernidade de forma diferenciada das outras sociedades antigas. O grau de sofisticação da civilização grega refletiu-se na produção da arte, literatura, poesia, mitologia, pintura erótica de vasos e paredes (grafitagem), nas comédias e nos antigos diálogos de Platão. O relacionamento amoroso entre homens na sociedade grega, não foi exceção entre as antigas civilizações.

Sabemos que a pederastia ritualizada existiu no arcaico indo-europeu fora da Grécia, na grande família de povos que se estendia do Atlântico ao Ganges. Há um modelo comum a todos: o jovem ou menino é um aluno, discípulo, professor e modelo. (Ibidem, p.28).

Aos olhos gregos não havia contradição entre as práticas homoeróticas e a virtude. É inevitável a sensação de estranheza do pesquisador ao comparar a atual divisão da categoria de heteronormatividade e do homossexualismo, como desvio de comportamento, dos nossos dias com o padrão grego de relacionamentos entre homens. Relembrar a Grécia significa olhar para a própria descoberta grega do pensamento e do espírito humano.

Eles efetivamente criaram o que nós chamamos de pensamento: a alma humana, o espírito humano, foram eles que descobriram, e a base desta descoberta foi uma nova concepção de homem.

Manifesta-se a nós através da história da poesia...das formas poéticas, da épica, da lírica e do drama. (Snell, 2001, p. .XVIII da introdução)

Foi este conhecimento do espírito materializado em forma do fazer sensível que mostrou às civilizações que vieram depois a intensidade do pensamento grego. Pensaremos por um momento num pequeno povoado do mundo antigo. Um pescador lutando para puxar um peixe. Ao ser retratada a luta e o sacrifício com seus sentimentos e emoções em algum poema, desenho ou escultura será retratado o espírito desse pescador.

Os gregos acreditavam em três impulsos motores de ação identificados nas máximas da virtude: a consecução do útil, a busca da felicidade e o desenvolvimento da capacidade do valor individual. E foram esses impulsos, livres de um código de leis que regulassem a conduta sexual erótica entre dois homens como uma proibição divina o terreno fértil para que surgisse o amor livre entre guerreiros e iguais.

Quando Homero diz que um homem é bom, não pretende dizer que é moralmente irrepreensível ou de bom coração, e sim, útil, válido, capaz, o que nós dizemos de uma boa ferramenta. Assim a palavra virtude não se refere à vida moral, mas indica nobreza, capacidade, êxito e imponência. (Snell, 2001, p.168).

Estamos analisando uma cultura que acreditava em deuses com comportamento, emoções e sentimentos humanos. Ignoravam o sentimento de amor próximo ao sentimento de responsabilidade imposto pelas tradições do novo e do velho testamento. Um povo que vivia em cidades-estado em constante estado de alerta com a possibilidade de vizinhos agressores invadirem a polis. O guerreiro, cidadão adulto, era o defensor contra possível agressão e por isso era uma pessoa que importava.

A inadequação das mulheres enquanto guerreiras causava uma desvalorização na capacidade intelectual e da estabilidade emocional das mulheres...os homens tendiam a agrupar-se com propósitos militares, políticos, religiosos e sociais.. que era capaz de inibir o desenvolvimento pleno da intimidade entre marido e mulher, ou entre pai e filho. (Dover, 1994, p.276)

A importância da relação homossexual foi relatada na arte, na mitologia e na literatura grega. Os homens gregos buscavam agir como seus deuses, guerreiros bélicos e amorosos. Afinal, Zeus, o Deus de todos os deuses, responsável pela harmonia do universo, raptou o belo Gamedes para ser seu amante no Olimpo. Na mitologia e na vida grega, o amor entre homens era apenas uma forma de amor e de obter prazer. Vejamos rapidamente como a civilização dos trópicos viu e vê o homossexualismo.

4 - Terra brasilis, inquisição e higienismo

4.1 - Um olhar estrangeiro sobre Os devassos no paraíso

Na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, não apenas a Espanha, Portugal, França e Itália católicas, mas também a Inglaterra, Suíça e Holanda protestantes, puniam severamente a sodomia. Seus praticantes eram condenados a punições capazes de desafiar as mais sádicas imaginações. (Trevisan, 1996, p.128)

Os séculos de inquisição na Europa vigiaram e condenaram os povos, as crenças e os costumes estranhos à fé católica. Assim foram considerados crimes: práticas judaicas, luteranas ou maometanas, qualquer tipo de heresia, aí incluídas as blasfêmias e quebra de preceitos religiosos; feitiçarias e bruxaria; bigamia; costumes gentílicos (tais como andar nu, pintar o corpo a moda dos índios); e sodomia. Os castigos, variavam passando por:

Marca com ferro, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte por fogueira, empalamento e afogamento. Entre as vítimas podiam contar-se tanto nobres, eclesiásticos, universitários e marinheiros, quanto simples camponeses, servos e artesãos. (Ibidem, p. 127).

Um dos mecanismos de controle doutrinário e moral utilizados pela inquisição foi o Tribunal do Santo Ofício. Este começou suas atividades em 1536 e funcionou até 1765. A primeira visita do Santo Ofício ao Brasil ocorreu em 1591, na Bahia, partindo para Pernambuco, onde permaneceu até 1595. Em 1605, O Santo Ofício visitou o Rio de Janeiro, tendo voltado ao sul em 1627. Em 1618, visitou outra vez a Bahia, concentrando suas atividades em Salvador; essa visitação durou até 1620. Em 1620, o Santo Ofício ordenou novas inquisições na Bahia, sem a presença de um visitador especial, que foi substituído pelo clero local. Entre 1763 e 1769 aconteceram processos inquisitoriais também na Paraíba, Minas, Maranhão e Pará.

Feitas as denúncias, iniciavam-se as confissões dos culpados, com o auxílio dos assim chamados familiares, que eram pessoas contratadas pelo Tribunal especialmente para levantar informações e descobrir suspeitos. (Trevisan, 1996, p. 130)

Segundo Trevisan, os suspeitos ou condenados pela Inquisição na Colônia pertenciam a todas as camadas sociais, ligadas às mais diversas profissões. Havia governantes, médicos, poetas, legistas, boticários. Grandes e pequenos comerciantes, militares, senhores de engenho, mineiros, lavradores, artesãos e muitos padres, além de escravos, índios, mulheres e outros indivíduos considerados cidadãos de segunda classe. Quanto aos delitos, a preocupação maior dos inquisidores era relacionada com a fé católica.

De modo geral, deve-se admitir que a Inquisição foi obrigada a abrandar-se em solo brasileiro. A amplidão territorial da colônia e a instabilidade da vida social constantemente ameaçada por perigos

naturais diminuíam a pressão social e impunham um ambiente de maior tolerância. (Ibidem, p.137).

Os séculos de Inquisição consolidaram os ideais de tradição patriótica e de valores patriarcais nas elites brasileiras. Estas eram defensoras da fé católica e contrária a toda e qualquer forma de sexualidade periférica que não fosse o casal heterossexual casado pela Santa Igreja Católica. O quadro mais brando das punições nos trópicos certamente não foi por bondade dos inquisidores. Índios, negros e mestiços representavam numericamente a maior parte da população. Excluídos do poder e desprezados pela elite. Amancebados, prostitutas e homossexuais tornaram-se objeto de pesquisa para outros setores chamados progressistas ou alternativos. Não serão mais julgados pelos tribunais da Inquisição, não serão mais chamados de delinqüentes, mas de doentes mentais.

4.2 - Maternidade, homossexualidade e higienismo

Se o padrão higiênico burguês colaborou para extinguir os bestiais castigos do período colonial, também é verdade que cobrou seu preço, ajudando a criar um cidadão auto-reprimido, intolerante e bem comportado, inteiramente disponível ao estado e à pátria. (Trevisan, 1996, p.175).

A nova ordem que a normatização higiênica instaurou,, utilizava a ciência para justificar a substituição do controle religioso pelo controle terapêutico. A professora Maria Stephanou (1999) analisa na sua Tese de Doutorado “Tratar e Educar” os discursos médicos de uma medicina social ancorada na Higiene e na Ciência Sanitária. O estudo descreve e examina processos educativos criados pela medicina higienista para educar crianças, jovens e a população como um todo.

Os discursos médicos examinados não se restringem a defender uma bandeira genérica de educação e saúde como solução aos problemas nacionais. Há uma intensa discussão sobre qual saúde e qual educação. .. Não apenas uma educação intelectual, mas física, mental, moral e sexual. (Stephanou, 1999, pp.20)

Dorian, o estrangeiro, é o fruto estragado da família que segue à risca todos os preceitos de higiene. A mãe, como educadora, seguiu todos os procedimentos pedagógicos para o perfeito desenvolvimento das capacidades intelectuais do filho. As tarefas educacionais de Dorian eram supervisionadas pela mãe ou por alguma professora particular. O que Dorian nunca conseguiu falar era da tristeza de sentir-se tão estranho e só.

Nessa perspectiva do familiar, educação como criar não está de todo distante do discurso médico, pois instruir as mães como melhor criar seus filhos é tarefa que se impõe à medicina. Contudo, neste caso, instruir e criar assumem a dimensão de formar, formar verdadeiras mães no sentido prático e moral. (Ibidem, pp. 21).

Os discursos homofóbicos por inspiração religiosa (como pecado) ou por motivação higiênica (como doença) mantiveram a homossexualidade como um mal a ser punido ou a ser tratado desde o Brasil Colônia até os dias de hoje. As histórias de Dorian e Nicolau são recortes da realidade de um país, que apesar da “liberalidade” do carnaval e da moderna arquitetura urbana, continua esperando a visita do “Santo Ofício”. Na casa-de-santo de Nicolau muitas almas são atendidas. É visível à presença de homossexuais, meninos de programa (michês), prostitutas e donas de casa empobrecidas e/ou envelhecidas de forma precoce por maus tratos de um marido agressor. Enfim, aqueles que, para a sociedade são os insignificantes da vida. E é da vida dessas pessoas, no meu recorte específico o homossexual, que me ocupo nesta minha dissertação. Como coloquei na introdução, escrever silenciosamente, aos berros.

O insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confiança fugaz. Todas aquelas pessoas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas – mas escritas. (Foucault, 1992, pp.117).

Busquei, nesta investigação, a flecha atirada por Foucault, procurando as centelhas de um pensamento criativo e cheio de nuances. Um autor que desafiou a desconstituição de algumas idéias encasteladas em minhas imagens de pensamento. Não procurei um pensamento uniforme ou linear no conjunto de seu pensamento, a obra foucaultiana nem permitiria este tipo de classificação. Busquei neste pensador um referencial que me permitisse mediar teoricamente as histórias de vida de Dorian e Nicolau e a orientação sexual no cotidiano na escola de seus educandos e educadores. Assim termino o devir “viagem na história” e passo ao registro de algumas impressões dessa viagem.

IV - CARTOGRAFANDO IMPRESSÕES

Registro neste capítulo final minhas impressões ao recolher a flecha, fruto do diálogo de Foucault com Nietzsche sobre a criação de modos de existência. Cartografia provisória e nunca concluída. Foi um grande desafio, fazer a mediação das Histórias de Vida sob o olhar de Foucault e continuar este diálogo. Muitas vezes me perguntei, com bastante ansiedade, se seria capaz de ir até o fim. Recortar Foucault de alguma maneira me machucava. Vejo Foucault inteiro. Deleuze, no seu artigo sobre Foucault, em Conversações, diz que quando se admira alguém, não se seleciona. “Que é preciso tomar a obra por inteiro, segui-la e não julgá-la, captar suas bifurcações, estagnações, avanço, brechas, aceitá-la e recebê-la por inteiro”. Foi o mapa que procurei cartografar nessa pesquisa. (p.108). Muitas flechas recolhidas me possibilitaram pensar e batizar o momento vivido como uma Sociedade Cor de Amêndoa. Fotografei o homem da modernidade e as intenções das “Belas Almas” que trabalham no cumprimento e na violação de seus direitos. E finalmente uma visita ao mundo da educação e suas educadoras e educandos. Onde vislumbro as paisagens percorridas e localizo outras histórias com nexos, que me pareceram interessantes para a conclusão desta pesquisa.

A – A flecha de Foucault e Nietzsche

Escutar o tom desse diálogo abriu um leque de possibilidades para a pesquisa. Foucault é um autor livre e coloca esta liberdade na sua obra, lançando flechas de autonomia para quem decidir usar o seu pensamento. É aconchegante colher uma flecha como a que ele desferiu em Defesa da Sociedade: “são pistas de pesquisa, idéias, pontilhados, façam o que

quiserem...Isso não me diz respeito, na medida que não tenho leis que estabeleçam leis para a utilização que vocês lhe dão” p.4). Uma dica que permite o distanciamento dos verdadeiros significados e da vida e uma aproximação com a Historia Mutante, possibilitando brechas significativas que possibilitaram a relação das Histórias de Vida de Dorian e Nicolau com as leituras da obra Foucaultiana, que trata da subjetivação, da ética e da amizade. Foucault pergunta se ainda é possível inventar e multiplicar novos tipos de relações. Esta pesquisa procurou aproximar-se de um novo possível nas relações ou, pelo menos, no modo de vê-las.

Foucault por inteiro - No artigo Um Retrato de Foucault em Conversações (1992, p.146-147) Deleuze, citando Nietzsche, nos fala dos pensadores como arqueiros. Parceiros e cúmplices invisíveis da nossa pulsão intelectual à pesquisa e à investigação. Eles atiram uma flecha, no vazio e outro pensador a recolhe. Procurei ser uma colhedora das flechas pós-nietzschianas e pós – estruturalistas. Principalmente as que se referem à desconstituição do mundo das verdades eternas. Investigar é fazer o trabalho de garimpagem na decodificação dessas mensagens, recortando e sobrepondo as peças certas para a montagem da dissertação. No final, foi como se eu acabasse de montar não um imenso quebra-cabeça, pois nem todas as peças se encaixaram, mas um mosaico, cheio de retalhos esteticamente trabalhados numa amurada. Um trabalho que resultou numa rusticidade que exhibe duas histórias de vida, um referencial foucaultiano, a mediação de Deleuze, entrevistas com educadoras em quatro grupos de escolas e, finalmente, a dissertação, esta dissertação...

Recortar – Fui uma colhedora de flechas curiosa, desenhista de novas cartografias que me permitissem desconstituir o velho e tentar o novo. Lancei-me nesta investigação como autora-aventureira, não procurando pedaços simétricos prontos para o encaixe. Numa grande panorâmica, procurei,

investiguei, primeiro as paisagens foucaultianas e deleuzianas, sempre à procura de mais flechas para decodificar. Recortar significa selecionar as flechas e as paisagens certas. Foi um desafio garimpar pelo pensamento de Foucault, procurando o referencial teórico que me indicasse caminhos de possibilidades para a decodificação da exclusão da homossexualidade no contexto da escola.

Além do clã – E dos laços familiares, parentescos proporcionados pelo casamento³⁶, esta investigação buscou pensar um outro modo de vida: a amizade. No seu texto *Da amizade como modo de vida*, (2002, p.1) Foucault nos impulsiona a pensar a possibilidade de dois homens ficarem juntos, compartilhar seus tempos, sua comida, seus lares, suas liberdades, suas aflições, seus saberes, suas confidências, sem estar numa família ou num ambiente de trabalho. Foucault nos fala de uma criativa relação transgressora, na qual o invento deve estar de A a Z. Esta produção é constante, pois é uma relação que não tem forma definida dentro da atual organização social. O que transformaria o cotidiano num eterno processo de sedução para a continuação desta amizade.

Aparentados – Têm um certo dever fraterno um com o outro. Olhando para “algumas tantas” famílias, enxergamos pais e mães que desprezam os filhos, irmãos que não se falam e filhos que odeiam os pais. Perversos laços que compõem a pseudo-afetividade em muitas famílias. Às vezes alguma tragédia sacode a poeira da proteção familiar e expõe o acontecimento. Este, segundo Deleuze, sempre esteve na superfície, esperando as condições para emergir. O assassinato cometido pela estudante de Direito, Suzane Louise Von Richthofen, chocou o país e o mundo. A “bela infanta” planejou, com requintes de perversidade, a morte, a pauladas dos pais,

³⁶ Na língua alemã- como em outras línguas- o amigo é originalmente o companheiro do clã (sippengenosse). Amigo é assim originalmente somente o amigo de sangue (blutsfreund) o consanguíneo, ou o aparentado (verwandt gemachte)

Marísia e Manfred Albert Von Richthofen, enquanto estes dormiam. Chocou com seu comportamento quando, ao reconstituir o crime, mostrou-se fria e distante, caindo a máscara da dor da perda dos pais. Mostrou tanta alegria quando viu seu carro, emocionou-se a ponto de chocar os demais que a cercavam. A assassina fria e os pais vítimas sempre estiveram presentes. Apenas chegou o momento naquele dia. Suzane “amava” tanto Manfred que, em agosto, no dia dos papais, quando já planejava a morte deste e de sua mãe, lhe deu de presente um porta-retrato com a foto de “papai e filhinha”, ridicularizando os profundos laços afetivos e familiares. A revista Isto É nº 1728 de 13 de Novembro de 2002, data próxima do acontecimento, mostra, além deste assassinato, mais casos de filhos e filhas perversas que trucidaram pai, mãe, irmãos, empregados domésticos e avós. Acontecimentos para pensar, sem enfeite, os laços de família.

Pensar significa tornar-se mau – É o que Nietzsche (1991, p.122) nos fala sobre os preconceitos morais. A humanidade cristã tornou a sexualidade uma inimiga e Eros um demônio. Um freio nos desejos. Na ausência dos deuses e na crença do “superior intelecto humano” existe um preço a pagar. Talvez por isso Nietzsche fale que há algo mesquinho e demente em todo o legado da civilização cristã. Suzane diz que matou por amor. Os pais desaprovavam o relacionamento com o namorado. Eram inimigos imediatos do seu desejo pelo parceiro. A importância da paixão de A por B ocupa grande parte do imaginário do humano ocidental. Pensar como o erotismo e as histórias amorosas são valorizados e parte integrante nas conversas em qualquer círculo social me parece um exercício interessante neste momento.

Seremos ridicularizados um dia por isso? Nietzsche diz que sim. Grande parte de nossas obras de poesia, literatura, teatro e das imagens para o cinema ou televisão está povoadas de idéias de paixão e intrigas amorosas. Lutar por este objeto de paixão é bom ou mau?

Para o psicanalista Jorge Forbes que acompanhou o caso de Suzane, não existe o bem e o mal, o certo e o errado, alguns valores precisam ser revistos. E com urgência. Os livros de Foucault nos proporcionam um campo fértil, que investiga o poder sobre o saber e como, nos dias de hoje, que passei a chamar uma Época Cor de Amêndoas, a sexualidade tornou-se uma figura histórica e real.

Fraternidade perversa – O que fraternidade tem a ver com direitos humanos? Fraternidade significa ser solidário? O homem inventado na modernidade será mais humano por ter o direito de ser? Quem é militante sabe que quando alguém começa a fala com companheiro vou procurar te falar isto da forma mais fraterna possível... Uma forte divergência que pode se transformar em agressão está a caminho. Se evocar fraternidade quer dizer: “Vou ser tolerante com um companheiro desagradável”, existe amizade entre as pessoas? Ao registrar imagens frias e de camaradagem compulsória como paisagem de solidariedade, cartografamos grosseria ou preconceito brando disfarçado como complacência e aceitação. O que pode nos levar a um profundo mal-estar social e humano. Seremos incapazes de aceitar a diferença e viver com a multiplicidade? Engolimos com mal-estar a diferença, afinal ela faz parte dos chamados “Direitos Humanos”. O “sapo”, mal digerido, quando vem à tona de maneira trágica, como no acontecimento de Suzane, denuncia que o rosto à beira mar está atingindo sua total deformação.

A Companhia de Deleuze - No seu livro sobre Nietzsche, Deleuze (1965, p.48) diz que é preciso estudar a vida dos pensadores, aí podemos descobrir possibilidades de vida. Como pesquisadores, somos viajantes à procura de flechas. E sempre é uma alegria o encontro de alguma flecha, que traga invenção, reflexão, audácia, ânimo e esperança para esta viagem. Para a

decodificação dessas “centelhas” contidas na flecha de Foucault, a filosofia de Deleuze foi um apoio essencial. Há dois anos conheci a filosofia deleuziana, colhi a primeira flecha de seu pensamento e, a partir de então, não parei mais de procurar por outras. É o tipo de pensamento que dá ânimo, vontade de pesquisar e produzir. É um pensamento que produz vontade de potência no sentido nitzscheano da palavra. O cotidiano compartilhado com pessoas que dividiam o mesmo desejo foi uma alavanca neste processo de realização da dissertação. Afetos vivos, alegres, divertidos e voltados ao devir-estudo-criação com uma garra e uma paixão contagiante.

Conceitos e Criação - Na obra “O Que é Filosofia” (1992,p 13-14) Deleuze diz que os conceitos devem ser inventados, fabricados, ou antes, criados. Recorda Nietzsche, quando este determinou a tarefa do filósofo ao escrever: os filósofos não devem mais se contentar em aceitar os conceitos que lhe são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Filosofia não tem a ver com contemplação, nem reflexão, nem comunicação, mas, sim, criação. Conhecer-se a si mesmo - aprender a pensar - fazer como se nada fosse evidente-estranhar-se, criar os conceitos desde o início. Deleuze esteve comigo desde o começo. Foi uma companhia agradável, instigadora e, acima de tudo, bela, a leitura da filosofia deleuziana. Ela me deu coragem para prosseguir na criação dos conceitos de Exclusão Branda, Sociedade Cor de Amêndoa, Regentes da Doxa, Devir “Belas-almas” etc. Conceitos inventados na trajetória desta investigação. Talvez por isso, os sinto tão próximos e tão meus. Afinal são frutos da minha criação.

As notas de Sandra cor e asas - Nos dois anos que preparei essa dissertação tive outra companhia que foi de muita valia para essa investigação. As notas de aula enviadas pela internet pela professora Sandra Corazza, nas disciplinas que freqüentei com ela durante os últimos semestres.

A professora, definida por uma colega da disciplina Encontro Deleuze, como Sandra Cor e Asas, nos mandava notas pelo correio eletrônico a cada semana, uma ajuda solidária para que nós pudéssemos decodificar o pensamento do autor, decolar, ir ao sabat intelectual que o pensamento deleuziano nos leva, fazer um chão em pleno vôo e criar. Usei muito e várias vezes esses apontamentos quando fiz a dissertação. Por isso, não posso deixar de citar aqui a importância dessas notas para a decodificação do pensamento de Deleuze e de Foucault e do proveito delas no andamento dessa investigação.

B - Uma época cor de amêndoa

Pigmentação - Quem trabalha com o fazer sensível na descoberta de novas cores sabe como é delicada a obtenção desta cor. Branco, amarelo e marrom na proporcionalidade certa ou sai outra nuance. Assim é a transição da Modernidade para a Pós-Modernidade. Duas épocas com desenhos de bordas parecidos e com encaixes delicados. É preciso paciência para olhar a mesma humanidade, que passou por Porto Alegre em 2003 e em 2004, vai para a Índia, buscar o “Outro Mundo Possível” e seus direitos. É outro mundo? E como serão as pessoas deste mundo e desta humanidade? E as pessoas não-portadoras da senha para a viagem, estarão privadas até de imaginar que outro mundo possa existir? As que se deixaram arrastar pelo seu sentimento de pertencer a uma minoria e vivem sufocadas e massacradas em uma identidade que faz parte da graduação negativa da alteridade social. Os dois mundos paralelos criaram uma outra categoria de excluídos: os sem-passaporte para a viagem.

Direitos Humanos - A passeata pela paz, no último Fórum Social Mundial, em 2003, fixava boas e más identidades. Uma faixa pedia paz e a remoção imediata dos judeus do território palestino. A pergunta não pode ser outra: qual é o tipo de paz que queremos? Judeus e palestinos por acaso não

são seres humanos com direito à vida? A faixa de Gaza mostra a convivência pacífica entre os dois povos. Como pode uma cultura berrar pela paz, querendo matar a outra? Mais uma vez me vem à mente o rosto deformado do homem de areia a beira-mar, varrido e arranhado pelas ondas do mar. Parece que o nó principal está por aqui. Com alguns agravantes e requintes de uma perversidade inaceitável. Ao contrário dos colonizadores que afirmavam pertencer a uma raça biológica superior a dos povos civilizados. Os humanistas lutam para que sejam “reais e efetivos” os direitos das gentes. Lutando pela igualdade desde que seja suprimida a multiplicidade.

Devir–Camaleão - No belo mundo Cor de Amêndoa, a Exclusão é de uma nuance Branda. As conquistas no campo da Genética e do Genoma desmoronaram as teorias da superioridade racial. Incapazes de prosseguir no racismo biológico a Sociedade Cor de Amêndoa elegeu a proteção contra culturas diferentes como foco prioritário de disseminação de preconceito e intolerância. No topo da pirâmide a “aristocracia imperial”, que ocupa os mais altos lugares na severa alteridade do plano social, afirma a diferença cultural para classificar e separar. A exclusão mudou de face. O que importa neste momento é a nuance das amêndoas, a mistura certa das cores. É perigosa a convivência de algumas culturas de tom errado: judeus com palestinos, servos e croatas, hutus e tutsis. Perverso jogo de interesses que se beneficia de uma humanidade fragmentada, incita à guerra e ao ódio.

Ódio e intolerância ao limite - O desmoronamento dos muros reais ou imaginários caracterizam a mudança da sociedade disciplinar para a de controle e a passagem para o mundo pós-moderno, denominado neste trabalho como Cor de Amêndoa. Nossos sentimentos e nossas simpatias passam por um crivo, como mostra a faixa na caminhada inicial do Fórum Social Mundial 2003, pedindo paz com o extermínio dos judeus. Pode-se pensar em paz aafiando a lâmina da espada para atacar o inimigo? A perpetuação do ódio e da

intolerância mantém cada parcialidade como verdade eterna e cada “cultura em seu devido lugar”. Não conheço, não gosto e deve ser exterminado. A cor certa, nas dosagens exatas não permite o “perigo” da mistura. Ou seja, não adianta gritar pelo direito à igualdade privilegiando uma identidade endemonhando outras. É preciso pensar, talvez pela primeira vez, no hibridismo constante entre as culturas como forma de viver a multiplicidade no fluxo da vida.

Em Defesa da sociedade – Neste livro, Foucault trabalha com a genealogia do biopoder e dos racismos do Estado (1999, p.289). Esta nova técnica de poder se aplica diretamente ao homem – espécie, que ele chama de biopolítica da espécie humana. O poder não pára de questionar, de inquirir, de produzir verdades que se tornam normas. E aí de quem transgredir tais normas. “Guerreamos” contra o transgressor, o degenerado, aquele que tem “outra” cultura. É o poder interferindo no direito à morte para o “bem da vida. O pensador nos fala deste novo racismo como continuação do estado de guerra, tão mortífero quanto ela. Embora o humano seja um só, a alteridade o fragmenta em muitos, e o torna frágil. O racismo é condição de aceitabilidade para tirar a vida numa sociedade de normalização. A guerra vai destruir não simplesmente o adversário político, mas a raça degenerada adversa. Foucault diz que poderíamos pensar a condenação da criminalidade, da loucura e das anomalias diversas”.

Cabeça do soberano – Para Foucault, o racismo asseguraria a função de morte na economia do biopoder. Membros de uma raça “superior” desprezariam raças “inferiores”. Esta especificidade está ligada à técnica do poder e à tecnologia do poder. É o novo Estado usando a eliminação e a purificação da raça para exercer seu poder soberano, exemplo extremo, o nazismo. Tal Estado organizou-se com dois mecanismos: o clássico e o arcaico. O primeiro dá a ele direito de vida e morte sobre seus cidadãos e o último traz o novo mecanismo organizado em torno da disciplina, da

regulamentação. Não cortamos a cabeça do rei. Julga-se como e por ele. Trai-se a matilha, fragmenta-se a humanidade em “pedaços de gente” que o aparelho de estado da normatização, encurrala em espaços que chamamos gueto.

Estado assassino, súdito homicida – Hardt, no seu artigo sobre a sociedade mundial de controle (2000, p.364), nos fala deste racismo imperial. De uma teoria racista fundada na biologia para uma teoria baseada na cultura. O estrangeiro a ser “eliminado” não é mais o que tem a cor da pele diferente, mas sim, o grupo diferente pela constituição das forças sociais e culturais. Perigosa combinação de racismo e alteridade que é capaz de destruir ou excluir a qualquer devir minoritário. Um racismo sem raças,³⁷ com forte cunho segregacionista. “É um ódio nascido da proximidade, e que se desenvolve a partir dos graus de diferença em relação ao vizinho”, como coloca Hardt. A violência e a morte de homossexuais e/ou jovens sem “cultura” e não brancos está diretamente ligada ao patrulhamento de súditos do Estado de Racismo Imperial. São as “Belas Almas” Regentes da Doxa. (ver páginas 106-108)

Híbrido permanente – Os habitantes da sociedade Cor de Amêndoa acreditam que devem ter a nuance certa, a cor certa³⁸, a idade certa, o gênero certo, o corpo certo e a orientação sexual correta. A alteridade cega e destrói a possibilidade de pensar o híbrido permanente. A atração de um humano pelo outro, independente da cultura que pertence, é tão velha como a humanidade. Longe dos espaços estriados e sufocantes que a máquina de guerra racista construiu, onde a norma prescreve quem é adequado para quem, a vida flui. Os grupos humanos são constituídos de homens e mulheres que nascem como bebês e chegam ao final de suas vidas como anciões,³⁹

³⁷ O que não significa que o racismo de cor tenha deixado de existir.

³⁸ Independente da cor da pele, todos procuram enaltecer os seus valores ancestrais.

³⁹ Tirando os acidentes de percurso.

independente de qualquer ação ou inação cultural. É este o fluxo humano. As possibilidades de hibridismos são ilimitadas em seu devir.

Espaço Liso - Pressionada pelas máquinas de guerras, formadas pela queda dos muros que caíram quando a sociedade deixou de ser de disciplina, e antes das forças reacionárias organizarem o controle social, muitas tribos puderam fugir dos espaços estriados. Neste sentido existiu um pouco tempo para muitas mudanças, principalmente no que se refere ao devir-mulher. O lugar do feminino passou a ser outro. A então “pacata” tribo feminina saiu às ruas, gritou, esperneou, exigiu seu lugar no mercado de trabalho e alterou o seu status na severa alteridade vigente.

Concessão – Solidificadas as modificações, a Sociedade Cor de Amêndoa precisou fazer algumas concessões. A emancipação feminina foi uma delas. Tais mudanças não permitiram uma aproximação maior entre homens e mulheres.

Porém, com o machismo sendo considerado crime, alguns machistas guardaram as armas no armário. Outros (as), mesmo cheios de preconceito, resolveram vigiar o machismo alheio. Acompanhando a onda de diluições no campo social, as rígidas divisões entre masculino e feminino começaram a ruir. O trabalho foi incorporado aos valores feminino e o valor estético passou a fazer parte do mundo dos homens. Mulheres emancipadas e trabalhadoras geraram filhos e netos que passaram a usar brincos, tiaras, calções coloridos e camisetas cor-de-rosa. A mola, comprimida pelos séculos de patriarcado, começa a ceder e volta com tamanha força que atropela, indiferente, todo os que não compreenderem o seu devir-histórico.

Devir-Mulher – Deleuze diz que tudo passa pelo devir-mulher, sendo ele o devir mais importante. No universo investigado, a afirmação é verdadeira. Com seu lugar de categoria do “mais importante dos humanos”

abalado de uma maneira sísmica, a própria heteronormatividade começa a ser suspeita. Desterritorializado como o “chefe-da-família” o novo homem começa com dificuldade a sua territorialização no novo campo social. Estão em alta os grupos de apoio ao homem em crise como os Guerreiros do coração, que trabalham com a masculinidade ferida. Promovendo rituais de confiança de homens para homens e resgatando valores sufocados pelo medo de ser machista. Vivemos momentos de mudança, a valorização da mulher e a fragilização do homem fez com que a feminilidade masculina seja vista com outros olhos.

B.1 - Porto Alegre e a parada gay

Viva a Parada Gay - Manifestar publicamente a homossexualidade até pouco tempo atrás era um ultraje, vergonha para a família, confissão de um pecado imperdoável, falta de educação, e até de civilidade. Hoje é um espetáculo. Quem poderia imaginar pais e mães trazendo crianças para assistir um desfile com pessoas, até há pouco tempo atrás, consideradas encarnação do demônio. Nos últimos anos a parada gay é um espetáculo e atrai pessoas do mundo inteiro nas metrópoles onde se realiza. Existe um lucrativo comércio em torno do evento. Agências de viagem com pacotes que incluem hospedagem, seminários, lazer e acesso privilegiado à parada. Em Porto Alegre é um acontecimento politizado, que faz parte do calendário de comemorações oficiais da cidade. Com direito à abertura do evento pelo prefeito da cidade e do governador do estado.

Surfe sexual - Nesta semana, grupos como o Nuances, o GAPA - e o Núcleo de Gays, Lésbicas e Simpatizantes do Partido dos Trabalhadores procuram problematizar e discutir a situação de homossexuais, transexuais e transgêneros. Na parada quanto mais o homem for parecido com mulher, mais aplaudido ele é. As Drag Queen estão bem cotadas. Antes chamados de

travesti-macho, alguns surpreendem o mundo ao apresentar mulheres e filhos. Vivem o seu devir-mulher de uma forma artística e profissional. Porém, não abrem mão de sua masculinidade e sua orientação sexual é a heterossexualidade. Gostam de mulher, embora também gostem de ser admirados como mulher. Do mesmo modo, existem travestis-fêmeas, que vivem como mulheres, referem-se a si no feminino e alguns chegam a fazer operações para mudar de sexo. As diferenças entre os não heterossexuais são muitas. No entanto, esta multiplicidade é ignorada, muitas vezes pelos que “militam” no assunto. No referencial teórico, relativo aos sites consultados para esta pesquisa, (página 133) cito alguns dos endereços encontrados. Eles estão bem organizados em todas as regiões do Brasil.

Máquina de Guerra Jurídica - Duas excelentes publicações, que são fruto destas discussões na cidade: Homossexualidade, Cultura e Política, editado pela Sulina e A Homossexualidade no Direito, do Juiz Federal Roger Raupp Rios, editado em parceria com a Livraria do Advogado e da Escola Superior da Magistratura Federal-RS. Comparando ao resto do país, o Estado do Rio Grande do Sul parece estar seguindo uma linha de vanguarda em relação à jurisprudência no que se refere ao direito dos homossexuais. Segundo o Dr. Roger Rios, as faculdades de Direito, estão se preparando para se adequar aos novos tempos. Mantive contato com estudantes de Direito, que estudam o atual cenário jurídico e o impacto das mudanças na legislação. Em especial, Ana, pesquisadora da PUC de Uruguaiana que teve a gentileza de me mandar suas pesquisas sobre os direitos de casais homossexuais. O modelo tradicional do mundo heterossexista⁴⁰ e as normas do direito estão passando por fortes transformações no que se refere ao direito de família, adoção, acesso a cargos públicos etc. A legislação mudou e, pelo menos, em nível jurídico, o preconceito abrandou. Os homossexuais buscam os seus direitos. Essa luta

⁴⁰ É como os pesquisadores chamam os tradicionais direitos de família, de pátrias e de propriedade associados à preservação do status quo.

produziu vasos comunicantes para o social. Podemos lembrar de Elis Regina quando pensamos sobre o casamento entre os homossexuais: o passado é uma roupa que não nos serve mais. Os costumes estão bem menos rígidos. Em nível jurídico dificilmente algum juiz vai defender a idéia que uma pessoa não tem direito sobre os bens que ela trabalhou para construir. Porém, ainda estamos longe do respeito humano com que os casais homossexuais deveriam ser tratados.

C - As “belas almas”

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,
Atento ao que sou e vejo,
Torno – me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou da minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir – me onde estou.
Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: “Fui eu?”.
Deus sabe, porque o escreveu.

(Fernando Pessoa, 2002).

As Almas de Foucault - Quantas almas têm Foucault? Dificil responder. A trajetória de sua escrita produziu vários personagens. A Arqueologia do Saber criou o arqueólogo; a Genealogia deu origem ao

genealogista e a Estética da Existência gerou o esteticista. Essas figuras dramáticas povoaram as diversas etapas de seu pensamento. Tais personalidades tiveram uma atuação em cada lance de sua jornada. Ele foi em cada solo construído, nas paragens construídas na Arqueologia, na Genealogia e na Estética. Em cada fase Foucault teria tido uma alma diferente? O pensador tinha certeza de que ele não poderia jamais voltar a ser o mesmo. A atenção do pensador francês esteve voltada para muitos campos do saber. As diversas matrizes de sua obra nos demonstram as imagens nada dogmáticas de seu pensamento. Foucault, como no poema acima de Fernando Pessoa era a sua própria paisagem. Procurei recortar os retratos destas paisagens, como um quebra-cabeça, que me permitissem buscar elementos para a construção da mediação teórica das histórias de vida de Dorian e Nicolau. Dois sujeitos modernos que vivem essa modernidade no sentido trágico de uma experiência limite, assim como Foucault.

Exclusão Branda. Procurei construir, com as entradas na Arqueologia, na Genealogia e da Estética de Foucault, o solo onde se desenvolveu a investigação. O crivo inicial da demarcação deste terreno foi a contextualização da Exclusão Branda. Deleuze em Conversações (2000, p.120) diz que é preciso pegar as coisas e extrair delas a sua visibilidade. É a visibilidade de uma época, é o regime da luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem em contato com a luz das coisas. Foi o que procurei fazer nesta investigação. Trouxe à tona os acontecimentos da vida de Dorian e Nicolau que pudessem produzir uma luz sobre os depoimentos das educadoras contatadas em 2002.

Nem toda imaginação é acolhedora e expansiva. Almas há que formam as suas imagens por uma recusa de participar delas, como se quisessem retirar-se da vida do universo. Sentimo-las à primeira vista antivegetais. Endurecem todas as paisagens, vivem por instinto num universo paralisados. Fazem as pedras morrerem. (Bachelard,2002, p.165)

A Morte das Pedras – Embora triste, é bela a imagem que Bachelard invoca com esse trecho. Seres humanos que asfixiam a ponto de matar as pedras. Quem pode respirar aliviado e pensar: não matei nenhuma pedra? Estou falando do fascista interno, que vive semi-adormecido, esperando a oportunidade de botar suas garras de fora e atacar. Vejamos como se manifesta o “sujeito”: preconceito, machismo, racismo tradicional ou imperial, misoginia e homofobia . Elementos construtores das linhas de segmentação dura que endurecem todas as paisagens. Tirando fora alguns grupos sem carisma, como os neonazistas, ninguém se assume como um ser preconceituoso. A carapuça é disfarçada em querer o bem do outro ou trazer valores de família. Não escutei de nenhuma pessoa entrevistada “não gosto de homossexuais”. O tema é tratado por quase todos com “respeito” e silêncio. Para que falar e levantar polêmica? Assim a inação traz falsa harmonia ao ambiente. Sofra quem tiver que sofrer. As “Belas Almas” tem os objetivos mais “nobres” para justificar suas ações. Afinal, estamos numa época de direitos “mais ou menos” humanos.

O Presente de Deleuze - Armas contra a Doxa - Foi uma das flechas mais nutritivas nesta colheita. Afinal, quem promove a Exclusão Branda? Se ao conversar com as pessoas todos querem ser boas almas. Primeiro, é preciso entender quem é a doxa e o que ela significa no pensamento atual. É a figura má e sabotadora que nos impede de pensar a diferença e perpetua os elementos da representação: eu julgo, eu imagino, eu recordo, eu percebo. A ditadura da doxa cria as terríveis Imagens Dogmáticas do Pensamento. Formada por um “pensamento naturalmente reto”, pelo “senso comum” e pelo “bom senso”. Neutraliza nossa capacidade de pensar o novo e avançar. Torna escravo o que se pretende livre. Encurrala nossas ações. Para fugir à doxa são necessários encontros com o demônio, uma violência de fora que sensibilize a alma, excite o pensamento a sair da recognição que nos torna

prisioneiros do mesmo. Anti-núpcias com Sofia (verdades eternas) e com os misósofos (os que têm aversão ao saber).

As Regentes da Doxa - Se o homem é uma invenção moderna, destinado a desaparecer como um rosto à beira-mar, como coloca Foucault na última página de *As Palavras e as Coisas*, também estão condenadas a desaparecer as “belas almas”, que mantêm viva a ilusão da igualdade humana dentro e fora da escola. São as personagens conceituais que neste trabalho promoveram a Exclusão Branda. As “Belas Almas” sempre têm “boas intenções” e vivem profundamente as suas “belas contradições”. Repetindo continuamente um “Bom Desejo” de continuar a esposar a amizade do semelhante com e mesmo e repelindo a diferença. São as regentes da doxa, que, de uma maneira branda e perversa, repetem, até a exaustão, o senso comum e bom senso.⁴¹ Em cada acorde desta orquestra torta, uma nota de exclusão. Tais maestrinas e maestros são peritos no que fazem...

Mudança na Positividade - Em *Diferença e Repetição* (1988) Deleuze diz que, quando os problemas atingem o grau de positividade que lhes é próprio e quando a diferença torna-se objeto de uma afirmação correspondente, eles liberam uma potência de agressão e de seleção que destrói a boa vontade da bela alma. Esse grau de positividade é atingido logo quando a assunto é tabu. Nicolau precisou aprender a “surfar” na sociedade cor de amêndoa para não deixar que sua identidade sexual deixasse de ser um construto. Sair de uma base dura para outra mais flexível foi uma decisão. Ele tem certeza disto. Nicolau era agredido por “boas almas” por ter percebido antes delas o novo movimento no terreno social. “Minha avó me ensinou a não dar importância para o que os outros dissessem ou pensassem da minha maneira de me vestir e ser. E se insistissem muito em olhar ela os colocava em

⁴¹ As duas más figuras dóxicas que fixam as idéias e associam os efeitos as causas são trabalhadas por Deleuze em *Lógica do Sentido* e em *Diferença e Repetição*.

seu lugar “Nicolau ri muito destas lembranças. E hoje acha que realmente deveria chamar muita atenção. Nos dias de hoje, cabelos compridos, lenço, brincos e batom num menino já não causam muito tumulto. Principalmente se forem de algum grupo como: hip hop, rock, teatro, galeras de shopping center etc. Poderíamos dizer que o grau de positividade, no que se refere ao masculino e ao feminino, está mais elástico.

Rosticidade masculina – Há 25 anos atrás, a pintura no rosto de Nicolau foi pretexto para expulsar o jovem ator da sala de aula. A argumentação da professora é que “homem não pintava o rosto”. Ali estava um adolescente carismático que se tornaria um adulto capaz de manter casamentos com homens e mulheres. A professora não podia conceber a idéia de um homem masculino e feminino ao mesmo tempo. Estava fixa em suas paisagens cheias de poeira. Lá o homem estava num lugar e a mulher de outro lado, bem longe. A ponto de exigir da diretora⁴² da escola uma escolha: ou ficava ela ou Nicolau no colégio. Saindo Nicolau “voltava a normalidade” e ninguém precisaria mais falar de meninos que pintavam o rosto. Homens ficavam no lugar de homens, ou seja, de cara lavada. A rosticidade masculina deveria ser crua. Por “opção”, saiu Nicolau. Esta professora não teve nem mesmo o cuidado de olhar para a história. De ver que a pintura no rosto significava e significa para a humanidade um momento importante. Olhando para trás percebo o quanto esta história me tocou e impulsionou esta idéia de investigação.

Rosticidade em transição – Como pode ser o rosto da maestrina-regente da doxa. Contorcido, disforme e irregular. Porém, esse rosto é real, ainda não desapareceu, está no cotidiano de nossa vida. Ele esperneia, desesperado, pela sua sobrevivência enquanto espécie. Vai ficando mais disforme a cada choque de realidade em algum fórum da cidade. Procura se recompor; silencia novamente sobre a pluralidade e espera que a vida siga o

⁴² Que na época era a Avó de Nicolau

seu ritmo. Quem sabe não falando a multiciplidade desapareça. Será por isso, o silêncio sobre o homossexualismo? As regentes da doxa demonstram uma rusticidade resistente, mesmo retalhada; elas colocam suas teorias na roda. Até que alguma violência de fora venha sacudir as suas imagens dogmáticas de pensamento e uma voz desafinada diga que é hora de “repensar e refletir” em cima do que já pensado. É o tédio da volta às paisagens.

D - Enquanto isto, no mundo da educação

A Cidade e o centro - Porto Alegre parece estar num centro. Ora de um redemoinho, ora de um oceano. Acreditamos nisso. Afinal nos últimos três anos Porto Alegre recebeu uma grande quantidade de gente de outros lugares. Alguns até decidiram se mudar para a cidade. Fórum Social Mundial, Fórum Mundial da Educação, Fórum Social de Juizes, Fórum Mundial das Cidades, Fórum Mundial da Comunicação, Reunião Internacional da Cultura. E este povo de outros países? O que deixam? Como cartografaram em suas mentes Porto Alegre e seus munícipes? A verdade é que Porto Alegre com esses fóruns todos está no noticiário internacional o tempo todo. Apontados como capital internacional da democracia, o que estamos fazendo? Somos questionados em nosso fazer enquanto política pública o tempo todo, literalmente. Precisamos ser de ponta, criativos, inventivos, cheios de energia e disposição o tempo todo. Afinal de contas nunca sabemos quando chegam os ingleses. E eles sempre querem ver coisas novas.

No redemoinho - Orçamento Participativo, Prestação de Contas Públicas, Congresso da Cidade, Festival Internacional de Teatro (Porto Alegre em Cena), ateliês comunitários, rede de proteção à criança e ao adolescente, PAICA - Programa de Atenção Integral à Criança e ao adolescente. Grupos de terceira idade, seminários de discussão da homossexualidade. Enfim colocamos tudo na roda. Dá cansaço físico e mental só em pensar. Exaustão

mesmo. Tentem imaginar ser militante e acompanhar parte disto. Pior é quem nunca pensou em militar a não ser em causa própria, envolvida em todas essas redes. Por uma pequena informação te agradecem e te abençoam (ou amaldiçoam) para o resto da vida. O redemoinho suga, ninguém sabe para onde, mas sentimos sua força.

Vertigem - Será que a criatividade chegou ao limite? Ouvimos falar demais as mesmas coisas, tantas vezes. No entanto muitas coisas parecem ter o gosto de novidade. Muitos edemas - Imagens Dogmáticas de Pensamento-vão se impondo em nosso cotidiano; vai se repetindo de novo o que já se falou, então continuamos a afirmar só porque já se falou. Existem tantos projetos em andamento que parece existir uma tontura entre os educadores. De um lado, poderíamos ver nesta vertigem uma violência do fora que desconstituiria valores encastelados nas linhas segmentárias duras, construídas nos espaços estriados do mundo educacional. De outro ângulo, enxergamos seres humanos confusos sentindo-se acuados. Educadores tontos que não se localizam nem sabem encaminhar a maioria dos problemas dos alunos.

Rede - Acompanhar as reuniões é sempre problemático. Elas são mensais e teoricamente deveriam ser a articuladoras entre as políticas públicas no sentido de atender integralmente as crianças e os adolescentes. São convidadas as escolas públicas municipais, estaduais, os Centros Regionais de Assistência Social, as organizações não governamentais, os postos de saúde e outras entidades que trabalhem com crianças e adolescentes. Os representantes mudam muito e sempre é complicado fazer a cartografia da rede para quem chega. Tudo é ressignificado o tempo todo. Os problemas de março são os mesmos de dezembro. Para que servem esses programas? Como posso encaminhar meus alunos? O que é mesmo a Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente? O PAICA - Programa de Atenção Integral à Criança

e ao Adolescente. O que a Educação tem a ver com Assistência Social? E a Assistência, o que tem esta a ver com a Educação. A Saúde e a Cultura, o que tem a ver com ambas? Algumas “Belas almas” querem ajudar, mas não a ponto se envolver muito. Camufladas com a cor da amêndoa se integram aos projetos, afinal são funcionárias da educação, evocam o seu papel como regentes da doxa e sabotam mesmo.

Vedete - No núcleo deste processo estão seres humanos que, ao contrário de Deleuze, vivem profundamente as suas contradições. Digo isso porque no delicioso artigo “Carta a um Crítico Severo”, (2000, p.19), no livro Conversações, o autor diz que não é uma bela alma vivendo as suas mais puras contradições. Ele responde a um crítico que o tinha chamado de vedete. No entanto, o pensador estava concentrado no seu canto produzindo. O crítico propôs escrever um livro sobre Deleuze, que achou menos cansativo trocar cartas do que entrevistas com gravador. Foi o suficiente para despertar a ira. O crítico chamou-o de vedete, implicou com suas unhas, sua jaqueta, com sua mulher e sua filha. Deleuze respondeu que buscava a vida e o seu fluxo deixando o rancor, a ira e a crítica feroz para quem precisa dela. Escrever, dar aulas é apenas um fluxo entre outros sem nenhum privilégio. Recusou a posição de professor condenado a ensinar. Por isso, afirmou que não era uma bela alma vivendo o trágico de sua condição. Este artigo me fez pensar no quanto muitos educadores se colocam nesta vivência trágica. Resolvi fazer um apanhado em minhas notas e buscar nelas as falas que revelassem a experiência trágica das contradições.

Energia de queixa – Um problema ⁴³ que não estava previsto nesta investigação. Porém achei importante demais para não registrá-lo. É um estado de ânimo que encontrei entre os educadores. A verbalização do trágico. Queixas e queixas foram ouvidas neste tempo da investigação. Os educadores

⁴³ No sentido deleuziano da palavra

e educadoras acreditam que seu trabalho não é valorizado. Como se algum trabalho humano fosse. Suas queixas tinham elementos tão complicados que fiquei com a sensação de que algo me escapava. Um quê de vítima, de sentimentos de afetos tristes, que os deixavam tão angustiados e com um sentimento de impotência semelhante a um massacre. O eco de suas lamúrias, que chegaram até a mim nesta investigação, aliado ao registro do que significa a condição de viver como uma bela alma, me levou à idéia do registro das queixas. Para este registro criei uma figura imaginária chamada Vilma Fátima, a educadora que sintetiza todas as lamúrias registradas nesse processo de investigação.

As contradições de Vilma Fátima - Dar aulas me cansa. Referência em educação, que energia mundial é esta que entra nessa cidade, eu simplesmente não a entendo. Trabalho muito e meu professoral não aparece. Vejo problemas sérios nos alunos, nas suas famílias e no entorno, complicados demais para que eu sozinha possa resolver. Não tenho apoio e os problemas se perpetuam. E ainda me cobram as soluções desse labirinto. Preciso de tempo e tenho dias letivos. Como posso ser parte de tal grandeza educacional se não brilho, não cintilo, não sou o centro! Não gosto de trabalhar com crianças. Elas me cansam, me sugam, me sinto uma babá. Nunca me senti muito à vontade com crianças, aturo meus filhos porque preciso. Essas crianças fazem barulho o tempo todo. Pré-adolescentes estão interessados em tudo menos no que interessa, estão em outro mundo. Como posso participar do Fórum Mundial da Educação e brindar esses festejos para a educação, se meu mundo na sala de aula está um caos? Será que há motivo para festa. Estão todos enganados ou eu estou equivocada quando penso que a educação não merece todas essas homenagens. Tudo poderia ser tão diferente se cada um assumisse a sua parte, envolvendo-se um pouco mais com os alunos. Sempre os mesmos, ralando. Tanto oportunista aí numa boa e eu aqui trabalhando desse jeito. Faço o que posso, me esfolo viva para que esta escola mantenha

pelo menos um atendimento diário. E o Conselho Tutelar que não pára de chegar e trazer alunos para a escola, além de todos os que já tem. Ainda querem que a gente vá catar os evadidos. Não tem lugar nem para um filhote de mosca na sala de aula. Colocam 40 num espaço que cabem 20. Ficam todos incomodados e irritados. Numa escola não entram, só os alunos, entram também, seus pais, suas família ou a ausência deles. Não sei o que é pior. Dar aulas me cansa. O pior de tudo é quando tenho que achar a chave que deveria estar no lugar e não está. Será que os pensadores da educação imaginam como é difícil a convivência com gente que não está nem aí para os outros? Dar aulas me cansa. Me cansa, cansa..

Júbilo de Vilma Fátima - Adoro meus alunos e sei que eles me adoram também. Eles sabem que podem contar com a professora. Não consigo imaginar minha vida sem eles. Cada problema que resolvo, me sinto mais perto de Deus. Estou na sala de aula porque quero. Afinal, poderia estar fazendo outras coisas. Como ficariam sem mim nesta escola? Não é por dinheiro que estou dando aulas. Nossa recompensa não é financeira. Tem outras atividades menos cansativas e melhor remuneradas. Embora eu ache que os professores deveriam ganhar muito bem, afinal, olhe o que eles aturam. O cara que não é professor fica um ano ou dois e cai fora, procura se arrumar na Secretaria, num mestrado ou vai vender sapatos. É preciso tutano para permanecer dando aulas. Adoro meus alunos, é a razão de minha existência. Eles me trazem vida, esperança de um mundo melhor. Afinal, é nas crianças que devemos investir; os adultos já estão perdidos. Devemos concentrar nossas energias nos pequenos para que aprendam que uma criança é frágil, delicada e cheia de necessidades. Se elas tiverem esses cuidados vão cuidar da mesma maneira dos seus filhos. Vão entender tudo que uma criança precisa e não vão ficar se enchendo de filhos à-toa. Botar uma criança no mundo é muita responsabilidade. O controle da natalidade deve ser nossa prioridade; chega de tantos filhos, o melhor que podemos fazer por esses bichinhos é

evitar que nasçam. Eles viriam ao mundo para sofrer. Educando as crianças os adultos terão menos filhos. Só assim será possível uma esperança para elas. Mudaremos o mundo. Adoro meus alunos.

Pensamos a Educação? – Vamos fazer uma reflexão? Uma maneira fácil de começar a discussão é cortar o pensamento. Se nossas paisagens estão cheias de IDPs (Imagens Dogmáticas de Pensamento), como mostra o depoimento de Vilma Fátima, poderíamos pensar na mudança por aí. Em que labirinto interno está o fascista interno? Aquele que não deixa as mudanças acontecerem? Aquele que censura a criança por ainda não ter crescido. O que está sempre disposto a colocar muitos motivos para a exclusão e nenhum para a inclusão? Como podemos descobrir suas mutações? Já que tantas vezes ele apresenta-se como um simpático defensor dos bons costumes. Já que não podemos nos livrar de nossa “bela alma” e estamos no mundo da educação, poderíamos tentar educá-la.

Ferramenta supresa - Igraine⁴⁴ é uma das educadoras que cumprem jornada de trabalho em escolas municipal e estadual. Ao circular nesses espaços e pensar sobre eles, ela alimentou constantemente dados para essa investigação. A visita às escolas e as conversas com assessores da Secretaria Municipal de Educação (SMED) revelou orgulho pelos projetos, envolvendo as escolas da região, municipais, estaduais, particulares, a comunidade etc. O problema, segundo Igraine, é pós-projeto. Entre a virtualidade do projeto e a realidade do cotidiano na escola, o que mudou?

Laranja com vermes - Igraine tem uma paisagem interessante dos projetos: “São laranjas com vermes”. Criada no interior do estado, ela passou a infância e a adolescência no campo. Observou que as laranjas que caem e permanecem no solo são invadidas por vermes. Em dias, eles procriam,

⁴⁴ O nome é fictício.

todo o seu universo está contido na casca e no sumo da laranja. Consumida a laranja, ela desaparece. Assim, no momento do projeto, tudo é concentrado nele. Quando o projeto acaba o que fica dele? Para Igraine, quase nada. O mundo continua girando apesar do projeto. Ou seja, não existe como refrear o ritmo da vida para ajustar uma “engrenagem”.

A função da magia - Solteira, sem filhos e com mais de quarenta anos, Igraine acredita na educação e no suor para a transformação. “Sou uma trabalhadora e não uma fada com varinha de condão”. Ela não entende o que mais um educador pode fazer além do que já faz. No pouco tempo que permanece com os alunos tenta dar o máximo. Mas sabe que não é o suficiente. Falta afeto pelo humano e no humano. Pais e mães que não gostam dos filhos, colegas que odeiam a profissão que exercem e desprezam os alunos. “Esperam demais dos professores; esquecem que somos humanos e que a paixão tem limites”.

Paixão desamorosa - Igraine diz ter visto muitas paixões começarem e acabarem nestes tempos de administração popular. “Não tem amor, tem paixão”. Ela me diz. “O sujeito ou a sujeita está muito a fim de implantar o outro mundo possível, até descobrir o piolho, o cheiro de xixi e de cocô, a mãe que não suporta os filhos, o pai agressor e que sua aula não interessa a ninguém. Sabe fogo da paixão quando acaba? Começam a ver defeitos em tudo e em todos. É um momento delicado, quando a paixão de Vilma Fátima acaba. Cair na real. Hora H. Professor, aluno e sala de aula na concretude da vida. Este momento me lembra uma música de Raul Seixas: o trem está chegando na estação , é o trem da sete horas, é o último do sertão, quem vai ficar, quem vai partir...”

Precisamos de crianças? - Minha primeira peça de teatro infantil entrou em temporada no Teatro do Ipê, em 1994. Os atores eram muito

exigentes no seu desempenho cênico. Reclamavam bastante que não conseguiam dar o texto. Principalmente o “vilão” da história, já que era contra ele a ira dos infantis e até lata de refrigerante na cabeça levou. As crianças interagiam o tempo inteiro. Tentamos tudo: a proibição de sentar na primeira fila só serviu para as crianças brincarem de cabo de guerra e derrubarem as cadeiras, chavear os camarins após as apresentações foi a pior idéia; eles deixavam sujeiras na fechadura. Após um dia “daqueles” fizemos mais uma avaliação. Foi, então, que um ator, ironicamente, propôs que fosse proibida a entrada de crianças. Foi um choque. Uma montagem destinada ao público que as crianças não pudessem assistir era ilógico. O ego nos torna muitas vezes insuportáveis. Nos impede de ver o óbvio. Quando a paisagem viciada de nossas experiências torna pesado o cotidiano, acalenta ouvir o silêncio procurar um pensamento sem imagens pode ser um começo para a construção de uma linha de fuga.

Escola nervosa, educador neurótico - E quando o educador não suporta mais as criancices das crianças, temos um problema! Já que nem suplício, nem tortura faz uma criança crescer mais depressa, o educador é que deve pensar a sua ação ou a sua inação conforme for o caso. A Sociedade Cor de Amêndoa tem ânsia da cor certa. Acredita-se piamente no progresso linear humano. Bom um ano tem sempre 365 dias⁴⁵ e apenas 200 dias letivos. E é este o tempo certo para a mistura dos ingredientes. Corram educadores, corram! Um mundo que demorou bilhões de anos para se formar deve ser transmitido na sua aula aos educandos. Portanto, deixar a vida seguir seu fluxo e permitir que as crianças sejam crianças é outro problema, é bem sério. E os conteúdos? O vestibular? A faculdade? A avaliação do MEC? O estágio probatório? A guerra no Iraque? Os direitos humanos?

⁴⁵ Os anos bissextos tem um dia a mais.

Sem culpa – Nicolau enfrentou a maestrina furiosa que não admitia que ele pintasse o rosto, na sala de aula, há 25 anos atrás. Deixou o colégio para viver. Poderíamos dizer que tais regentes pegaram a desafinada flecha que os pensadores da inquisição atiram por aí. E é uma lástima para o sistema educacional que a vida esteja tão distanciada, às vezes, da escola. Esta flechada não atingiu Nicolau. Ele fala com a mesma naturalidade de seus casamentos com mulheres ou homens. Sua identidade sexual é aquela que o seu desejo estiver solicitando. Vive com intensidade o desejo pela pele e pela pessoa, dispensa o rótulo de bissexual e procura beleza (não necessariamente física) nos relacionamentos. Precisa da amizade com homens, precisa da amizade com mulheres. Pode ter sexo com amigos ou inimigos ou até viver um casamento sem sexo. Acolhendo e trazendo para junto de si alguém que, num momento, necessita viver com ele.

Bodas de prata - Há vinte e cinco 25 Nicolau foi “expulso” da escola por ter pintado o rosto. Podemos voltar aqui a uma indagação inicial feita no resumo da proposta desta investigação. Os anos de construtivismo baseados nas teorias de educação libertadoras; o discurso político das liberdades individuais; a mudança de costumes na legislação e a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) modificaram, no espaço escolar, o preconceito contra os/as jovens que preferem namorar ou ficar com pessoas do mesmo sexo?

Múltiplas respostas - A escola que expulsou Nicolau não é mais a mesma. Há 25 anos perseguir e expulsar um aluno homossexual, filho (a) de prostitutas ou de “má” família era normal e não dava maiores conseqüências. Vivemos hoje um sentido diferente na educação. A evasão escolar é considerada violação dos direitos da criança e do adolescente, por isso, estes não podem estar fora da escola. Mesmo uma criança que já tenha vivido na rua pode retornar aos bancos escolares. De uma maneira geral, todos os

preconceitos foram abrandados. Até porque manifestá-los pode significar problemas sérios para a escola e com a justiça. A mudança não foi propriamente na escola, como no seu entorno. Como no caso da escola do grupo D (página 29), quando a escola se retirou e deixou para a justiça decidir sobre o destino de um pai que incentivava a perseguição contra um menino visualmente afeminado. A família teve que pensar sua homofobia na marra, sob a pressão judicial. Houve uma modificação no espaço escolar e fora dele no que se refere ao tratamento dos homossexuais e outros devires minoritários. As tradicionais Faculdades de Direito precisaram repensar a homossexualidade. Esta investigação trata de coisas tão cotidianas e, no entanto, foi considerada tão inovadora. A Fraternidade Fria e a Exclusão Branda são poderosos instrumentos de expulsão dos ditos “anormais”. Categorias que eu gostaria muito de continuar a investigar em outras pesquisas, visto que apenas comecei a desnudar os problemas causados pela Exclusão Branda.

E - Finalmente

Brinde para a diversidade – Em janeiro de 2003, Porto Alegre foi sede de III Fórum Social Mundial. No Estádio Gigantinho foi construído o Museu da Diversidade. Fotos, gravuras, estátuas vivas, bandeiras das bandeiras⁴⁶, apresentações culturais etc. Neste museu a multiciplidade pulsava em todas as suas expressões. Fiquei observando por um bom tempo as reações das pessoas quando se aproximavam desses arranjos. Famílias passeavam pelo museu, homens caminhavam lado a lado de homens com mãos dadas

⁴⁶ A Bandeira das Bandeiras foi costurada durante o III Fórum Mundial Social em 2003, Porto Alegre, com bandeiras de vários países, etnias, credos e outros signos (como Direitos Humanos e movimentos ecológicos mundiais)

com outros homens. O quadro era harmônico. Neste espaço, a referência da heteronormatividade estava neutralizada.

Um quadro mutante - fazendo um “link” com as informações da assessora do Núcleo de Articulação das Temáticas Contemporâneas, podemos visualizar um importante processo em mutação: a aceitação da pluralidade sexual. Como já expliquei na Metodologia da Pesquisa, o Núcleo entende que trabalhar essas temáticas desarticuladas das outras políticas públicas não atinge o objetivo proposto. É preciso um grande movimento com fóruns internos na escola feitos com alunos, professores, a comunidade e a participação de outras instâncias. O olho começa a captar como “normal” aquilo que é vivido. Quando ocorre o grande encontro que encerra o projeto se a temática trabalhada for sexualidade, a homossexualidade já é vista como uma entre as formas da sexualidade humana. Assim como no Museu da Diversidade, no Bazar Mix, (Festival da Diversidade Sexual, Porto Alegre, abril de 2003) ou na Parada Gay, homenagem ao Dia Internacional do Orgulho Gay, o padrão heterossexual também foi rompido.

Falsa positividade – O que traz de bom “confessar-se” homossexual? Dorian sente-se atormentado pela idéia. Gostaria de conversar com os familiares sobre sua identidade secreta. “Dizer para todos quem ele é de verdade. Levar o meu namorado para tomar chá na sala com a família, com todos sabendo do lance. Só conseguirei ser feliz quando isto acontecer”. O professor Tomaz Tadeu da Silva, no seu artigo “A Produção Social da Identidade e da Diferença”, coloca que a identidade não é fixa, estável. Coerente, unificada e acabada. Tampouco a identidade é homogênea, definitiva, acabada, idêntica e transcendental. A identidade é uma construção.(Silva, 1997, pp 96-97). Um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A afirmação de uma identidade faz parte de uma extensa cadeia de expressões negativas de identidade e de diferença. Será que

os movimentos sociais de afirmação de uma identidade sexual homossexual não reforçariam ainda mais a fixação de linhas de segmentação dura? Foucault nos fala em um outro modo de vida, na multiplicidade das relações na qual a homossexualidade seria mais uma maneira de viver.

A Serpente e a toupeira – Uma parte da cidade se insere com harmonia no movimento da serpente que fala Deleuze no Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle (1990, pp 222-223). A Rede de Atendimento à Criança e ao Adolescente de Rua é um exemplo. Seu funcionamento acontece num espaço liso. Substituindo os antigos orfanatos, as crianças e/ou os adolescentes dormem num lugar, estudam em uma escola aberta, têm atividade lúdicas e sócio-educativas em outro. Ficando o confinamento obrigatório para crianças e adolescentes infratores. Outra parte continua fazendo o movimento esburacado da toupeira, presos em seu próprio orifício, não percebem as mudanças e continuam vivendo na sociedade disciplinar. Exigindo o controle e o acompanhamento de uma família que já não existe.

Ilhados – Dentro dos padrões nacionais e do estado RS poderíamos dizer que a Ilha de Porto Alegre rompe com alguns parâmetros. O pessoal que vem de fora sempre coloca esta cidade como uma ilha. Aqui acontecem os eventos, como os acima citados, com a presença do prefeito e do governador. Tais acontecimentos constam no calendário oficial das festividades da cidade. Esses eventos existem e mobilizam pessoas. Mas será que ao conviver, no seu cotidiano, essas pessoas realmente percebem essa pluralidade-sexual?

Preconceito – Visualizando o espaço das escolas pesquisadas, pode-se dizer que mudou a forma de ver a diversidade sexual, mas que o preconceito ainda permanece. O professor Carlos Skliar no seu artigo “A Invenção e a Exclusão da Alteridade ‘Deficiente’” a Partir dos Significados da

Normalidade, fala que “as fronteiras da exclusão aparecem e voltam a aparecer, se multiplicam, se disfarçam: seus limites se ampliam, mudam de cor, de corpo, de nome e de linguagem”. (1999, p 16). O preconceito continua a existir, os tempos mudaram, as regentes da doxa entraram no casulo e sofreram a metamorfose necessária para trocar a roupagem. Ou seja, ser perverso e brando.

Sexualidade exorcizada - Trabalhei, como dado a priori, a idéia da exclusão da homossexualidade ou da pluralidade sexual no ambiente escolar. A investigação, pelo menos a princípio, estava direcionada no sentido de pensar este problema no espaço da escola . Porém, muito mais do que não aceitar a pluralidade sexual, constatei no espaço pesquisado um problema bem mais complexo: a sexualidade como um todo é exorcizada da vida escolar, sendo considerados *personas non gratas* todos que de alguma maneira manifestarem essa sexualidade, sendo homossexuais ou não. Por hora, minhas pesquisas ficarão por aqui. Em outra oportunidade pretendo aprofundar a demonização do devir-sexualidade na escola e no currículo.

POST - SCRIPTUM

A gaia ferida

Fiadores de fantasmas – Sinto alegria em concluir esse trabalho, mesmo que tenham ficado pendentes algumas questões. Essa alegria, no entanto, é perturbada pela agressão que o nosso planeta está sofrendo. No dia em que estou concluindo o meu trabalho, uma guerra cruel completa quase dois meses, massacrou o Iraque e expôs sua população a um sofrimento sem tréguas. A maior potência financeira e bélica do planeta, Os Estados Unidos da América, invadiram e destruíram um pequeno país do Oriente Médio, embora em todos os países do mundo, inclusive nos próprios EUA, tenha havido manifestações pedindo paz. Não quero falar aqui de política internacional, quero deixar um registro humano, da tristeza que está acontecendo no Iraque. Um olhar de mãe, filha e amiga acima de tudo. São pessoas que morreram, ficaram mutiladas, traumatizadas. Multidões famintas estão aglomeradas em acampamentos precários, crianças que perderam seus pais, sua casa, suas referências.

Asnice magna - Os Estados Unidos invadiram o Iraque à procura de armas químicas, mesmo depois que várias inspeções da ONU no país, atestaram inexistência de tais armas. Não houve jeito. O país foi invadido e Bagdá arrasada. O que foi encontrado mais parecido com armas químicas foi um galpão agrícola com pesticidas para a lavoura. Um fiasco que ficará registrado na história da asnice universal. Saddam Hussein, Presidente do Iraque, foi considerado um Ditador assassino pelo Juiz Universal e presidente dos Estados Unidos, George Bush. Mais de 300 mil homens lutaram contra menos de oito mil. Há pouco tempo atrás a inteligência militar já havia fracassado na sua perseguição ao milionário saudita Osama Bin Laden, por sinal sócio do pai do presidente em uma das grandes companhias de petróleo. Bin Laden foi acusado de ser o promotor do atentado terrorista de 11 de setembro de 2002, onde foram destruídas as torres gêmeas do World Trade Center e morreram mais de cinco mil pessoas. Mesmo sem provas concretas da culpa de Bin Laden, o Afeganistão foi bombardeado e invadido. Junto com

as bombas os aviões atiravam pacotes de comida e remédios para as vítimas da opressão interna do Taliban, regime que governava o país, e da histeria do descontrolado presidente norte-americano.

Mistério das Arábias - Bin Ladem assim como Saddam desapareceram. Caçados pelos mais modernos métodos de guerra da maior potência do mundo sumiram numa nuvem de poeira em Bagdá. Ficaram feridas. A operação cirúrgica, além do Iraque já bombardeou o Kwait e o Afeganistão. Que cirurgião é este? Quem foram seus fiadores? O barril do petróleo quadruplicou o seu valor. Empreiteiras já se habilitam para reconstruir o Iraque. Alguém está lucrando com a dor e o sofrimento dos outros. Poderia ser qualquer um a estar lá neste momento. Iraquianos, americanos, ingleses, muçulmanos, católicos, soldados, civis, etc., serão apenas restos mortais depois de cessada a vida.

A escala – A figura de horror patrocinada pelos fascistas de plantão fica mais horrenda; pensamos na fragilidade humana perante os interesses dos poderosos. Hoje é a gasolina e amanhã? A água se tornara um bem raro? Nosso país se tornará alvo dessa cobiça? Sofrimento desnecessário. O massacre humano sempre é dispensável para qualquer comunidade. Inclusive aquele que faz o sofrimento (in) visível e diário do homossexual e de outros que se deixaram arrastar por seu devir minoritário. Deixaremos as barrigas anunciarem a vida e os sinos à morte.

IV – BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

ACQUAVIVA, Marcos Cláudio. **Vademecum da Legislação Forense.**: São Paulo Jurídica Ltda, 1998

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia – O Inferno.** São Paulo: 34, 1998

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia – o Paraíso.** São Paulo, 34 , 1998.

ARISTÓTELES. **Política.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

ARROYO, Miguel G. Ofício De Mestre: **Imagens e Auto- Imagens.** Petrópolis: Vozes, 2000,

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças.**São Paulo: Martins Forense, 2001.

BASBAUM, Leôncio. **Alienação e Humanismo.** São Paulo: Global, 1981

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do Erotismo: A Feminilidade e Suas Formas de Subjetivação em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOAVENTURA, Kloppenburg, Frei. **Compêndios do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis:Vozes, 2000.

BOBBIO, Norberto. A Era Dos Direitos. Rio De Janeiro: Campus, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos De Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998

BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon**. Livro II. A Grande Rainha. Rio de Janeiro: Imageo, 1989.

BRITZMAN, Deborah P. **O Que é Esta Coisa Chamada Amor. Identidade Homossexual e Currículo**. In Educação e Realidade. V.21. n.1, p.71-93. Porto Alegre: Ed. da UFRGS,1996.

CÂMARA, Cristina e Ronaldo Mussauer de Lima. **Histórias das ONGs, AIDS, E Suas Contribuições no campo das Lutas Sociais**. In Cadernos ABONG (Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais) São Paulo: Autores Associados, 1991.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre, Ed Universidade da UFRGS, 2002.

CHOMSKY, Noam. **11 De Setembro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

CORAZZA, Sandra Mara. **História da Infância Sem Fim**. Ijuí: Unijuí,2000.

CORAZZA, Sandra Mara. **Na Diversidade Cultural, Uma Docência Artística**. In Revista Pátio. Ano IV. N ° 17. Porto Alegre: Artmed. Maio/Julho, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara, **O Que Quer um Currículo: Pesquisas pós-críticas em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1965.

DELEUZE, Gilles, **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 2000

DELEUZE, Gilles e GUATTARI Félix. **O Que é Filosofia**. Rio de Janeiro: 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991
Documentos da Igreja:

DELORS, Jacques. Educação: **Um Tesouro a Descobrir**. São Paulo: Cortez, 2000

Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

DOVER, K.J. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ERIBON, Didier, **Michel Foucault e seus Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996

FERRARO, Alceu **Escola e Produção do Analfabetismo**: Educação & Realidade, v.12, nº 2. Porto Alegre, UFRGS, Jul.dez, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões.** Petrópolis: Editoras Vozes, 1999

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1999 A.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas.** São Paulo: Martins Forense, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade.** Martins Forense: São Paulo, 1999B.

FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor.** Alpiarça, Passagens, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense, 2000 A.

FOUCAULT, Michel. **Um Diálogo sobre os Prazeres do sexo: Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum.** São Paulo: Landy, 2000B.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais.** São Paulo: Forense, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder:** São Paulo: Graal, 2002

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína, **Usos & Abusos da História Oral,** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

GENTILI, Pablo. **Ocupar a Terra, Ocupar as Escolas: Dez Questões e uma História sobre a Educação e os Movimentos Sociais na Virada Do**

Século – In Identidade Social e a Construção do Conhecimento: Porto Alegre: SMED,1997.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Paulista,1993.

GRAÑA, Roberto B. (org.). **Homossexualidade, Formulações Psicoanalíticas Atuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

GRAÑA, Roberto B. **Além do Desvio Sexual: Teoria-Clínica-Cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

GREEN, James N. **Além do Carnaval a Homossexualidade Masculina no Brasil do século xx**. São Paulo. UNESP, 2000.

KRISTEVA, Júlia. **Estrangeiros Para Nós Mesmos**. Rio De Janeiro Rocco, 1994.

HARDT, Michael. **A Sociedade Mundial de Controle in Gilles Deleuze: uma vida Filosófica**. (Organizador) Eric Alliez. São Paulo: 34, 2000.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Lei N° 9.394. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Brasil.1996.

LIMA, Delcio Monteiro de. **Os Homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MARRÉ, Jacques Leon. **História de Vida e Método Biográfico**. Cadernos de Sociologia. V.3, nº3. P.55-88. Porto Alegre: Jan/Jul. 1991.

MAURO, Ítalo Eugenio. **Contra Capa da Divina Comédia de Dante Alighieri**. São Paulo: 34, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. – Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PAGELS, Elaine. **As Origens de Satanás: Um Estudo Sobre O Poder Que As Forças Irracionais Exercem na Sociedade Moderna**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Parecer da FAGED – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais. In – Educação e realidade Volume 21, nº 1. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

PICAZIO, Cláudio. **Diferentes Desejos: Adolescentes Homo, Bi e Heterossexuais**. São Paulo: GLS, 1998.

REVISTA NOVA ESCOLA – Edição Especial - **Parâmetros Curriculares Nacionais**-São Paulo: Fundação Victor Civita, Mantida pela Editora Abril, 1999.

Super Interessante. Edição 168. **Bela, Rica e Perigosa**. São Paulo: ED. Abril, Setembro de 2001

ROLIM, Marcos (Redator). **Relatório Da Sociedade Civil Sobre O Cumprimento, Pelo Brasil do PIDESC** (Pacto Internacional De Direitos Econômicos E Culturais). Brasília. Câmara dos Deputados, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **As Tensões da Modernidade**. Coimbra: Biblioteca Das Alternativas – Fórum Social Mundial, 2000.

SARMATZ, Leandro. **Tudo OK No Mundo Gay**. In Revista Super Interessante, edição nº 168. São Paulo, Ed. Abril, setembro/2001.

SCHELL, Bruno. **A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SEGATO, Rita Laura. **Santos e Daimones**. Brasília: UNB, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Vozes, 2001.

SKLIAR, Carlos. **A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir do significado da normalidade-** In educação e Realidade. Vol 24, nº 2. Porto Alegre, Ed da Universidade, 1999.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma História**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

STEPHANOU, Maria. **Tratar E Educar: Discursos Médicos** nas primeiras Décadas do Século XX. Porto Alegre, UFRGS, Tese de Doutorado, 1999.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record.

Sites Consultados:

Escolha sexual, ato sexual. Entrevista de Foucault a J. O 'Higgins.
<http://www.foucault.hpg.ig.com.Br/escolhato.html>.

Foucault: a crítica ao normal e ao evidente . O caso da homossexualidade
Wanderson Flor do Nascimento. [http://www. Foucault.
Hpg.ig.com br/ arto.html](http://www.Foucault.Hpg.ig.com.br/arto.html).

As Técnicas de si. FOUCAULT,
Michel.<http://Foucault.hpg.ig.com.br.esthetique.ttml>.

Da amizade como modo de vida – FOUCAULT, Michel.
<http://www.foucault.hpg.ig.com.Br/ametie.html>.

Michel Foucault, **uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade.**
Entrevista destinada à revista canadense Body Politic. [http. Foucault..
pg.ig.com.Br/sexpodident.html](http://Foucault..pg.ig.com.Br/sexpodident.html)

Uma estética da existência. Entrevista de Foucault ao Le Monde-15-
16,juillet,1984,p.XI. <http://www.Foucault.hpg.ig.com.Br/esthetique.html>

Nuances – [nuances&nuances. Com.Br](http://nuances&nuances.com.br)

Comunidade Cristã Gay de São Paulo. caehups@write.com

Grupo de Familiares de Homossexuais de Campinas.
Ursosdecampinas@vol.co.br.

Instituto Paranense 28 de Junho- INPAR- Conscientização e Direitos Humanos-
impar28dejunho@ig.com.br.

Dignidade – Curitiba – tinidavid@avalon.sul.com.br.

Instituto Arco-Iris – Florianópolis- inst.arco-iris@vol.com.br.

Secretaria Geral da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, r Travestis. Rio de Janeiro. [cnascimento@alternex.com.Br](mailto:cnascimento@alternex.com.br).

Associação da Parada do Orgulho gays, lésbicas e transexuais, são Paulo- betojesus@vol.com.br.

CAEHUSP –Centro Acadêmico de estudos da USP- caehusp@write.me lilikan@iname.com .

Cidadania Gay- Rio de Janeiro – aboudd67@hotmail.com.

Expressão – Campinas- [babado@supernet.com.Br](mailto:babado@supernet.com.br).

Rede um outro olhar - São Paulo – minaro@vol.com.

Bibliografia Consultada

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia – Purgatório**. São Paulo: 34, 2001.

AQUINO, Julio Groppa (organizador) **Diferença e Preconceito na Escola**. São Paulo: Summus, 1998.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, **Comissão de cidadania e Direitos Humanos**. Relatório Azul. Porto Alegre: AL/RS, 1996.

CORAZZA, Sandra Mara. Para uma Filosofia do Inferno na **Educação: Nietzsche, Deleuze e outros Malditos na Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1995.

COUSTÉ, Alberto. **Biografia Do Diabo: O Diabo como a sombra de Deus na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

DROSNIN, Michael. **O Código da Bíblia**. São Paulo: Pensamento Cultrix Ltda, 1997.

DELEUZE, Gilles e Parnet, CLAIRE. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência: Gangues, Galeras e o Movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

DORA, Denise Dourado e SILVEIRA, Domingos Dresch. **Direitos Humanos, Ética e Direitos Reprodutivos**. Porto Alegre: RML Gráfica, 1998

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCALT, Michel. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graall, 1999.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronília B. Gonçalves. O Jogo das Diferenças: **O Multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GULBENKIAN, Fundação. **Para Abrir as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

HUISMAN, Denis. **Dicionário de Obras Filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HAYEK, Samir El – Tradutor. **Alcorão Sagrado**. São Paulo: Marsam, 2001.

Hare, R. M. **Platão**. São Paulo: Loyola, 2000.

LEWIS, Bernard, **O Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LEVINAS, Emmanuel. **Do Sagrado ao Santo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **A Educação e a Complexidade do Ser e do Nada**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo; Cortez, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**, São Paulo: Martin Claret, Primavera de 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Martin Claret, Primavera de 2001.

MOTA, Manoel Barros da. (Organizador). **Ditos e & Escritos. Foucault.** Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MOTA, Manoel Barros da. (Organizador). **Ditos e & Escritos. Foucault.** Arqueologia das Ciências e História do Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MOTA, Manoel Barros da. (Organizador). **Ditos e & Escritos. Foucault.** Estética: Literatura e pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

PARDO, José Luis. **La Intimidad**. Valencia: Pre-Textos, 1996.

PETRONIO. **SATIRICOM**. São Paulo: Martin Claret, Primavera de 2001.

PINSKY, Jaime. (Organizador). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2000.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. **Banquete**. São Paulo; Martin Claret, Primavera de 2001.

QUEIRÓS, Renato da Silva. **Não vi e Não gostei: o fenômeno do preconceito**. São Paulo: Moderna, 1997.

RAGO, Margareth, ORLANDI, Luis B.Lacerda Orlandi e Neto, Alfredo Veiga.

Imagens de Foucault e de Deleuze: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DDP&A editora, 2002

.RABUSKE, Irineu J. **Jesus Exorcista. Estudo exegético e hermenêuticode**

Mc 3,20-30. São Paulo: Paulinas, 2001

.RIOS, Raupp Roger. **A Homossexualidade no Direito.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice. O Social e o Político na**

Pós-modernidade. Perdizes-SP: Cortez, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Organizador). **Antropologia do Ciborgue.** As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Organizador). **Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras.** Belo Horizonte: Autentica, 2000.

PORTOCARRERO, Vera e BRANCO, Castelo Guilherme. **Retratos de**

Foucault. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

THIOLLENT. Crítica **Metodológica, Investigação Social & Enquete Operária.**

São Paulo: Polis, 1980.

TORRES, Rosa Maria. **.Itinerários Pela Educação Latino-Americano:**

Cadernos de Viagem. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VI – ANEXOS

Questionário norteador das entrevistas com Dorian e Nicolau

- A) A escolarização, lembranças, emoções e sentimentos.
- B) Relação com colegas e professores.
- C) Primeiras atrações.
- D) Estranhamento com o padrão de heterossexualidade.
- E) Dúvidas sobre a permanência na escola.
- F) Experiências com pessoas do mesmo sexo.
- G) Escola, um mundo à parte da vida cotidiana.
- H) Escola, território livre de sexualidade.
- I) Liberdade de escolha e abandono escolar (Dorian e Nicolau).
- J) Mudanças religiosas, culturais e aceitação do homossexualismo.⁴⁷

Questionário norteador de entrevista com os educadores

- A) Disponibilidade de carga horária da escola para trabalhar os temas transversais (todas).

⁴⁷ Com exceção da primeira e da última questão, as outras foram um aprofundamento combinado entre os sujeitos e o pesquisador.

- B) Orientação pedagógica no caso de agressão homofóbica (todas)
- C) Planejamento dos fóruns internos e externos da escola (todas).
- D) Constituinte escolar (escola estadual).
- E) A articulação com os projetos regionais (todas).
- F) Plano Global da escola (escola particular).
- G) Oficinas de sexualidade (todas).
- H) A diversidade cultural, negritude e opção sexual (todas)
- I) Disponibilidade, sentimentos e contradições para falar sobre a sexualidade e a orientação sexual (todas).
- J) Livre discurso dos educadores sobre a aceitação ou não do homossexualismo (todas).